

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO – DEPARTAMENTO DE DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN – PPGD

WILLIAM GUEDES LINS JÚNIOR

**MEMÓRIA, IDENTIDADE E ARTEFATOS:
SIGNIFICAÇÃO DA BICICLETA PARA
O GRUPO *ONLINE* BICICLETADA RECIFE**

RECIFE
2015

WILLIAM GUEDES LINS JÚNIOR

**MEMÓRIA, IDENTIDADE E ARTEFATOS:
SIGNIFICAÇÃO DA BICICLETA PARA
O GRUPO *ONLINE* BICICLETADA RECIFE**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Design do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

Linha de Pesquisa: DESIGN, TECNOLOGIA E CULTURA

Orientadora: PROF^A. DR^A. KÁTIA MEDEIROS DE ARAÚJO

RECIFE

2015

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

L759m

Lins Júnior, William Guedes

Memória, identidade e artefatos: significação da bicicleta para o grupo online Bicicletada Recife / William Guedes Lins Júnior. – Recife, 2015.
142 f.: il., fig.

Orientadora: Kátia Medeiros de Araújo.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Design, 2017.

Inclui referências e anexos.

1. Memória. 2. Identidade. 3. Bicicleta. I. Araújo, Kátia Medeiros de (Orientadora). II. Título.

745.2 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2017-09)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA
DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
MESTRADO ACADÊMICO DE

William Guedes Lins Júnior

“Memória, Identidade e Artefatos: Significação da Bicicleta para o
Grupo *Online* Bicletada Recife.”

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: DESIGN E ERGONOMIA

A comissão examinadora, composta pelos professores abaixo, sob a presidência do
primeiro, considera o(a) candidato(a) **William Guedes Lins Júnior**
Aprovado.

Recife, 31 de julho de 2015.

Prof^ª. Kátia Medeiros de Araújo (UFPE)

Prof^ª. Virginia Pereira Cavalcanti (UFPE)

Prof^ª. Maria Grazia Cribari Cardoso (UFRPE)

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas duas famílias, uma feita do sangue e a outra das escolhas. Em especial, minha gratidão a Cristina Nancy e Amara Lúcia, respectivamente mãe e tia. Também a Amaro e José Valdemar, homens simples, meus avós, com quem significo lindas memórias sobre o trato com que tiveram comigo e o mundo das coisas.

Meu agradecimento à professora Kátia Araújo de Medeiros pela convivência e orientações. Junto a ela, também agradeço às professoras Virgínia Cavalcanti e Maria Grazia por terem feito parte da minha banca de qualificação e da defesa da dissertação. De todas vieram valiosas considerações e críticas, dosadas com objetividade, franqueza e respeito.

Muito obrigado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), à coordenação, a todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Design (PPGD) dessa instituição pelas oportunidades disponibilizadas para o meu crescimento acadêmico.

Na andança especialmente dos últimos dois anos, sou grato aos amigos Hugo Cavalcanti e Rafael Rattes, assim como às amigas Rosana Aires, Mabel Guimarães, Gabriela Jesumary e Marcela L'Amour. Da mesma forma, agradeço pelas ajudas das professoras Aline Lacerda e Rozário Botelho, especialmente e respectivamente, pelas discussões acerca da Psicologia Cognitiva e revisão em língua inglesa.

Agradeço à educadora física Sabrina Maia que veio me mantendo firme e forte desde o ano de 2012, confirmando em mim uma relação indissociável para a saúde: corpo e mente.

Obrigado aos amigos e colegas do PPGD que tive a oportunidade de conviver, criar laços afetivos e trabalhar junto, desde disciplinas isoladas que participei em 2012, ainda antes de ser aprovado para o curso de mestrado em 2013, até esta data.

Por fim, agradeço a todos que não citei aqui, mas que, certamente, não estaria aonde estou, seria o que sou agora, sem eles e elas.

Lembro assim: era uma tardinha morna de outubro ou dezembro. Tinha um sol derretendo. Ele se alaranjava junto à linha do horizonte quase toda à mostra. Do terreno baldio, as sombras da sua vegetação rasteira alcançavam, compridas, o asfalto novo e negro da rua. Tudo era imenso, e a minha avó Nancy me acompanhava a pé. Com os meus seis anos, eu experimentava a minha primeira bicicleta: era uma Caloi vermelha. Era liberdade, regozijo, descoberta.

RESUMO

Nesta pesquisa, como uma forma de responder sobre quem são os usuários do grupo Bicicletada Recife enquanto comunidade *online*, priorizamos uma discussão do fenômeno da identidade integrado com o da experiência, da memória e do significado da bicicleta na forma de constructo, recorrendo principalmente a contribuições teóricas das ciências sociais. Nesse processo, consideramos a internet como um artefato cultural – como uma possibilidade da expressão da cultura do mundo “real”. O termo Bicicletada ora tem sentido de evento (nas versões de movimento de rua e *online*) ora de grupo social. Enquanto movimento de rua, é principalmente identificado como grupo de indivíduos que se reúne nas últimas sextas-feiras de cada mês para andar de bicicleta pelas ruas da cidade na qual se encontra radicado. A origem da Bicicletada como organização *online* e de rua é internacional, atualmente com representações que incluem várias cidades brasileiras, sendo também conhecida como Massa Crítica ou *Critical Mass*. Consideramos a cidade do Recife como uma variável da pesquisa por meio de seus aspectos físicos e sociais. O estudo de caso foi providenciado através de um levantamento netnográfico puro não participativo e do tratamento indutivo de dados, tendo como resultado uma classificação do grupo *online* conforme sua temática abordada (a partir de “registros de memória”) e uma análise sobre significados por ele atribuído à bicicleta (“adjetivações”).

Palavras-chave

Memória. Identidade. Bicicleta.

ABSTRACT

In this research, in order to find out the users of *Bicicletada Recife* group as an online community, we prioritize an integrating discussion of identity phenomenon with the experience, memory and meaning of the bicycle on the way to construct, using above all, the theoretical contributions of the social sciences. For this case study analysis, we consider the internet as a cultural artifact – as a possible representation of the “real” world culture. *Bicicletada* organizations can be interpreted as event (as street or online movement) or as social group. As street movement, they are mainly identified as groups of individuals who meet on the last Friday of the month for cycling through in the streets of the cities in which they live. The origin of *Bicicletada* as online and street movement is international, currently with representative groups that include several Brazilian cities, also known as *Massa Crítica* (Critical Mass). We consider the city of Recife as a variable of the research due to its physical and social aspects. The study was arranged through a non-participant pure netnographic survey and inductive data processing, resulting in a classification of the online group according to the themes addressed (in the form of "memory registers") and an analyses on meanings it attributed to the bicycle ("*adjetivações*").

Keywords

Memory. Identity. Bicycle.

LISTA DE FIGURAS

<i>FIGURA 1 – Cartazes: a expressão da língua como forma de construção de uma memória coletiva</i>	36
<i>FIGURA 2 – Ciclistas</i>	38
<i>FIGURA 3 – O bem-sucedido e o fracassado</i>	39
<i>FIGURA 4 – Constructo gráfico EMSI</i>	49
<i>FIGURA 5 – Parcial do constructo gráfico EMSI</i>	50
<i>FIGURA 6 – Parcial do constructo gráfico EMSI</i>	50
<i>FIGURA 7 – Constructo gráfico EMSI: relação das variáveis memória, significado, identidade e a experiência direta</i>	51
<i>FIGURA 8 – Constructo gráfico EMSI: proposta final</i>	53
<i>FIGURA 9 – Ciclistas e corredores numa avenida de Bogotá</i>	55
<i>FIGURA 10 – Ciclistas</i>	55
<i>FIGURA 11 – Pedestres e ciclistas</i>	56
<i>FIGURA 12 – Ponto de locação de bicicletas</i>	56
<i>FIGURA 13 – Constructo gráfico EMSI: condicionamento das suas variáveis conforme pesquisa Bicicletada Recife. Objeto, pergunta e estratégia para trazer resposta à pesquisa</i>	59
<i>FIGURA 14 – Dados da segunda etapa de coleta: entre 10/02 e 02/03/2015</i>	62
<i>FIGURA 15 – Constructo gráfico EMSI: registros de memória como operacionalizadores empíricos da variável memória na pesquisa Bicicletada Recife</i>	62
<i>FIGURA 16 – Constructo gráfico EMSI: seleção das adjetivações e “falas” como operacionalizador empírico da variável significado na pesquisa Bicicletada Recife</i>	63
<i>FIGURA 17 – Resultado do processo seletivo de post representativo segundo técnica ARS</i>	68
<i>FIGURA 18 – Técnica de ARS (sociograma) e seleção de dados representativos</i>	70
<i>FIGURA 19 – Gráfico de barras: comparação do quantitativo absoluto de termos</i>	72
<i>FIGURA 20 – Gráficos de pizza: comparação do quantitativo percentual de termos</i>	73
<i>FIGURA 21 – Constructo EMSI condicionado e operacionalizado empiricamente conforme o caso grupo online Bicicletada Recife</i>	78
<i>FIGURA 22 – Símbolo Massa Crítica São Francisco – EUA, 1994</i>	81
<i>FIGURA 23 – Símbolos: Massa Crítica Rio de Janeiro - Brasil, Critical Mass Miami - EUA e Critical Mass Wellington - Nova Zelândia</i>	81
<i>FIGURAS 24 – Cartazes: chamadas, respectivamente, para Critical Mass em Budapeste - Hungria e Taiwan - China (designer: Hsuan Cheng Lin [Chris Lin].</i>	82
<i>FIGURA 25 – Cartaz Critical Mass/ Massa Crítica Maputo - Moçambique</i>	82
<i>FIGURA 26 – Cartaz convocatório para Bicicletada no Recife</i>	83
<i>FIGURA 27 – A bicicleta como catalizadora de significação na cidade do Recife</i>	85

<i>FIGURA 28 – Chamada para participação de ação bicicletada, relacionando-a ao movimento da sociedade civil organizada Ocupe Estelita</i>	<i>86</i>
<i>FIGURA 29 – Vista de um ponto da zona oeste do Recife: verticalização e adensamento</i>	<i>87</i>
<i>FIGURA 30 – Em Recife, vista parcial da estrutura desativada de galpões e antiga ferrovia federal, no interior do Cais José Estelita (2015.</i>	<i>88</i>
<i>FIGURA 31 – Ciclistas e agente de trânsito na Ciclofaixa de Turismo e Lazer</i>	<i>90</i>
<i>FIGURA 32 – Publicidade de candidato político e ciclistas na Ciclofaixa de Turismo e Lazer</i>	<i>90</i>
<i>FIGURA 33 – Ciclistas e tenda de produtos para ciclistas (à margem da Ciclofaixa de Turismo e Lazer_</i>	<i>91</i>
<i>FIGURA 34 – Ciclistas na Ciclofaixa de Turismo e Lazer/ ciclista na calçada: diferenças no propósito de uso, na tipologia das bicicletas/ acessórios e, de camada social</i>	<i>91</i>
<i>FIGURA 35 – Ciclistas tradicionais do Recife</i>	<i>93</i>
<i>FIGURA 36 – Análise de Rede Social - Post “Docecleta”</i>	<i>106</i>
<i>FIGURA 37 – Posicionamento dos agentes quanto ao pensamento da autora do post Docecleta</i>	<i>120</i>
<i>FIGURA 38 – Percentual dos agentes do post Docecleta quanto ao gênero</i>	<i>120</i>

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Domínios de estudo da identidade segundo Jean-Fançois Dortier _____	24
QUADRO 2 - A “identidade” sob a ótica de algumas disciplinas e algumas abordagens _____	25
QUADRO 3 – Delimitação dos posts/comentários analisados _____	65
QUADRO 4 – Classificação dos posts quanto à retratação de PAC (ênfase: Recife) _____	66
QUADRO 5 – Códigos de identificação dos usuários do grupo online Bicicletada Recife _____	77
QUADRO 6 – Estrutura cicloviária capitais Brasileiras até 2014 _____	92
QUADRO 7 – Classificação dos posts/comentários dos usuários agentes do grupo online Bicicletada Recife _____	95
QUADRO 8 – Adjetivações sobre ciclistas e tipos de pessoas _____	121
QUADRO 9 – Adjetivações sobre bicicletas, produtos e serviços _____	121
QUADRO 10 – Adjetivações relacionadas à empresa Doceleta _____	121

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Estrutura cicloviária recifense.....	92
TABELA 2 – Contagem de ciclistas no Recife - 2013/ 2014.....	93
TABELA 3 – Realce do estado identitário do grupo online Bicicletada Recife.	105

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
	1.1 NATUREZA DO TRABALHO.....	12
	1.2 OBJETO DE ESTUDO	13
	1.3 OBJETIVOS	14
	1.3.1 Geral.....	14
	1.3.2 Objetivos específicos	14
	1.4 PERGUNTAS PRINCIPAIS	15
	1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	15
	1.6 ALGUMAS JUSTIFICATIVAS (E PROBLEMATIZAÇÃO)	17
	1.6.1 Qual a pertinência da temática da identidade e da memória para o design?	17
	1.6.2 Por que uma discussão integrada memória- significado-identidade?	18
	1.6.3 Por que a pesquisa identitária do Bicicletada Recife?	19
	1.6.4 Por que a pesquisa identitária do Bicicletada Recife enquanto comunidade <i>online</i> ?	20
2	IDENTIDADE, MEMÓRIA E SIGNIFICADO.....	21
	2.1 IDENTIDADE: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	21
	2.2 DOMÍNIOS DE ESTUDO DA IDENTIDADE E ALGUMAS DISCIPLINAS RELACIONADAS	24
	2.3 IDENTIDADE E DESIGN.....	28
	2.4 MEMÓRIA E REGISTRO DE MEMÓRIA	32
	2.5 A MEMÓRIA INDIVIDUAL, A MEMÓRIA SOCIAL E A MEMÓRIA COLETIVA	35

	2.6 SIGNIFICADO	37
	2.7 UMA RELAÇÃO: EXPERIÊNCIA DIRETA, MEMÓRIA, SIGNIFICADO E IDENTIDADE	39
3	IDENTIDADE E LUGAR	41
	3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	41
	3.2 A INTERNET COMO ARTEFATO CULTURAL E O CIBERESPAÇO ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DA CIDADE	41
	3.3 A CIDADE SÓLIDA E A CIDADE LÍQUIDA	44
	3.4 A CIDADE COMO VARIÁVEL: A ESCOLA DE CHICAGO ..	45
	3.5 QUANDO O ESPAÇO É SIMBÓLICO: O PARADIGMA DO ESPAÇO SOCIAL DE PIERRE BOURDIEU	46
4	POR UM MODELO DE OBSERVAÇÃO E ANÁLISE	48
5	METODOLOGIA	54
	5.1 ETAPAS METODOLÓGICAS DO ESTUDO DO CASO BICICLETADA RECIFE.....	54
	5.2 GRANDE ENTRADA.....	54
	5.3 ESCOLHA DA COMUNIDADE <i>ONLINE</i> (GRUPO <i>ONLINE</i>)	57
	5.4 CONDICIONAMENTO DO CONSTRUCTO EMSI.....	58
	5.5 OBSERVAÇÃO DO GRUPO <i>ONLINE</i> : IMERSÃO.....	59
	5.6 COLETA DE DADOS	61
	5.6.1 Aspectos gerais da coleta dos dados	61
	5.6.2 Proposta de operacionalização empírica da variável <i>memória</i> : coleta de registros de memória	62
	5.6.3 Proposta de operacionalização empírica da variável <i>significado</i> : coleta de <i>adjetivações</i>	63
	5.7 TRATAMENTO DOS DADOS	63
	5.7.1 Síntese sobre o tratamento dos dados.....	63

	5.7.2 Procedimentos relacionados à classificação temática e adjetivações.....	64
	5.7.3 Triagem através de técnica estruturalista de Análise de Rede Social (ARS) e confirmação através de técnica de análise lexical	68
	5.7.4 Emprego de técnicas de análise de conteúdo	73
	5.7.5 Nomeação dos usuários e ética da pesquisa	74
	5.7.6 Apresentação final da proposta analítico-interpretativa do caso Bicicletada Recife.....	78
6	ESTUDO DE CASO	80
	6.1 CRITICAL MASS, BICLETADA RECIFE E A BICICLETA NA CIDADE DO RECIFE	80
	6.2 RECIFE: UM CONTEXTO URBANO E SOCIAL.....	85
	6.3 ESTADO IDENTIDÁRIO DOS USUÁRIOS DO BICICLETADA RECIFE.....	94
	6.3.1 Classificação dos <i>posts</i> /comentários conforme temática	94
	6.3.2. Interpretação de seleção de comentários (registros de memória)	99
	6.3.3 <i>Post</i> Docecleta: resultado analítico-interpretativo de adjetivações.....	118
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
	7.1 SOBRE A APROPRIAÇÃO TEÓRICA E ESTRATÉGIAS DA ESCRITA	129
	7.2 SOBRE O CASO BICICLETADA RECIFE: METODOLOGIA E RESULTADOS.....	131
8	REFERÊNCIAS	137

1 INTRODUÇÃO

1.1 NATUREZA DO TRABALHO

Temos aqui uma pesquisa cuja modalidade é *exploratória*: um trabalho bibliográfico associado a um trabalho de campo. No entanto, advertimos que o foco está nas discussões teórico-conceituais e processos metodológicos discutidos – no aspecto bibliográfico – que introduzem o estudo de caso do grupo Bicicletada Recife enquanto comunidade *online*¹.

No aspecto teórico, enfatizamos acerca de binômio identidade-memória, considerando aspectos da sua indissociabilidade.

Para o estudo de caso, embora consideremos a hipótese de que características ligadas à estruturação física e social do Recife influenciam de forma particularizada o estado identitário do grupo recifense, não temos essa pressuposição como base essencial para a deflagração do seu desenvolvimento. Temos hipóteses bem mais como parte dos resultados deste trabalho tal como nos pareceu alertar Laurence Bardin (2011) sobre alguns tipos de pesquisa que têm técnicas de análise de conteúdo como operacionalizadoras.

Através de *constructo*² caracterizado por uma articulação de fundamentos psicológicos e, sobretudo socioantropológicos da memória, significado e identidade, oportunizamos uma proposta de representação da realidade. Com o auxílio dessa sistematização, providenciamos uma análise sobre quem é o Bicicletada Recife enquanto comunidade *online*. Como base para o desenvolvimento do *constructo* e como suporte teórico para interpretação dos dados do estudo de

¹ Optamos por grafar essa palavra tal qual está apresentada no livro de Kozinets (2014), uma das nossas principais referências bibliográficas. Isto é, adotamos “*online*” em detrimento de “on-line”. Esta consideração também cabe à grafia da palavra “*offline*” que é utilizada neste trabalho em detrimento de “off-line”.

² Esclarecemos que “um *constructo* é uma variável – conjunto de termos, de conceitos e de variáveis –, isto é, uma definição operacional robusta que busca representar empiricamente um conceito dentro de um quadro teórico específico” (MARTINS; PELISSARO, 2005, p. 83); que, “frequentemente, devemos não só estar aptos a observá-los, mas também a medi-los” (SELLTIZ et al., 1987 apud MARTINS; PELISSARO, 2005, p. 83); e ainda que *constructos* “[...] podem ser entendidos como operacionalizações de abstrações que os cientistas sociais consideram nas suas teorias, tais como: produtividade; valor de uma empresa; status social; custo social; inteligência; risco, etc. e que “[...] poderá ser um embrião de um modelo” (MARTINS; PELISSARO, 2005, p. 83).

caso, recorremos ao paradigma sociológico da “memória coletiva” de Maurice Halbwachs (2006) sob advertência do que seria o “colapso das grandes memórias organizadoras”³ referenciado pelo antropólogo Joël Candau (2014). Também recorremos aos paradigmas sociológicos da “modernidade líquida”⁴ sinalizada por Bauman (2003, 2005, 2009) e do “espaço social”⁵ proposto por Pierre Bourdieu (2011, 2015). Do historiador e pesquisador do design, Rafael Cardoso (2012), aproveitamos sua escrita sobre memória, identidade e design. Aspectos teóricos sobre o papel da cidade como um determinante de comportamentos também são abordados por via de uma atenção à “ecologia humana”⁶ (PARK; BURGESS; MCKENZIE apud CANCIAN, 2015).

1.2 OBJETO DE ESTUDO

Temos dois objetos de estudo. (1) O primeiro e principal é a teoria sobre o tema da identidade em associação com o da experiência, da memória e do significado, preponderantemente desenvolvida a partir de contribuições das ciências

³ Para introduzir sinteticamente esse paradigma, parafraseamos Candau (2014, p. 181-189): ele descreve que “grandes memórias organizadoras” são aquelas desenvolvidas no interior de um grupo social a partir de fortes processos de assimilação de “estruturas”. Essas estruturas são formas abstratas tomadas por esse grupo como suporte de memorização, tais como: a musicalidade de uma língua que é identificada por um recém-nascido como meio para a sua aprendizagem, as formas que diversas narrativas são apresentadas (doutrinas, contos, relatos, etc.) e que proporcionam duravelmente uma manutenção de representações, crenças e opiniões compartilhadas através de um sentimento de unanimidade. São instituições como Estados, igrejas, escolas, famílias que, através de difusão de suas práticas, ajudam a manter “grandes memórias organizadoras”, porém, essas mesmas seriam acometidas, hoje, por conjuntura sociocultural mais complexa permeada por rápidas transformações, não dispendo mais da mesma força e tempo para serem assimiladas.

⁴ Como forma de sintetizar o pensamento de Bauman (2003, 2005, 2009) expresso em algumas das suas obras, vivemos momento caracterizado por condições de fragilidade e rápidas mudanças sociais. Conforme sua reflexão, na atualidade, somos acometidos por estados e sentimentos de incerteza, insegurança e medo, com reflexo na organização política, na configuração material urbana – a arquitetura se tornou defensiva, de fortalezas, e engessada por dispositivos de segurança –, na forma como operacionalizamos as nossas instituições, como estabelecemos relações pessoais e de trabalho – estas marcadas por uma dinâmica de conexões – e uma cultura que pode ser descrita por princípios do consumismo, do imediatismo, do individualismo e da busca pela realização de prazeres. A “Modernidade Líquida”, como se refere Bauman (2003) ao conjunto dessas características – estados, sentimentos, operacionalizações e comportamentos –, não é um conceito análogo ao da “Pós-Modernidade”, devendo ser compreendido como uma fase tardia da Modernidade já deflagrada, o estado “líquido” (instável, fluido) de uma mesma “matéria” que já teve sua fase “sólida”.

⁵ No capítulo 3, seção 3.5, sintetizamos sobre o paradigma de Pierre Bourdieu (2011, 2015), fazendo um esclarecimento sobre o que ele conceitua como espaço social.

⁶ Detalhamento no capítulo 3, seção 3.4.

sociais, e o segundo é (2) o “estado identitário”⁷ dos usuários do “grupo”⁸ “fechado”⁹ Bicletada Recife (comunidade *online*).

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

Articular discussões teóricas da experiência, da memória, do significado e da identidade, fundamentadas principalmente em contribuições das ciências sociais (antropologia e sociologia), além de recorrer à psicologia (cognitiva) como forma de instrumentalizar metodologicamente a pesquisa em design.

1.3.2 Objetivos específicos

- Formular constructo a partir da teoria discutida e resultados de experimentos realizados pela neurociência.

⁷ Neste trabalho, para o termo “estado identitário”, designamos o sentido de um “recorte” (um intervalo, um lapso) no tempo e no espaço do que concordamos ser um fenômeno processual contínuo da “identidade”, descrito por Bauman (2005) como frágil e provisório. Deve ser recebido como uma forma estratégica de lidarmos pragmaticamente com a visão de identidade acatada, à medida que, mesmo sendo percebida dentro de uma dinâmica sociocultural contemporânea “líquida”, ainda assim, carece de ser “mensurada” ou “diagnosticada” segundo propósitos do design, como meio de subsidiar uma solução de projeto. Buscamos, dessa maneira, uma conciliação com a expectativa do design no que tange à sua preocupação em “identificar perfis de usuários” e, mais que isso, de diagnosticar sobre o significado que determinados grupos humanos constroem sobre o mundo *artefático*. Isso seria uma forma de distinguir esses grupos como possíveis representações de identidade, em níveis coletivos ou de generalizações. “Estado identitário”, em outras palavras, se trata de representação fragmentada e operacionalizada do que assentimos ser o processo de forjamento identitário. Em complemento, ao reconhecermos caducidade precoce para os “estados identitários” – nesses tempos “líquidos”, nada que ainda parece ter alguma forma permanece assim por muito tempo –, vislumbramos a importância da discussão, revisão e incremento das metodologias e estratégias que se aventuram numa arguição sobre “quem são os homens” – traduzindo-se aqui em: quais são, momentaneamente, as memórias e significados do meio *artefático* para eles – como maneira de projetar para eles.

⁸ Neste trabalho, nos referiremos várias vezes à comunidade *online* ou virtual Bicletada Recife, assim como ao ciberespaço no qual ela se insere, como “grupo”, respeitando a denominação popularizada nas redes sociais *online* e por seus usuários.

⁹ Conforme veiculado pelo *site* de relacionamento Facebook, através da página Central de Ajuda (<https://pt-br.facebook.com/help/220336891328465>), esse serviço oferece três opções de privacidade para os seus grupos. Eles podem ser públicos, fechados ou secretos. Na condição de grupo fechado, conforme esclarecimento do Facebook, “qualquer um pode ver”: o nome do grupo, quem está no grupo, a descrição do grupo, as marcações do grupo e encontrar o grupo na pesquisa. Porém, “somente membros atuais podem ver”: histórias sobre o grupo no Facebook (como no *Feed* de Notícias e na pesquisa) e o que os membros publicam no grupo.

- Introduzir, entre outras formas de sistematização da pesquisa, o constructo formulado, tendo o caso do grupo *online* Bicicletada Recife como caso piloto.
- *Analisar*¹⁰ o estado identitário do grupo *online* Bicicletada Recife.

1.4 PERGUNTAS PRINCIPAIS

A) Tendo em vista a recorrência prático-teórica do design à temática (conjunto de temas) da “identidade” e a contribuições das ciências sociais, que relações entre “identidade” e fenômenos da experiência, da memória e do significado podemos articular?

B) Qual o estado identitário do grupo *online* Bicicletada Recife?

1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta pesquisa é composta de sete capítulos.

No capítulo 2 – Identidade, Memória e Significado, trazemos nas suas primeiras seções, uma síntese dos pensamentos de alguns estudiosos representantes das ciências sociais, humanidades e do design, como Maurice Halbwachs (2006), Joël Candau (2014), Rafael Cardoso (2012), Zygmunt Bauman (2005), Pierre Bourdieu (2011, 2013, 2015) e Gui Bonsiepe (2011) sobre os fenômenos articulados neste trabalho. Na última seção (2.7), introduzimos uma *visão integrada* acerca desse arcabouço.

O capítulo trata de um panorama multidisciplinar da temática identidade e desse objeto como parte da discussão do design.

Esclarecemos sobre a delimitação das definições e principais fundamentos que abarcamos quando o assunto é significado e memória.

No capítulo 3 – Identidade e Lugar, tratamos de possível permeabilidade entre as manifestações do ciberespaço e espaço material, cibercultura e cultura “*off-*

¹⁰ Tal qual nos pareceu esclarecer Laurence Bardin (2011) a esse respeito, temos análise como processo de codificação de dados, podendo servir de subsídio para um processo interpretativo e de inferências.

line". Discutimos sobre a internet como artefato¹¹ cultural e representação de lugar.

A cidade, como cenário material e da organização social, assim como de espaço simbólico e imaginário, é discutida por meio de apropriação de alguns paradigmas que nos parecem dialogar com as identidades que nela se forjam. Dessa forma, providenciamos uma síntese sobre a condição das cidades numa perspectiva de representação coletiva (HALBWACHS, 2006), de lugar representado *online*, de um cenário físico e simbólico (BAUMAN, 2009) no qual se dão práticas e conflitos, ao mesmo tempo que pode influenciar nos nossos comportamentos (a cidade como uma variável - Escola de Chicago [PARK; BURGESS; McKENZIE apud CANCIAN, 2015]).

No capítulo 4 – Por um Modelo de Observação e Análise, apresentamos o processo de concretização da proposta de Constructo Gráfico-Conceitual Experiência Direta-Memória-Significado-Identidade (EMSI).

No capítulo 5, concentramos a maior parte da discussão dos processos metodológicos envolvidos no estudo de caso do grupo *online* Bicicletada Recife, tendo em vista que tais questões também são evocadas nos capítulos 4 e 6. Tratamos também de protocolos éticos envolvidos no trabalho.

No capítulo 6 – Estudo de Caso, trazemos dados físicos e socioculturais da cidade do Recife. Também assentimos sobre o uso da bicicleta nessa localidade e recorremos a forma que é descrito generalizadamente o Bicicletada Recife tanto como organização *online* quanto ação de rua. Nessa angular, em âmbito internacional, tratamos de outras representações descritas ou autoproclamadas como bicicletadas, massas críticas/ *critical mass*.

Para o estudo de caso Bicicletada, a variável cidade é introduzida no constructo EMSI. Na confrontação empírica desse instrumento, arguimos sobre o esta-

¹¹ "Artefato é um objeto feito pela incidência da ação humana sobre a matéria-prima: em outras palavras, por meio da fabricação." (CARDOSO, 2012, p. 47). É objeto dotado de funções e resultante da ação *configuracional* humana. Uma árvore é tão somente um objeto, mas uma mesa é mais que um objeto, é um artefato (LÖBACH, 2001). Detalhamos de forma a esclarecer que os artefatos, como ferramentas, podem ser compreendidos como tipos diferentes de sistemas, tais como aplicativos, línguas, a internet, tendo alguns deles, assim, natureza imaterial (CARDOSO, 2012).

do identitário dos usuários do grupo *online* pesquisado, operacionalizando as suas variáveis *memória* e *significado*, respectivamente nas formas de registros de memória e *adjetivações*¹².

Respondemos sobre a hipótese de que características ligadas à estruturação física e social do Recife influenciam de forma particularizada o estado identitário do grupo recifense.

Os registros de memória, na condição de *posts/comentários*, foram classificados conforme os assuntos reconhecidos. Com esse procedimento, seleção de comentários resultantes dessa ação foi interpretada conforme o quadro teórico desenvolvido. Também recorremos a um ensaio analítico-interpretativo de *adjetivações* de um *post* (*post* “Doceclela”).

No capítulo final (7), trazemos considerações gerais sobre a articulação teórica e metodológica, sobre conceitos e definições adotadas, sobre o constructo EMSI, sobre o estudo de caso do grupo *online* Bicicletada Recife e outros elementos da pesquisa. Apontamos aspectos considerados positivos do mesmo modo que fazemos ponderações, reflexões e autocrítica a respeito do trabalho de pesquisa. Dispomos também da exposição de algumas expectativas quanto a possíveis estudos numa almejada fase doutoral.

1.6 ALGUMAS JUSTIFICATIVAS (E PROBLEMATIZAÇÃO)

1.6.1 Qual a pertinência da temática da identidade e da memória para o design?

Assim como confere Candau (2014, p. 9, grifo nosso) que “[...] os conceitos de memória e identidade são fundamentais para qualquer um que tenha algum interesse no campo das Ciências Humanas e Sociais”, reconhecemos a importância dessa discussão também para o design, considerando sua relação indissociável com **temáticas sociais** e, por conseguinte, com objetos do estudo dos citados campos de conhecimento. Na introdução do livro *O Papel Social do Design Gráfico*, o organizador Marcos da Costa Braga (2011) expôs que o de-

¹² Significado da bicicleta reconhecido por meio de atributos ou qualidades imputadas a esse artefato dentro de um contexto sociocultural. Detalhamento feito no capítulo 6.

bate que foi proposto naquela publicação não se constituía em questionar se o design afetava a sociedade – percebida aqui como coletivo de representações identitárias – ou não. “Afinal, ele nasce para criar e transmitir mensagens para as pessoas.” (BRAGA, 2011, p. 7).

As sociedades como análogo de agrupamentos de identidades individuais e coletivas reivindicadas, têm a faculdade da **memória** (mecanismo seletivo e de construção de lembranças e esquecimentos) como o seu principal modelador¹³ (CANDAU, 2014; CARDOSO, 2012). Outrossim, concordamos com Ana Lúcia Santos Verdasca Guimarães (2007, p. 25) quando se referiu ao designer como “uma espécie de intérprete das necessidades materiais humanas”. E, ele, dessa forma, careceria de refletir sobre o mundo ao qual pertence e sobre a própria **identidade** como forma de alterar o entorno¹⁴.

1.6.2 Por que uma discussão integrada memória-significado-identidade?

Para a relação indissociável entre **identidade** e **memória** (CANDAU, 2014; CARDOSO, 2012), acrescentamos o **significado**. Isso porque a memória, além de faculdade, é um processo **representativo**. Ancorada numa dialética de mecanismos de seleção, combinação, manutenção e exclusão (CARDOSO, 2012), permite que possamos associar nossas impressões e vivências presentes com outras impressões e vivências pretéritas ou de terceiros. No sistema sinalizado, a memória se trataria de meio principal pelo qual o **significado** do mundo seria construído, definindo a nossa identidade (CARDOSO, 2012).

Prescindindo a relação integrante memória-significado-identidade aqui justificada como fonte de discussão para este trabalho, temos que os estudos do design já costumam estar atrelados à investigação dos **significados** que podem ser atribuídos aos artefatos (CARDOSO, 2012). Nesse sentido, esta disserta-

¹³ “Enfim, admite-se geralmente que memória e identidade estão indissolavelmente ligadas.” (HUERRE, 1996, p. 91 apud CANDAU, 2014, p. 10).

¹⁴ De forma integral, temos: “O designer, enquanto uma espécie de intérprete das necessidades materiais humanas, é também intérprete do mundo. Será somente refletindo sobre o mundo ao qual pertence e sobre a própria identidade que poderá alterar o entorno” (GUIMARÃES, 2007, p. 25).

ção se coloca como uma contribuição para a ampliação no estudo do significado nos aspectos teóricos e metodológicos.

1.6.3 Por que a pesquisa identitária do Bicicletada Recife?

Primeiramente, tratar de tema da identidade associado ao do significado da bicicleta, ou seja, através da mediação cultural representada por esse artefato, de forma abrangente, reflete a nossa atenção sobre um fenômeno de vulto internacional consolidado e com potencial de impacto sobre uma grande quantidade de pessoas no que diz respeito a questões da sustentabilidade, direitos urbanos e qualidade de vida: o uso da bicicleta nas cidades. O Bicicleta Recife, nesse caso, oportuniza um desvelamento localizado desse fenômeno global por meio de uma atenção de como peculiarmente os seus *agentes*¹⁵ podem se forjar e se articular frente à representação internacional a qual anuncia sua filiação prática e ideológica. O desvelamento proposto, para além de uma irrupção de valor antropológico ou histórico, nos lança bases para uma compreensão e um posicionamento crítico a respeito da nossa relação com o mundo que configuramos e que podemos nos dispor a configurar. Nesse sentido, consideramos que temos aqui um importante objeto do estudo e reflexão do design.

Em parte, justificamos a delimitação sobre o estudo de caso Bicicletada Recife por um sentimento de pertencimento à cidade do Recife. Por um lado, desse sentimento que se torna ação, emerge o desafio de um desvelamento rigoroso, isto é, que não sucumba à armadilha do nosso próprio olhar, como assim alertariam pesquisadores sobre o compromisso da ciência social. Por outro lado, a proximidade geográfica que podemos ter com, pelo menos, parte dos agentes Bicicletada Recife e com os quais também podemos acessar diretamente uma realidade local com seus aspectos físicos e sociais, nos privilegia na confrontação de alguns dados.

¹⁵ Utilizamos o termo “agente” em corroboração ao paradigma de Pierre Bourdieu (2011). Ele prevê que cada homem – e, no caso específico deste trabalho, cada usuário – é, principalmente, uma variante estrutural de um *habitus* de classe, acatando regras impostas pela estrutura cultural da sociedade na qual está inserido. Outrossim, a depender da posição desse agente nessa sociedade, ele também participará da transformação da sua estrutura. Temos assim, que os agentes, embora fortemente sujeitos de uma estrutura, também podem ser atores, no sentido de promotores de mudanças das suas regras.

1.6.4 Por que a pesquisa identitária do Bicicletada Recife enquanto comunidade *online*?

A internet é um forte meio de constituição e articulação do Bicicletada Recife. Para procurarmos saber sobre esse grupo, portanto, assentimos a relevância e a estratégia de uma imersão nesse ambiente da sua manifestação. Ainda mais, em linhas amplas, estamos atentos à perspectiva da internet integrada às práticas sociais cotidianas e triviais¹⁶ (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013), sendo veículo para a prática de *conexões*¹⁷ (BAUMAN, 2005) – uma importante modalidade de relacionamento na contemporaneidade –, em meio a um contexto de rápidas transformações socioculturais (BAUMAN, 2003, 2009).

O estudo do grupo *online* nos oportuniza atualizar a discussão da identidade e seu rebatimento para o campo do design enquanto teoria e método. Pois quando o design recorre à pesquisa do que poderemos relacionar a “identidades”, não se confirmaria a internet como ambiente oportuno para acompanhamento eficaz e eficiente do que configuraria um fenômeno das rápidas transformações socioculturais da atualidade (BAUMAN, 2005)?

Por fim, uma ressalva quanto ao recorte de pesquisa justificado acima: embora a perspectiva de proximidade das realidades *online* e *offline*, não confundiremos resultados sobre a comunidade *online* com os que seriam do Bicicletada Recife enquanto movimento de rua. Sobre esse ponto, salientamos que parte dos integrantes do Bicicletada *online* não participa do movimento *offline* (de rua).

¹⁶ A internet não seria “um ciberespaço monolítico ou ‘um não lugar’” (MILLER & SLATER, 2001, p.1 apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013, p. 167).

¹⁷ Conexão é uma prática contemporânea pela qual relações pessoais são estabelecidas por ferramentas tecnológicas, baseadas na vantagem de serem construídas pelo envolvimento de grande quantidade de pessoas e desfeitas facilmente sem o ônus de possíveis grandes justificações ou constrangimentos (BAUMAN, 2005).

2 IDENTIDADE, MEMÓRIA E SIGNIFICADO

2.1 IDENTIDADE: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Na concepção vulgar, a identidade é definida como “[...] conjunto de características (físicas e psicológicas) essenciais e distintivas de alguém, de um grupo social ou de alguma coisa” (PORTO, 2015) e, “[...] circunstância de um indivíduo ser aquele que diz ser ou aquele que outrem presume que ele seja” (FERREIRA, 2015).

Na Literatura, conforme apresenta Gui Bonsiepe (2011, p. 48, grifo do autor, grifo nosso), a “identidade” é descrita, “dentre outras, mediante a figura do sócia, resistindo que existe somente *uma* identidade para cada pessoa”. Ainda como termo e objeto temático vem sendo tratada na filosofia (ABBAGNANO, 2007; BONSIPE, 2011), na psicologia (BONSIPE, 2011) e nas ciências sociais e sociais aplicadas, como nos casos, respectivamente, da sociologia e antropologia (BAUMAN, 2005; CANDAU, 2014), e do design (BONSIPE, 2011; MORAES, 2006). Tal discussão, no entanto, permaneceu marginal até os anos de 1990 (DORTIER, 2010).

Recentemente, no campo sociocultural, a temática da identidade vem sendo discutida, como procurou sintetizar Alecir Carvalho (2012), a partir de elementos culturais, étnico-raciais, linguísticos e através de propostas que consideram nacionalidade e *territorialidade*.

Através do paradigma da Modernidade Líquida, o sociólogo Bauman (2003, 2005, 2009), que discorreu sobre quase todas (senão todas) possibilidades de abordagem sintetizadas por Carvalho (2012), destaca que

É realmente um dilema e um desafio para a sociologia – se você se lembrar de que, há apenas algumas décadas, a ‘identidade’ não estava nem perto do centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de mediação filosófica. Atualmente, no entanto, a ‘identidade’ é o ‘papo do momento’, é um assunto de extrema importância e em evidência. (BAUMAN, 2005, p. 22-23).

Bauman reaviva, então, o que seria o pensamento de Martin Heidegger ao refletir ele sobre a razão desse interesse:

[...] você só tende a perceber as coisas e colocá-las no foco do seu olhar perscrutador e de sua contemplação quando elas desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou o decepcionam de alguma outra forma. (BAUMAN, 2005, p. 23).

Ainda sobre essa questão, Carvalho (2012) sintetiza:

De certa maneira, pode-se pensar que o interesse por parte dos pesquisadores e estudiosos em refletir sobre essa temática seja provindo da observação da fragmentação de identidades individuais e coletivas na sociedade, tendo como fundamento fenômenos contemporâneos e eventuais consequências da modernidade. (CARVALHO, 2012, p. 11).

Em entrevista desenvolvida para o livro de Zygmunt Bauman (2005, p. 21, grifo nosso) intitulado *Identidade*, o jornalista Benedetto Vecchi expõe que “na imaginação sociológica, a identidade é sempre algo muito evasivo e escorregadio, quase um a priori, ou seja, uma realidade preexistente”. E cita o desenvolvimento teórico de Émile Durkheim como exemplo do que seria uma contradição. Durkheim, segundo o jornalista, tem as identidades coletivas sempre “como um pano de fundo” ao mesmo tempo que, no seu arcabouço teórico, ela aparece como “um objetivo, um propósito, em vez de um fator predefinido”. Bauman (2005) questionado sobre isso, concorda que:

[...] a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; [...]. Atualmente, é mais difícil esconder essa verdade do que no início da era moderna. [...] A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente. (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

Através de fala parecida com a de Bauman (2005) e tratando da figura do *outro* como referência para o *eu*, destacamos Candau (2014) quando sintetiza o estado da arte sobre o tema da identidade, no campo das ciências sociais:

Contra as concepções ‘objetivistas’^[18], ‘reificadoras’, ‘primordialistas’, ‘substancialistas’, ‘essencialistas’, ‘originárias’, ‘fixistas’ etc. de identidade, observa-se um relativo consenso entre os

¹⁸ Sobre concepções deterministas quanto aos processos identitários, como os casos da objetivista e da essencialista, assim como sobre concepções relacionais e situacionais – que tratam de “relação dialógica com o *Outro*” (CANDAU, 2014) –, indicamos leitura do cap. 6, intitulado *Cultura e Identidade*, do livro *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, escrito por Denis Cuche (1999).

pesquisadores em admitir que essa seja uma construção social, de certa maneira, sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o *Outro*. (CANDAUI, 2014, p. 9, grifo do autor).

Ao considerarmos o comportamental observado como meio pelo qual costumamos nos referir “ao que o outro é”, presumimos a “identidade” e o que pode ser julgado do comportamento do outro como qualidades equivalentes. Por via dessa abordagem, refletimos sobre o que passaria a ser uma relação dialética do conceito de *habitus*¹⁹ (BOURDIEU, 2011) com o da Modernidade Líquida, de Bauman (2005).

No que pareceria discrepante à teoria da identidade como situação provisória ou “algo a ser inventado” (BAUMAN, 2005), Bourdieu (2011) discorre sobre práticas (digamos comportamentos) e valores que, por efeito da nossa exposição ao *espaço social*, são por nós desenvolvidos tal como uma *incorporação*. Teríamos práticas adotadas por meio de forte influência sociocultural e que passariam a ser parte do nosso próprio corpo, sendo difícil de serem modificadas especialmente devido a processos de natureza inconsciente nos quais se constituiriam. Então, ao pressupormos que a “identidade” (enquanto comportamento) seja um processo de forte incorporação ou naturalização de códigos sociais (BOURDIEU, 2011), até que ponto isso negociaria com a sua provisoriedade (BAUMAN, 2005)?

Em refuto a uma leitura maniqueísta e possivelmente equivocada sobre os conceitos apresentados, consideramos que a “identidade” (enquanto comportamento) ao mesmo tempo que é afeita à estabilização²⁰, sucumbe a transformações. Pensamos que embora as modernas sociedades ocidentais possam ser descritas por agentes cujas práticas são amplamente determinadas por estruturas sociais – cada indivíduo seria fortemente uma variável estrutural de um *habitus* de classe (BOURDIEU, 2011) –, também concordamos que tais sociedades sofrem mais recentemente com uma fragmentação e fragilização justamente das suas estruturas

¹⁹ Uma síntese sobre *habitus* e outras elucidações que abarcam o paradigma de Bourdieu (2011, 2015) se encontram no capítulo 3 deste texto, através da seção “Quando o espaço é simbólico: o paradigma do espaço social de Pierre Bourdieu”.

²⁰ Quando Halbwachs (2006) tratou de estratégia que os homens adotam frente a imprevisibilidade, inconstância e condição individual da sua realidade existencial, buscando na manutenção da materialidade das suas cidades, representações e sentimento de estabilidade, convertidos numa memória compartilhada que os faria se compreenderem como grupo. Conferir capítulo 3 deste texto, seção A Cidade Sólida e a Cidade Líquida.

determinantes. Ademais, vale destacar que a teoria de Bourdieu (2011) também prevê certa **autonomia** dos agentes sociais.

Ainda sobre a mesma discussão, se apropriando do termo presente nos ensaios de Candau (2014), refletimos que processo de um “colapso ou esgotamento das grandes memórias organizadoras”, com consequência, por sua vez, na fragmentação e dissolução de identidades, sejam individuais ou coletivas, não revogaria o condicionamento ao qual estamos sujeitos por meio de estruturas sociais. Na atualidade, teríamos as estruturas sociais antes mais fortes e estáveis gradativamente sendo expostas a uma crescente dinâmica de enfraquecimento, fragmentação e caducidade precoce. Nesse processo, sem desaparecerem, elas teriam características mais “fluidas”, como descrito por Bauman (2005). Ao anuirmos como irrevogável a nossa condição de seres sociais, temos que, em algum nível, haveremos de manter vínculos e permanecer se organizando conforme algum tipo de estrutura social, tirando dela influência para nossos processos identitários.

2.2 DOMÍNIOS DE ESTUDO DA IDENTIDADE E ALGUMAS DISCIPLINAS RELACIONADAS

Segundo Jean-Fançois Dortier (2010), temos domínios de estudo da **identidade pessoal**, da **identidade social** e da **identidade coletiva**. As disciplinas que enfatizam aspectos ontológicos (do ser em si) ou da subjetividade se enquadrariam no domínio de estudo da identidade pessoal. As disciplinas que tratam da identidade conforme posições, papéis e códigos sociais se enquadrariam no domínio de estudo da identidade social. Já as disciplinas que tratam da identidade como uma reivindicação ou sentimento de pertencimento a um grupo estariam inscritas no domínio das identidades coletivas (Quadro 1).

QUADRO 1 - Domínios de estudo da identidade segundo Jean-Fançois Dortier.
Fonte: adaptado de Dortier (2010).

Domínio de estudo	Abrangência
Identidade pessoal	Aspectos ontológicos (do ser em si), da subjetividade.
Identidade social e estatutária	Papéis e os códigos sociais: faixa-etária, lugar na família, profissão, identidade sexual, engajamentos sociais.
Identidade coletiva	Reivindicações ou sentimento de pertencimento a um grupo.

QUADRO 2 - A “identidade” sob a ótica de algumas disciplinas e algumas abordagens²¹.

(Continua)

Domínio de estudo (DORTIER, 2010)	Disciplina	Termo empregado	Abordagem
Identidade pessoal	Filosofia		
	Linguística	Identidade linguística	Sotaque e conjunto de características discursivas (DITTRICH, Ivo José; LOPEZ, Débora Cristina, 2005).
	Literatura		Figura do sócia ou facetas de uma mesma pessoa.
		Normas e heranças culturais que podem ocultar uma pretensão hegemônica (de pressuposição de padrões universais e a sua legitimação frente a outros).	
		Estado físico e psicológico.	
Identidade social e estatutária	Psiquiatria. Psicologia.	Transtorno de identidade	Diagnóstico de patologia mental.
		Identidade pessoal	Sentido de si próprio (<i>self</i>).
			Busca de si.
	Facetas de um sujeito: o “eu material”, o “eu social” e o “eu consciente”. Respectivamente, o corpo; o papel social, e; o sentimento de autonomia e vontade (JAMES, William apud DORTIER, 2010).		
	Psicologia Social.	Identidade pessoal	Teoria do Autoespelho ou do <i>Footing Glass self</i> (COOLEY, Charles Horton): preconiza que a avaliação que uma pessoa faz de outra afeta e pode até alterar a visão dessa segunda sobre ela mesma.
			Teoria do Desenvolvimento Psicossocial: a gênese da identidade depende da interação com o outro. “É o encontro com o outro que permite definir-se, por identificação e/ou oposição.” (ERIKSON, Erik Homburger apud DORTIER, 2010).
	Sociologia	Identidade social	Teoria de Mead ou <i>Theory of Social Self</i> (MEAD, George Herbert, 1934 apud DORTIER, 2010): a formação do eu depende interação social.
		Identidade masculina, ident. no trabalho, etc.	<i>Status</i> e papéis sociais.
		Conflitos identitários.	Conflitos étnicos.
		Identidade nacional, ident. religiosa, etc.	Culturas de grupo. Nações. Minorias culturais, religiosas ou étnicas.
Crise de identidade. Fragmentação de identidades.		Constatação comum de sociólogos contemporâneos de <i>desinstitucionalização</i> dos quadros sociais e das crises dos modelos de socialização (CANDAU, 2014; DORTIER, 2010).	
Identidade.		Condição do que é sempre provisório: “[...] algo a ser inventado, e não descoberto” (BAUMAN, 2005, p. 21-22).	
—		⊗	
Identidade Coletiva (continua)			O indivíduo é fortemente uma variante de um <i>habitus</i> de classe: <i>incorpora</i> estruturas sociais (BOURDIEU, 2011, 2015).

²¹ O desenvolvimento do Quadro 2 se trata de síntese baseada nas informações e citações contidas, principalmente, no Dicionário de Ciências Humanas, de Jean-François Dortier (2010, p. 282-284), verbete Identidade e, no livro Design, Cultura e Sociedade, de Gui Bonsiepe (2011, p. 43-79), capítulo Identidade – Contraidentidade do Design.

(continuação)

<p>↓</p> <p>Identidade Coletiva (continuação)</p> <p>↑</p> <p>Identidade pessoal</p>	Antropologia		
	História		
	Ciência política	Ilusão identitária	Desaprovação da ideia de “tradições culturais”, quando essas podem ser analisadas como fenômenos recentes (DORTIER, 2010).
		Estratégia identitária	Apropriação que certos grupos ou comunidades fazem de representações (imagens, símbolos, etc.), reivindicando autonomia no quadro de uma mobilização política (BAYART, 1996 apud DORTIER, 2010).
	Design	Identidade cultural (BONSIEPE, 2011)	Cultura de grupos.
		Identidade de design (BONSIEPE, 2011)	<p>Possibilidade, por exemplo, de um design tipicamente brasileiro, italiano, japonês, isto é, que podem ser distinguidos entre si.</p> <p>Conforme Bonsiepe (2011, p. 48), relacionado a:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reservatório de formas. • Combinações cromáticas. • <i>Patterns</i>. • Estilo (tal como na Hist. da Arte). • Inconfundibilidade. • Materiais e sua elaboração. • Exótico. • Artesanato. <p>E que se materializa como (BONSIEPE, 2011, p. 77):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conjunto de características formais ou cromáticas (<i>stilemi</i>). • Produtos característicos de uma cultura. • Uso de materiais locais e métodos de fabricação voltados para eles. • Aplicação de método projetual específico (com base em uma tradição). • Temática específica do contexto.
		Design de identidade. Política de identidade. (BONSIEPE, 2011)	<i>Branding</i> : “a soma de todas as características que tornam uma marca ou uma empresa inconfundível e singular” (PAULMANN; DOUBLE LOOP, 2005, p. 125 apud BONSIEPE, 2011, p. 55).
		Identidade corporativa	Logotipos, símbolos gráficos e outros produtos relacionados ao <i>branding</i> .
	Hist. da Arte		<p><i>Style</i>*: hábitos na vida cotidiana, comportamento. (BONSIEPE, 2011).</p> <p>*Diferentemente da interpretação de Bonsiepe (2011), integramos o comportamento à definição de identidade.</p>
			Estilo: “[...] traços comuns e reconhecíveis de uma configuração transindividual” (BREDEKAMP apud BONSIEPE, 2011, p. 52).

(conclusão)

O Quadro 2 sintetiza sobre algumas disciplinas e algumas abordagens relacionadas a elas conforme o que preferimos dispor em uma aproximação com os três domínios de estudo sugeridos por Dortier (2010). Tais disposições foram baseadas no que extraímos das elucidações preconizadas por autores como o próprio Dortier (2010). Tal forma de apresentação não deve ser conferida por meio de uma visão pela qual todas as disciplinas exibidas teriam fronteiras absolutamente definidas quanto aos domínios de estudo.

Ainda sobre o Quadro 2, cautelamos que a coluna “abordagem” guarda conceitos que podem ser compartilhados entre disciplinas, embora tenham sido apresentados associados especificamente a uma ou outra.

Apesar de termos em vista o risco de a “identidade” poder se tornar uma noção vaga e inconsistente, servindo para designar fenômenos que teriam apenas em comum esse nome (DORTIER, 2010, p. 282), conforme as definições e o estado da arte da teoria discutidos até este ponto, e considerando propósitos pragmáticos do design, a trataremos da seguinte maneira:

Conjunto de características que pode ser tomado como forma distintiva de alguém, de grupo social ou de alguma coisa através de uma construção ontológica e social. Quando referente a pessoas, as características podem ser psicológicas, físicas, socioculturais²² e comportamentais. É o efeito de um processo estratégico ou reivindicatório realizado através de duas perspectivas: pelo *eu* sobre si mesmo e pelo *outro* sobre esse *eu* e vice-versa (jogo relacional). Nesta última perspectiva, também pode ser resultado de uma imposição²³. Nos possíveis processos descritos da sua constituição, depende principalmente do mecanismo da memória como faculdade e representação, sendo esse um dos

²² Advertimos que Denis Cuche (1999) tratou de distinção entre cultura e identidade. No entanto, em restrição às práticas do design, aproximamos os conceitos a partir da perspectiva de que podemos julgar o perfil de usuários ou “o que o outro é”, por meio do que temos como seus comportamentos e aspectos culturais ligados ao uso, consumo e significação dos artefatos.

²³ Denis Cuche (1999) adverte que nos processos de construção social, por meio de interesses individuais ou de grupos, do poder que determinados grupos exercem sobre outros ou do controle dos Estados sobre os homens, a “identidade”, além de uma estratégia, também pode ser o resultado de uma imposição. Como exemplo, cita grupos que são estigmatizados por outros através de características étnico-culturais e que ainda, em alguns casos, podem correr risco de morte se não assumirem aquilo que lhes é atribuído como “identidade”.

meios para significação que fazemos sobre nós mesmos, sobre os outros e as coisas que nos cercam.

A definição de identidade a qual adotamos, assim como a descrição sobre mecanismos da sua constituição, foram influenciadas principalmente por pensamentos de Bauman (2005), Bourdieu (2011, 2015), Halbwachs (2006), Cuche (1999) e Candau (2014). Para tal definição, também relatamos a influência da articulação teórica de Cardoso (2012) e Bonsiepe (2011) quando nos acrescentaram com explicações sobre relação “identidade” e design. Esses autores, respectivamente, trataram de questões da psicologia cognitiva e sobre a “identidade” enquanto temática de outras disciplinas. Quanto a este último aspecto, reiteramos sobre as contribuições de Dortier (2010), quando discorre sobre categorização dos domínios de estudo da identidade.

2.3 IDENTIDADE E DESIGN

O assunto da identidade está presente em estudos e práticas do design de diversas maneiras. Ele tem sido delimitado como política e ação do *branding*²⁴ – design de identidade (PAULMANN, 2005 apud BONSIEPE, 2011; CARDOSO, 2012) –, como conjunto de características distintivas da produção material dos povos – identidade do design (BONSIEPE, 2011) –, como características materiais e produtivas ligadas a um determinado artefato, e mais amplamente, é elemento da discussão da cultura material²⁵ (GUIMARÃES, 2007).

²⁴ “No discurso profissional do *branding*, identidade se define como ‘a soma de todas as características que tornam uma marca ou uma empresa inconfundível e singular’ ” (PAULMANN, 2005, p. 125 apud BONSIEPE, 2011, p. 55). Também temos Rafael Cardoso (2012, p. 90-91) quando diz que “na identidade criada entre marcas e consumidores, temos uma manifestação fortíssima dos meios intrincados pelos quais formas e significados são imiscuídos no mundo contemporâneo”. No tocante a esse tipo de construção identitária, Bonsiepe (2011, p. 59, grifo do autor) adverte que “O *branding* trata de problemas de comunicação, visando essencialmente a criação de uma predisposição para valorizações positivas”, colocação essa que se confirma crítica com o desenvolvimento do seu texto.

²⁵ O termo *cultura material* está relacionado com a finalidade ou sentido que os objetos têm para um povo numa cultura, ou seja, a importância e influência que exercem na definição da identidade cultural de uma sociedade. (INFOPEDIA, 2015).

Dijon de Moraes (2006) tratou da “identidade” brasileira como característica multicultural e mestiça²⁶ (MORAES, 2006). Ele sugeriu que esses atributos fossem estrategicamente orientados como diferencial na materialização de um design nacional competitivo e conciliado às características de um mundo globalizado de produção internacional e *pós-moderno*²⁷ (MORAES, 2006). Na apresentação do livro desse autor (Moraes), *Análise do Design Brasileiro - Entre Mimese e Mestiçagem*, Itilo lida retrata sobre quem são usuários a partir da descrição de comportamentos e expectativas gerais que os definem como os consumidores da atualidade (diremos, assim, que Itilo tratou da “identidade dos consumidores”):

Hoje, os consumidores tornaram-se mais informados e exigentes. Eles procuram não apenas aquilo que precisam, mas também aquilo de que gostam e amam. Isto é, buscam produtos que lhes proporcionem também emoção e prazer, além da funcionalidade. Produtos que possuam características específicas e que possam refletir as suas próprias personalidades. (IIDA, 2006 apud MORAES, 2006, p. 1).

Associando-nos a uma incursão histórica, caso os temas da “identidade” possam ser traduzidos, no âmbito restrito da teoria e metodologia do design, como aspectos culturais e comportamentais do usuário, os encontramos no período de pesquisa de sistemas de primeira geração, na década de 1960. Nesse período, o expoente Christopher Alexander (1964) considerou o contexto em sua proposta metodológica (BÜRDEK, 2010, p. 252-253). Tal enfoque lançou certo olhar sobre quem seriam os usuários dos projetos objetivados dentro de uma sistemática metodológica. Já na década de 1970, através da premissa que as funções dos artefatos podem ser observadas principalmente durante o uso, Löbach (2001) chama a atenção, ainda que indiretamente, à questão do que

²⁶ “No Brasil, a constante convivência entre povos distintos gerou um fenômeno múltiplo, plural e sincrético [...]. Este complexo fenômeno do multiculturalismo e mestiçagem presente em território brasileiro trouxe, para dentro da práxis da disciplina do design, elementos paradoxais [...]” (MORAES, 2006, p. 255).

²⁷ [...] este fenômeno ocorrido no design brasileiro [...] não lhe conferiu, por fim, valores simbólicos e icônicos estáticos, mas fluídos e renováveis. Estes aspectos [...] apresentam-se hoje, após décadas de amadurecimento do design local, como relevante riqueza e potencial diferencial competitivo. (MORAES, 2006, p. 256).

novamente seria, numa adaptação termológica que nos parece cabível, a “identidade” de usuários.

Consideramos, desde as pesquisas de sistemas de primeira geração (anos de 1960) até os anos de 1990, a passagem da hegemonia de metodologias com abordagens **dedutivas** para **indutivas** (BÜRDECK, 2010), pelas quais o usuário passou a receber mais atenção²⁸. Gradativamente, as premissas delineadoras do design começaram a ter mais como ponto de partida a experiência sensível, a transposição de dados particulares para dados gerais, inaugurando-se um período no qual a busca por respostas a respeito de quem são usuários ou possíveis usuários se torna crucial. Sobre isso temos que “O comportamento, desejos e necessidades do usuário [...] começam a ganhar atenção mais decisiva no processo de design e adoção de soluções” (ARRUDA, 2015, p. 15). Ou ainda, o que se confirmavam ainda como metodologias com pouca ou nenhuma arguição do usuário – que pressupunham dele aceitação ou adaptação aos artefatos projetados –, cederam grande espaço para as metodologias preocupadas em levantar através da consulta de tais usuários ou através dos seus atributos o que seria importante em um produto que eles usariam. Já a respeito do panorama sociocultural que estimulou a atenção sobre o usuário, Bürdek (2010) assinala que:

[...] a dissolução do funcionalismo com o *pós-moderno*, a fortalecida concentração da função comunicativa até os novos temas imateriais (como a interação e o design de interfaces) exigiu novos procedimentos e métodos. (BÜRDEK, 2010, p. 254, grifo nosso).

Quando tratamos da relação design e sociedade, também podemos estimar a relação design e “identidade”. O design, enquanto estratégia que objetiva atender a expectativas de significação de dados (SHEDROFF, 2014), de operacionalização e (des)materialização²⁹ da vida cotidiana (CARDOSO, 2012; REIS,

²⁸ Como exemplo disso, temos o Design Centrado no Usuário, na sigla em inglês, CDU (GOLIN et al., 2009; KARWOWISKI, 2005).

²⁹ “Desmaterialização” é a sucessiva redução do volume dos artefatos em razão do desenvolvimento tecnológico, com a transferência de parte de cada um destes para o universo imaterial do *software*. Apesar da importância do *software* neste processo, este não pode prescindir o fim do *hardware* como parte material do artefato, tendo em vista que “os sentidos humanos, res-

2009), em resposta a necessidades e aspirações³⁰ dos usuários (LÖBACH, 2001), assim como de conciliar e confrontar essas ações com prerrogativas comuns de sustentabilidade (CARDOSO, 2012) e qualidade de vida, está intrinsecamente ligado ao social³¹ (BRAGA, 2011; LINS et al., 2014). Está unido aos contextos sociais impelidos pelas dinâmicas dos grupamentos sociais que aqui podem ser conferidos como as possíveis expressões de identidades coletivas.

De forma geral, a partir do reconhecimento do sistema identidade-sociedade-cultura e introduzindo-o na especificidade da discussão do design, consideramos o fenômeno de uma relação interdependente – de retroalimentação – entre uma sociedade (que pode ser definida como representação macro de identidade) e os seus artefatos³² (LÖBACH, 2001).

Por fim, o designer, pesquisador e professor alemão Gui Bonsiepe, ao citar Bauman, destaca que, “no âmbito do design, podemos observar um processo [...]: identidade e globalização ocupam uma posição central no discurso atual do design” (BAUMAN, 2004, p. 140 apud BONSIEPE, 2011, p. 45, grifo nosso). E assim complementamos sua citação:

[...] pode-se dizer que “identidade”, hoje, se transformou num prisma através do qual são descobertos, captados e pesquisados outros aspectos atuais da vida contemporânea. (BAUMAN, 2004, p. 140 apud BONSIEPE, 2011, p. 45).

ponsáveis pela iniciação de todas as espécies de interações, são de natureza física e química, portanto materiais” (REIS, 2009).

³⁰ São os desejos, anseios e ambições dos homens, conforme paradigma Bernd Löbach (2001). As aspirações junto com as necessidades impulsionam os homens no uso e atribuição de funções para os artefatos.

³¹ Vale destacar que embora todo design seja social, considerando a angular ampla a que se propõe o texto, existe uma frente de interesses e ação específica denominada de Design Social. Conforme explicitou a pesquisadora Ana Verónica Pazmino (2007), Design Social se refere à atuação em áreas que não são de interesse da indústria e que podem proporcionar qualidade de vida através de suas soluções. Ele está unido, dessa forma, a ideias de uma responsabilidade moral e produção solidária, como sintetizou a pesquisadora.

³² Löbach (2001) profere que assim como as formas de vida dos homens determinam as formas do entorno material, estas também determinam aquelas. Trata-se, portanto, de um processo cuja via é de “mão dupla”.

2.4 MEMÓRIA E REGISTRO DE MEMÓRIA

A memória é um fenômeno discutido por meio de aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Está presente nos debates das humanidades, da biologia, da psicologia e das ciências sociais.

Do dicionário Porto (2015), dentre algumas definições, temos a memória destacada como “1. função geral de conservação de experiência anterior, que se manifesta por hábitos ou por lembranças; tomada de consciência do passado como tal. 2. lembrança, recordação.”

No design, entre algumas formas de enfoque, a temática da memória emerge de uma apropriação de teoria e experimentos da psicologia cognitiva, de trabalhos com transversalidade na história e antropologia que tratam da cultura material³³ (SILVA, 2015), e de pesquisas que consideram classe de objetos que fazem lembrar (DAMAZIO, 2006), estas conjugando de alguma forma as abordagens citadas.

O design costuma justificar seu interesse por temáticas da memória se ancorando, por exemplo, em senso patrimonial (SILVA, 2015) e nos estudos das emoções que são relacionadas aos artefatos. Isso porque, respectivamente, alguns artefatos são valorizados mediante aspectos históricos ou culturais com os quais são vinculados, e podem estimular determinadas práticas de uso.

Na perspectiva antropológica, ou tal como sugere Candau (2014, p. 21), na angular de uma “antropologia da memória”, podemos discutir formas de manifestação da memória principalmente enquanto representação (portanto, menos na condição de faculdade³⁴), desde o que seria individual a formas sociais. Com o enfoque esclarecido, tal pesquisador qualifica as memórias como fracas ou fortes e colabora para a sistematização da sua discussão por meio de decomposição em três níveis: protomemória, memória de evocação (de alto nível ou memória propriamente dita) e metamemória.

³³ Inclusive, também conhecido como estudo da “memória material”.

³⁴ Enquanto organização neurobiológica complexa.

De forma sintética, a distinção para Candau (2014, p. 44) entre uma memória forte e uma fraca estaria no poder da primeira em estruturar os grupos humanos (“memória massiva”), especialmente pequenos grupos, enquanto a segunda, de caráter difuso e sem força para compartilhamento, uma potencial forma de desorganização de sentido e “desnaturalização” de grupos. No entanto, reflete Letícia Matheus (2011) sobre a proposta de Candau (2014), se também as memórias fortes poderiam desorganizar sentidos quando funcionam como limitantes das lembranças.

Quanto aos três níveis de memória propostos por Candau (2014), como primeiro, a protomemória se confirmaria, por exemplo, como uma “memória social incorporada” (MATHEUS, 2011) nos gestos, nas práticas e na linguagem³⁵ (MATHEUS, 2011). Seria evidenciada, dessa forma, por meio de um processo inconsciente, automatizado e sem um julgamento prévio. Para ilustrá-la, temos Candau (2014) quando parafraseia situações descritas por Nobert Élias (1991): quando “Andamos de bicicleta sem cair ou saudamos uma pessoa que encontramos na rua adotando uma gestualidade incorporada, da qual nem nos damos conta [...]” (CANDAU, 2014, p. 23), estamos recorrendo à protomemória.

A memória, no nível de evocação ou propriamente dita

[...] é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.). A memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral da memória. (CANDAU, 2014, p. 23).

Por fim, a metamemória se trata de uma representação que fazemos da própria memória enquanto faculdade, sendo reivindicada para ser mostrada ou notada (ostensiva). Ela decorre da forma como nos filiamos ao passado, do nosso co-

³⁵ Conforme Letícia Matheus (2011), a protomemória poderia ser confundida com o *habitus* de Bourdieu (2009), considerando a fala de Candau (2014) sobre esse nível de memória. “Ainda lançando mão de uma categoria de Bourdieu (2009), a protomemória seria o próprio senso prático, segundo o qual o passado não chega sequer a ser representado.” (MATHEUS, 2011, p. 303).

nhecimento dela, do que dizemos dela e, dessa forma, se constitui de construção de identidade, no seu estado explícito. (CANDAU, 2014, p. 23).

Enquanto reafirmamos a metamemória como um instrumento de mediação ou representação, a protomemória e memória de evocação dependem diretamente, como esclarece Candau (2014), da **faculdade** da memória (de processos ontológicos e não exteriorizados diretamente). Ainda, para Candau (2014), conforme realça Matheus (2011), enquanto a protomemória e a memória de evocação não podem ser compartilhadas, restritas à uma dimensão de memórias individuais, a metamemória, como memória representada ou reivindicada ostensivamente, é compartilhada e sujeita aos efeitos de uma construção coletiva.

Quanto à condição não compartilhável da protomemória definida por Candau (2014), nos perguntamos se essa **faculdade** não possa, quando posta próxima ao conceito de *habitus* (MATHEUS, 2011), ser confundida como fenômeno passível de compartilhamento. Refletindo sobre as contribuições de Candau (2014) e Matheus (2011), temos que um esclarecimento a esse respeito pode estar na concepção da protomemória como o **senso prático em si** (Matheus, 2011), assim, podendo ser distinguida do que seria a sua **representação**. Sobre isso, meditamos acerca de uma diferença entre o **senso prático** e a **prática em si**, diríamos. O gestual de um agente desencadeado “naturalmente” por meio de uma situação qualquer, como acenar a mão ao rever um amigo, embora resultado de uma **faculdade** da memória (protomemória), não é o **senso prático em si**, mas a **prática que o representa**. Teríamos então que: o **senso prático** como **faculdade** está para a protomemória da mesma maneira que a **prática** como **representação** está para a metamemória. Anuindo a prática do aceno de mão como **representação**, nesta pesquisa, aproveitamos para destacar que temos um processo ainda mais indireto como objeto de análise. A considerar a distinção que interpretamos sobre prática e **senso prático em si**, a nossa análise se volta para representações de representações. Práticas que já se constituíam de representações de um **senso prático em si**, se tornam passíveis de

análise por meio de descrições feitas sobre elas, na forma de *posts*/ comentários.

Com base na teoria a qual nos expomos, focamos na memória como “[...] experiência *deslocada* de seu ponto de partida na vivência imediata” (CARDOSO, 2012, p. 74, grifo nosso), isto é, experiência reconstituída por meio de evocações do passado ou recordações (em nível de “memória de evocação”, em atenção à fala de Candau [2014]). Este processo seria **seletivo**, portanto caracterizado também pelos esquecimentos.

Como registros de memória, temos a definição de toda representação documental ou material de memórias, equivalente ao que Candau (2014) denomina como “traços de memória”³⁶. Análogos à metamemória, esses registros são suscetíveis a uma construção social (CANDAU, 2014) ou coletiva (HALBWACHS, 2006) e se tratam do objeto passível de observação. O conteúdo de registros que informa sobre comportamentos ou práticas dos agentes, como possíveis resultantes de incorporações (representações do senso prático em si), são vistos como matéria da análise empírica desta pesquisa.

2.5 A MEMÓRIA INDIVIDUAL, A MEMÓRIA SOCIAL E A MEMÓRIA COLETIVA

A memória foi tema do francês Maurice Halbwachs (2006), nascido em 1877 e morto pelos nazistas em 1945. Ele teve formação em filosofia e é reconhecido como sociólogo da Escola Durkheimiana. Seu pensamento inclui o desenvolvimento do conceito de **memória coletiva**.

Segundo Halbwachs (2006), em linhas sintéticas, a memória é um processo de **construção social**, encontrando na **cultura** – decorrente da apropriação e expressão da língua, mediante conversas e leituras, por exemplo (Figura 1) –, na **afetividade ou afinidade dos grupos**, algumas das suas principais formas de incremento e manutenção. Para ele, uma memória individual seria permeada, em seu desenvolvimento, por aquela dos grupos os quais fazemos parte ou simpatizamos: uma memória coletiva. Ainda que Halbwachs (2006) não negue

³⁶ Impressões, relíquias, vestígios, ruínas, arquivos e objetos (CANDAU, 2014).

a existência de memórias puramente individuais, essas seriam expressas de maneira muito limitada frente ao quadro geral de manifestação do fenômeno da lembrança.

Para a atualidade, é questionado o grau de pertinência de “retóricas holistas” (CANDAU, 2014) ou ensaios como os de Halbwachs (2006). Candau argumenta

[...] que em um contexto de esgotamento de grandes memórias organizadoras do laço social, em época marcada pelo retrocesso de memórias fortes em proveito de memórias múltiplas, confusas e oportunistas, o recurso às *retóricas holistas* (memória coletiva, identidade coletiva etc.) para descrever as relações entre memória e identidade à escala de grupos torna-se cada vez menos pertinente. (CANDAU, 2014, p.12, grifo do autor).

FIGURA 1 – Cartazes: a expressão da língua como forma de construção de uma memória coletiva. Bogotá, outubro de 2014.



Fonte: o autor.

Mesmo quando anuímos contexto sociocultural caracterizado por tal colapso de grandes memórias organizadoras ou por uma modernidade líquida (BAUMAN

2003, 2005, 2009) na direção de incertezas e fragmentação de identidades, ponderamos sobre as memórias serem ainda influenciadas por uma dimensão social e, complementando a partir de outra fala de Candau (2014), fazem parte de um processo dinâmico e de interdependência com a construção da identidade. Nesse ponto, vale realçar uma reflexão feita por Candau (2014) que poderia distinguir uma memória social do que poderia se confirmar como uma “memória coletiva”, tal como argumentou Halbwachs (2006):

[...] a transmissão de lembranças não promove necessariamente os mesmos sentidos, isto é, a perfeita comunicação da memória não garante que ela seja compartilhada, questão essa levantada por Bloch (1998), preocupado ou não na transmissão das memórias. Assim, ele afirma ainda, que nem sempre a memória social chega a tornar-se efetivamente coletiva. (CANDAU, 2014, p. 36 apud MATHEUS, 2011, p. 304).

Quanto ao debate gerado sobre a possível permeabilidade de memórias coletivas sobre memórias individuais, praticamente inviabilizando estas como fenômeno isolado (HALB-WACHS, 2006), Letícia Matheus (2011, p. 304) pondera sobre o que a proposta da memória em níveis de Candau (2014) poderá trazer para uma sistematização e certo apaziguamento nessa discussão. Candau (2014), segundo essa pesquisadora, traz uma solução para o problema ao tratar dos níveis da protomemória e da memória de evocação como não compartilháveis, na condição de faculdades apenas individuais. Para ele, cabe reiterar, apenas o nível de metamemória está passível de compartilhamento, conforme sua natureza representativa.

2.6 SIGNIFICADO

De forma geral, o “significado” pode ser definido como: “1. aquilo que uma coisa exprime ou representa. 2. importância que se dá a algo; valor” (PORTO, 2015). Não obstante, associaremos essas definições aos pronunciamentos das ciências sociais, campo no qual o significado não pode ser restringido a uma dimensão semântica, isto é, tal qual um acordo ou convenção. Ele não se restringiria ao conhecimento ou não de uma palavra (KELLER, 1986 apud BÜRDEK, 2010, p. 249).

Adotamos significado como senso representativo e de valor que associamos a pessoas, coisas, fatos, fenômenos e relações. Conforme uma reflexão acerca de teorias de *campo social*³⁷ (BOURDIEU, 2011, 2013, 2015), da modernidade líquida (BAUMAN, 2005) e de análises da Escola Sociológica de Chicago³⁸, compreendemos que esse senso está suscetível a um processo contínuo de construção e submetido a um tempo e espaço nas ordens física e social. Para tais processos de constituição de significados e ressignificações desencadeados, teremos a denominação da *significação*³⁹.

Logo, tratar do sentido da bicicleta para o Bicletada Recife depende de uma análise que o reconhece no lapso de tempo e espaço físico e social em que ele se inscreve. A significação da bicicleta se daria pelo contato material com a cidade e por meio de “atitudes, práticas, grupos de poder e de decisão, níveis de discurso, estruturação de imagens [que] informam o campo ideológico de uma dada cultura [...]” (BOURDIEU, 2013, p. 364).

FIGURA 2 – Ciclistas.



Fonte: <direitosurbanos.wordpress.com>.

³⁷ No capítulo a seguir (3), seção 3.5, sintetizamos sobre o paradigma de Pierre Bourdieu (2011, 2015), fazendo um esclarecimento sobre o que se refere esse autor quando trata tanto de espaço como de campo social.

³⁸ Tal Escola preconiza influência de condições da cidade grande, entre eles, do seu arranjo espacial sobre o comportamento de indivíduos.

³⁹ Leia-se como: *cinemática* ou transformação que o significado é submetido de maneira contínua.

FIGURA 3 – O bem-sucedido e o fracassado.



Fonte: <direitosurbanos.wordpress.com/2012/09/17/o-individualismo-motorizado/>.

2.7 UMA RELAÇÃO: EXPERIÊNCIA DIRETA, MEMÓRIA, SIGNIFICADO E IDENTIDADE

Como forma de descrever os mecanismos por meio dos quais a memória colabora na construção da identidade de usuários, Rafael Cardoso (2012) profere sobre experiência. Ele esclarece que “a maioria das experiências que temos a nosso dispor não é acessada a qualquer momento pelos sentidos, mas por meio da memória” (CARDOSO, 2012, p. 73). Aliás, depois da memória ser descrita como “experiência *deslocada*”, Cardoso (2012, p. 74, grifo nosso) destaca que “A capacidade de lembrar o que já se viveu ou aprendeu e relacionar isso com a situação presente é o mais importante mecanismo de constituição e preservação da *identidade* de cada um.” (CARDOSO, 2012, p. 73, grifo do autor).

Se no significado que o indivíduo atribui aos objetos está uma das chaves para a decodificação do que seria a sua “identidade”, prescindindo a isso, podemos dizer que as experiências, especialmente fundadas na memória, são as premissas para os significados que atribuímos aos objetos.

Dessa forma, em outras palavras, estabelecemos uma hierarquia entre as experiências diretamente acionadas pelos sentidos e aquelas, conforme Cardoso (2012), acionadas pela memória como meio para significação que fazemos do

mundo e de nós mesmos, nossa identidade. A memória como experiências mais importantes para a constituição da identidade, as quais também poderemos chamar de experiências indiretas, se apresentaria situada da seguinte maneira:

Experiência direta → memória (exp. indireta ou “deslocada”) → significado → identidade



Destacamos que lembranças não correspondem simplesmente à evocação de experiências vividas em um tempo passado de forma análoga ao resgate que podemos fazer a um banco de dados. Ela é bem mais o fruto de uma construção (CARDOSO, 2012).

Mais do que a simples ação de recuperar uma vivência, a memória é um processo de reconstituição do passado pelo confronto com o presente e pela comparação com outras experiências paralelas. Alguém pode se lembrar de uma experiência que nunca teve – a chamada ‘síndrome da falsa memória’ – ou pode misturar suas próprias vivências com as de outras pessoas e com as informações adquiridas por meios indiretos (conversas, leituras, mídias audiovisuais). A memória é mais construída do que acessada [...]. (CARDOSO, 2012, p. 75, grifo do autor).

Quando trazemos a discussão ou proposta de representar os fenômenos citados, temos como desafio ilustrar esquematicamente a realidade (constructo), reconhecendo esses como componentes de um sistema, isto é, cuja natureza é compreendida tão somente pela não dissociabilidade das partes que o constituem. Para tanto, valerá a máxima que o todo (e, no caso, o sistema) sempre será maior que a mera soma das suas partes. E mais: a realidade é sempre maior que qualquer estratégia utilizada para a sua representação⁴⁰, papel este que assumimos, portanto, sob advertência prévia da sua limitação, e que detalhamos no capítulo 4.

⁴⁰ “Our most refined theories, our most elaborate descriptions are but crude and barbarous simplifications of a reality that is, in every smallest sample, infinitely complex.” (HUXLEY, 1930 apud CARDOSO, 2012, p. 7).

3 IDENTIDADE E LUGAR

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Algumas teorias preconizam influência do ambiente nos processos comportamentais. De forma específica, tratar de casos nos quais temos movimentos de natureza urbana, como é o caso do Bicletada Recife, nos estimula olhares sobre a cidade, nas suas dimensões social e física como um recurso de compreensão das identidades que nela se afirmam. Em uma realidade de conexões (BAUMAN, 2005), também nos parece propício discutir sobre uma possível relação entre identidade e ciberespaço. Nas seções que seguem neste capítulo (de 3.2 a 3.5), tratamos sobre as questões elencadas. Se tal discussão pode ainda não representar uma abordagem consistente, consideramos ela como um ensaio cujo valor está bem mais no esforço de uma articulação teórica. Prevemos que um estudo mais verticalizado poderá ser providenciado com uma proposta de recorte temático mais delimitado. Ele não cabe na proposta deste trabalho, cujo compromisso está numa abordagem panorâmica e transversal.

3.2 A INTERNET COMO ARTEFATO CULTURAL E O CIBERESPAÇO ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DA CIDADE

Hine (2000), conforme citação de Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2013) sinaliza que

[...] a internet, enquanto objeto de estudo, tende a ser elaborada conceitualmente sob dois modelos de abordagem teóricas que podem ou não estar conectadas: internet enquanto cultura e enquanto artefato cultural. (HINE, 2000 apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013, p. 40).

Para detalhar sobre a diferença entre esses modelos de abordagem, evocamos os dizeres de Kozinets (2014) sobre o que ele distinguiu com respeito a pesquisa de comunidade *online* e pesquisa *online* sobre comunidades. Com a sua definição, pesquisar comunidade *online* se trata do “[...] estudo de algum fenômeno diretamente relacionado às comunidades *online* e da própria cultura *online* [(cibercultura)], [de] uma determinada manifestação delas, ou [ainda de] um de seus elementos” (KOZINETS, 2014, p. 178, grifo nosso), configurando-se

como oportunidade do estudo da internet enquanto cultura. Já os estudos que fazem pesquisa *online* sobre comunidades têm a ver com a perspectiva da internet enquanto artefato cultural. Neste estudo se

“[...] examinam alguns fenômenos sociais gerais cuja existência social se estende muito além da internet e das interações *online*, apesar de interações *online* poderem desempenhar um papel importante entre os membros do grupo” (KOZINETS, p. 178, grifo nosso).

Diante das possibilidades de abordagem apresentadas, temos que: se, por um lado, conforme sinaliza Pierre Lévy (1996), o ciberespaço abriga uma realidade distinta da que é material, por outro lado, como dizem Fragoso, Recuero e Amaral (2013), ele também está associado às “práticas sociais reais”. Embora a virtualização seja caracterizada por uma subversão do tempo e do espaço, mantendo uma realidade social com códigos e estruturas próprios (LÉVY, 1996), destacamos que especialmente a partir da introdução da *Web 2*, vislumbramos as possibilidades de aproximação entre uma versão de “identidade *online*” com outra da “identidade *offline*” assumidas por um mesmo indivíduo⁴¹ ou reivindicadas por um grupo social. Isto porque a *Web 2* trouxe consigo protocolos que libertaram os usuários da necessidade de conhecer e configurar linguagens estruturantes como meio de poderem veicular conteúdos (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013).

Como desdobramento das possibilidades de interseção da cibercultura com a cultura do “mundo real” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013) anunciadas, pressupomos que aquela (cibercultura) se torna, pelo menos em algumas situações e formas de expressão, manifestação plausível para uma análise sobre estados identitários de indivíduos ou de grupamentos também da “vida real”. Para o estudo que desenvolvemos, no entanto, preferimos ainda descrevê-lo como do estado identitário de grupo *online*, mesmo que esse também exprima, em grau significativo, o estado *offline* desse grupo. Ponderamos que no grupo

⁴¹ Assistir ao vídeo disponível no YouTube *The Machine is us/ing us*. Ele rendeu vários prêmios para o grupo de Etnografia Digital - Kansas State University, coordenado pelo professor Michael Wesch (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013). O vídeo está disponível em http://www.youtube.com/watch?v=NLlgopyXT_g.

online também podemos encontrar agentes que não participam do movimento de rua Bicicletada e que nem sempre conseguimos distingui-los dos demais.

Com base na observação exposta, vislumbramos uma investigação que poderia ser feita noutra pesquisa dentro do grupo *online*. Ao se providenciar uma forma de identificar os agentes Bicicletada tão somente *online* da comunidade virtual, qual seria o grau de influência destes sobre os demais? Isto é, sobre aqueles que participam também do Bicicletada na condição de movimento “*offline*”, *onsite* ou de rua. Partiríamos da pressuposição de que alguns comentários, mesmo sendo de agentes *online* não simpatizantes ao movimento Bicicletada ou ainda de quem não se identifica com a manifestação de rua do movimento, poderiam contribuir na construção do estado identitário do grupo Bicicletada enquanto movimento de rua. Prevemos que isto se daria por meio de um processo relacional. Os agentes que participam do movimento de rua frente à referência de esse *outro* afirmaria o seu *eu*, tal qual prescrevem alguns paradigmas oriundos da sociologia e disciplinas da psicologia⁴². Para o estudo da possibilidade apresentada, refletimos também sobre a importância de pesquisa fora da comunidade virtual, envolvendo os agentes em situações *onsite*. Através disso, poderia ser providenciada uma confrontação *online* e *offline*, o que reforçamos, não se encaixa nos propósitos desta pesquisa.

Para além das possíveis interseções entre cibercultura e cultura “*offline*” e das identidades reivindicadas através dessas formas de expressão, apostamos também no ciberespaço como possível representação aproximada do que se desenvolve em um espaço material do mundo “*offline*”. Refletimos que isto pode se tornar verificável quando, nesse ambiente virtual, os internautas se encontram ligados através da discussão ou influência de espaço material comum compartilhado fora dele. O compartilhamento dessa representação seria confirmado pela verificação do teor de registros de memória veiculados no ciberespaço, onde os agentes tratariam de experiências de ordem física e social relacionadas a espaços materiais comuns: uma cidade, por exemplo.

⁴² Conferir Quadro 2 (A “identidade” sob a ótica de algumas disciplinas e alguns dos seus conceitos), do capítulo 2.

Como meio de **potencialização** dos fenômenos descritos até aqui, destacamos a crescente disponibilização do acesso à internet na contemporaneidade, contribuindo também para a popularização do seu uso.

3.3 A CIDADE SÓLIDA E A CIDADE LÍQUIDA

Para Halbwachs (2006), na sua interpretação do seu tempo (primeiras décadas do século XX), a cidade, na condição material, isto é, por meio de suas estruturas e equipamentos urbanos, pode representar uma **estabilidade** a que todos procuram contra as perdas inerentes das transformações cotidianas das suas vidas. Sobre isso, o citado sociólogo se perguntou:

Será o contraste entre a impassibilidade das pedras [– da cidade relativamente estável –] e o tumulto a que eles [, os homens,] se entregam, os persuade de que afinal de contas nada se perdeu, pois os muros e as casas permanecem em pé? (HALBWACHS, 2006, p. 160-161).

Ainda sobre um sentimento de continuidade que o meio edificado pode trazer aos homens, Halbwachs (2006, p.162) afirma que “Os costumes locais resistem às forças que tendem a transformá-los e essa resistência permite perceber melhor a que ponto nesse tipo de grupo a memória coletiva se apoia nas imagens espaciais”. E também: “Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele” (HALBWACHS, 2006, p.163). Para Halbwachs (2006), dentre os grupos sociais, apenas os econômicos não estabeleceriam vínculo com um lugar. Isto porque estes não decorreriam da posição dos homens no espaço, mas de uma relação com a produção.

A cidade, conforme nos pareceu querer dizer Halbwachs (2006), seria mais ou menos modelada segundo a força dos hábitos dos que nela habitam, e essa configuração espacial instituída, por sua vez, colaboraria para uma percepção unificada e estabilizada de memória (e acrescentamos: de identidade) para os seus habitantes. Teríamos um processo de retroalimentação, dessa forma. Mas o que podemos dizer da condição de repositório de representações das cidades de hoje? Qual o seu grau de poder estruturante de identidades? Ao con-

cordarmos com o papel representativo desses sítios, conforme nos pareceu sugerir Halbwachs (2006), mas atentos ao desconforto das incertezas e instabilidades da atualidade (BAUMAN, 2009) que colaboram, entre outros aspectos, no reordenamento das possibilidades que temos de relação e conflito nos espaços urbanos, até que ponto e de que forma as experiências e representações que podemos extrair das cidades colaboram na construção do que seriam as nossas memórias e identidades?

3.4 A CIDADE COMO VARIÁVEL: A ESCOLA DE CHICAGO

A Escola Sociológica de Chicago cuja iniciativa foi de sociólogos americanos surgiu na década de 1910, A sua produção de pesquisas sociais se deu entre os anos de 1915 e 1940 e se direcionou a investigações dos fenômenos sociais que ocorriam especificamente no meio urbano de Chicago, então, já uma metrópole norte-americana. Essas pesquisas tiveram como característica marcante, o uso sistemático dos métodos empíricos, conforme Renato Cancian (2015), “para coleta de dados e informações sobre as condições e os modos de vida urbanos”.

A Escola de Chicago contou com a participação de duas gerações de sociólogos. Destacamos, a partir dessa descrição, o papel de Robert Ezra Park, Ernest Watson Burgess e Roderick Duncan McKenzie ao proporem o conceito de "ecologia humana" (CANCIAN, 2015).

O conceito de ecologia humana serviu de base para o estudo do comportamento humano no meio social urbano, conforme a posição que cada indivíduo ocupa nele. A abordagem ecológica discute o habitat social, no caso, o meio urbano, nas suas dimensões física e social, como determinante ou influenciador do modo e do estilo de vida dos indivíduos (PARK; BURGESS; MCKENZIE apud CANCIAN, 2015).

Assentimos a cidade, na condição de artefato depositário de significados ou representações (HALBWACHS, 2006), nas suas dimensões física e social, por meio, principalmente, das memórias (*ibid.*) e comportamentos (PARK; BURGESS; MCKENZIE apud CANCIAN, 2015) por ela estimulados, como im-

portante variável nos processos que envolvem a construção dos estados identitários daqueles que nela vivem.

3.5 QUANDO O ESPAÇO É SIMBÓLICO: O PARADIGMA DO ESPAÇO SOCIAL DE PIERRE BOURDIEU

Para o sociólogo Pierre Bourdieu (2011, 2015), sociedades cujo modelo corresponde ao nosso (de países como a França, os Estados Unidos e o Japão, por exemplo) são caracterizadas por *diferenciações*. Os espaços até onde vão os domínios sociais, tido pelo citado sociólogo como *espaço social*, ao efeito dessas diferenciações, é fragmentado em subpartes chamadas *campos sociais*. O espaço social, ambiente em que coabitam diversos *agentes* e os grupos dos quais eles fazem parte, – como, por exemplo, dos professores universitários, dos empresários, dos operários, dos jornalistas, etc. – é definido por dois princípios de diferenciação: o do *capital econômico* e o do *capital cultural*. Esses dois status, em que o primeiro representa o sistema de bens e propriedades e, o segundo, as *disposições incorporadas*⁴³ ou *habitus*⁴⁴, definidoras dos

⁴³ Ao reivindicarmos a teoria de Bourdieu (2011, 2015), temos gostos, práticas e maneiras como resultado de um processo inconsciente de interiorização de estruturas sociais que nos influenciam na adoção de regras, formas de pensar e agir. Tais submissões se tornariam difíceis de serem desassociadas de nós mesmos, como se estas tivessem sido “encarnadas” em nós.

⁴⁴ Temos os *habitus* como sinônimo de disposições incorporadas. Eles

São sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações [...]. (BOURDIEU, 2009, p. 87).

[...] são princípios geradores de práticas distintas e distintivas. – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e a sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e suas maneiras de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretencioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro. (BOURDIEU, 2011, p. 22).

*gostos*⁴⁵, *práticas* e *maneiras*, são identificados nos agentes e permitem classificá-los tanto de uma como da soma dessas dimensões.

No citado paradigma do espaço social, a cultura é enfatizada como uma *construção arbitrária*, sendo regulada através da *violência simbólica*. Esta “violência” não está relacionada à força física. Ela se trata de mecanismo pelo qual as camadas dominantes economicamente impõem a sua cultura sobre as outras, promovendo a perpetuação de um tipo de sociedade instaurado. O *habitus* ou *disposições incorporadas* de todos os agentes são quase sempre percebidos do ponto de vista regulador da estética dominante. Os agentes oprimidos, nesse processo, acabam por legitimá-la *passivamente*⁴⁶ como “bom gosto”, embora esse atributo, como já anunciado, seja resultado de construções arbitrárias que se constituem peculiarmente no interior dos campos sociais, conforme prescreveu Bourdieu (2011, 2015).

A definição de campo social substitui a ideia da sociedade como uma coletividade inteiramente integrada. Cada campo, “célula” constituinte do “corpo” espaço social, pelo contrário, é dotado de certa autonomia, no qual seus agentes, com práticas e gostos incorporados, interagem conforme interesses, conflitos e oportunidades, uns seguindo e outros tentando modificar regras partilhadas (lógicas, “regras do jogo”, *doxa*⁴⁷) que, a priori, são acatadas por todos.

⁴⁵ Trata-se de uma construção do *habitus*, como resposta às disposições incorporadas (BOURDIEU, 2011).

⁴⁶ O oprimido não se percebe como vítima, mas envolvido em uma situação natural e irrevogável.

⁴⁷ Palavra de origem grega. Adotamos como crença comum ou opinião popular. Era utilizada pelos retóricos gregos como meio para formação de argumentos através de opiniões comuns e se opõe à palavra *episteme*, cujo sentido dado por Platão na obra A República é de “[...] conhecimento da realidade das coisas, [...] diretamente ligado à ideia do bem, no sentido de esta garantir a veracidade do conhecimento” (FRANKLIN, 2004).

4 POR UM MODELO DE OBSERVAÇÃO E ANÁLISE

Neste capítulo, focamos no processo de desenvolvimento de constructo. Trata-se de uma proposta gráfica que articula a teoria sobre experiência direta, memória, significado e identidade. Tomamos Martins e Pelissaro (2005), nesta introdução do capítulo, com seus dizeres sobre a natureza e propósito de um constructo. Esse

[...] possui um significado intencionalmente construído a partir de um determinado marco teórico, devendo ser definido de tal forma que permita ser traduzido em proposições observáveis e mensuráveis. Trata-se de excepcional recurso científico que poderá sintetizar e “dar vida” a complexos conceitos teóricos. Desnecessário salientar que para a elaboração de um constructo ou formulação de uma definição operacional o investigador necessitará de um denso conhecimento sobre a teoria em que as suas construções estão inseridas. (MARTINS; PELISSARO, 2005, p. 84).

Para descrever os mecanismos de construção dos estados identitários através do constructo anunciado, sugerimos uma abordagem sistêmica baseada nas seguintes prerrogativas:

(A) Construimos uma noção de quem somos ou sentido de si próprios (*self*) através da forma que **significamos** o mundo, assim como (B) mantemos e transformamos essa noção ou sentido do que somos principalmente em decorrência da nossa capacidade de evocarmos **experiências** através da **memória**. Com isso, quando tratamos de **estado identitário**, temos as memórias e significados como seus fundamentos.

Com essas considerações sintetizadas a partir dos discursos teóricos de autores como Cardoso (2012) e fruto da nossa reflexão, propomos uma articulação entre variáveis as quais chamaremos de: *experiência direta*, *memória* (*experiência indireta* ou *deslocada* [CARDOSO, 2012]), *significado* e *identidade*, devendo, naturalmente, passar por etapas de *simulação* e *validação*⁴⁸ que, quando bem-sucedidas, poderão confirmar um *modelo científico*⁴⁹. Neste trabalho

⁴⁸ Nessa direção, como já sinalizado, nos dedicaremos ao confronto empírico proporcionado pela observação do grupo *online* Bicicletada Recife, em um nível de estudo piloto de caso.

⁴⁹ “É improvável que qualquer modelo com base num único fator seja capaz de dar conta da complexidade do ‘mundo em que se vive’ e abranger a totalidade da experiência humana.” (BAUMAN, 2005, p. 39).

dissertativo, aproveitamos para reiterar que o nosso objetivo se encerra no que seria uma fase preliminar da possível validação do constructo, por meio do que podemos chamar de estudo piloto de caso Bicicletada Recife. Salientamos que o constructo só poderá ser considerado como um modelo propriamente quando submetido a um trabalho empírico mais aprofundado no que tange o estudo do estado identitário do grupo citado, assim como quando aplicado em outros estudos de caso, confirmando possibilidade de sistematização de outras pesquisas por meio do seu uso.

O esforço para se refletir sobre **modelo científico** – uma simplificação de sistema complexo, mas que ainda assim consegue propor uma ordem e reproduzir, dentro de uma margem plausível, o que seria o procedimento desse sistema (<https://pt.wikipedia.org>) – tem sido progressivamente articulado nas formas de representação gráfico-teórica desde janeiro de 2014 quando ganhou seus primeiros contornos⁵⁰. A seguir, daremos ênfase ao processo que culmina na proposta do constructo, tendo em vista as definições acolhidas e a discussão teórica e reflexiva já feita até este ponto e que fundamenta a sua ilustração. Na Figura 4, as variáveis citadas são apresentadas de forma a delinear uma interdependência sistêmica conforme fluxos e hierarquia de relações, às quais nos referimos como constructo **Gráfico-Teórico Experiência Direta/ Memória/ Significado/ Identidade (EMSI)**:

FIGURA 4 – Constructo gráfico EMSI⁵¹.



Fonte: o autor.

⁵⁰ O primeiro constructo gráfico-teórico foi apresentado no artigo de nossa autoria intitulado *The Construction of a Collective Memory of Urban Space: Experiences Report by Cyclists of Recife – Brazil*. A produção teve como coautoras as pesquisadoras Gabriela Jesumary (2ª autora – então aluna mestranda do PPG em Design – UFPE) e Kátia Medeiros de Araújo (3ª autora - professora orientadora desta dissertação). O documento citado foi selecionado e apresentado oralmente, sob a categoria de *full paper*, no 9th International Conference on Design and Emotion, na cidade de Bogotá (Colômbia), outubro de 2014.

⁵¹ Constructo inspirado especialmente a partir da leitura do subcapítulo *Memória, Identidade e Design* do livro *Design para um Mundo Complexo* do autor Rafael Cardoso (2012).

As setas no sistema gráfico propõem possibilidades de relações entre as variáveis através da indicação de sentido de fluxos possíveis de interdependência e retroalimentação. Já as espessuras pelas quais são apresentadas, representam hierarquia nas relações citadas.

Perceber que, por exemplo, ao nos conciliarmos com o arcabouço teórico apresentado neste trabalho, temos que, apesar da *experiência direta* colaborar diretamente para a construção do *significado* (Figura 5), ela participa menos que a variável *memória* nesse processo (Figura 6), conforme observações de Cardoso (2012) e reflexão sobre o ensaio de Candau (2014). Assim temos uma seta de espessura mais fina que faz ligação entre *experiência direta* e *significado* (Figura 5), e; seta mais grossa que une *memória* e *significado* (Figura 6).

FIGURA 5 – Parcial do constructo gráfico EMSI.



Enfatizamos que a *experiência direta* participa diretamente na construção de *significado*, porém tem importância menor, tendo em vista que é predominantemente mediada pela *memória* nesse processo.
Fonte: o autor.

FIGURA 6 – Parcial do constructo gráfico EMSI.



Enfatizamos que a *memória* é ilustrada como o principal meio para a construção do *significado* ao compararmos com a *experiência direta*, apesar desta também influenciar diretamente na construção do *significado*.
Fonte: o autor.

Ao voltarmos à rerepresentação do constructo EMSI na imagem a seguir (Figura 7), chamamos atenção para o último trecho da reta que foi anexado, delineando seu aspecto final nesta pesquisa. Trata-se de trecho de reta que une direta e indiretamente as variáveis *memória*, *significado* e *identidade*, com sentido de chegada à *experiência direta* (em linha tracejada).

mãos enquanto ainda seguravam os copos. A cultura de grupo da qual poderiam ter em comum ou não, e ainda, de maneira mais particular, o que cada um traz como bagagem de si e do mundo, parecem interferir diretamente nos estímulos captados no ambiente por meio dos aparelhos sensoriais (estruturas biológicas incumbidas de capturar do meio as sensações).

Para ilustrar a natureza distinta embora indissociável dos fenômenos da sensação e da percepção, aproveitemos para acrescentar sobre estudos de casos. Alguns animais, por exemplo, apesar de terem olhos íntegros ou normais do ponto de vista de receptores de sensações visuais, não demonstram perceber os estímulos visuais. (STERNBERG, 2012, p. 65-105). Esses são os resultados interpretados sobre aqueles que foram privados de “aprender a enxergar” numa fase inicial da vida. Refletimos com isso que a própria variável *experiência direta* está sujeita a um processo de construção, reforçando a ideia de tê-la ligada de forma dinâmica ao sistema das outras variáveis do constructo EMSI.

Nesse ponto da discussão relembremos aqui do termo “sentidos” usado por Rafael Cardoso (2012) como parte do que ele definiu como “**experiências diretas**”⁵². Se considerarmos esse termo conciliado com as definições neurocientíficas da percepção e da sensação, poderá representar variável sujeita à influência das outras variáveis do constructo EMSI. Em harmonização com o constructo apresentado, temos essa influência externa às sensações caracterizada pelas **significações** que temos sobre o mundo (por via da **memória**) e com as quais modelamos de forma dinâmica e contínua o que somos: a instituição do “trânsito” em nossos estados identitários.

Ao efeito dessas considerações, o constructo EMSI evolui para a apresentação da Figura 8.

Por fim, vale sempre destacar que o constructo se trata de uma tentativa de ilustrar certo tipo de fenômeno ou realidade por meio de suas variáveis. Cabe-rá, dentro de um processo de validação, pôr-se à prova a **operacionalização** dessas variáveis através das especificidades de uma **confrontação empírica**. É

⁵² A lembrar: Experiência Direta = “experiência proporcionada por meio dos sentidos na vivência imediata” (CARDOSO, 2012).

sobre essa apropriação empírica do constructo EMSI que trataremos no capítulo metodológico a seguir, ou seja, da transposição do seu atual estado **operacional-abstrato** (o constructo no seu nível de articulação teórica, com pretensões mais generalistas) para o seu potencial estado **operacional-empírico** (o constructo em adaptação a uma situação aplicada e por meio da criação de condições de “mensuração” quantitativa e/ou qualitativa das suas variáveis).

FIGURA 8 – Constructo gráfico EMSI: proposta final.



Fonte: o autor.

5 METODOLOGIA

5.1 ETAPAS METODOLÓGICAS⁵³ DO ESTUDO DO CASO BICICLETADA RECIFE

- 5.2 – Grande entrada.
- 5.3 – Escolha da comunidade virtual ou *online* (grupo *online*).
- 5.4 – Condicionamento do constructo EMSI.
- 5.5 – Observação da comunidade virtual: imersão.
- 5.6 – Coleta dos dados (definição do *corpus* da pesquisa).
- 5.7 – Tratamento dos dados (análises, interpretações, operacionalização empírica do constructo EMSI, restrições éticas).

5.2 GRANDE ENTRADA

Temos a “grande entrada”⁵⁴ como o trabalho de campo panorâmico que fizemos antes e paralelamente à escolha da comunidade virtual Bicicletada Recife como objeto da pesquisa (Figura 9 a 12). Na consumação desse procedimento, usamos da técnica de arquivamento⁵⁵ sobre reportagens, debates, publicações, exposições, etc. que trataram da cultura da bicicleta a partir de diversos temas, contextos sociais e urbanos. Além disso, ora observamos, ora fomos usuários de bicicleta nas cidades do Recife, de Petrolina, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e de Bogotá, na Colômbia. Também consultamos sobre produtos e serviços relacionados a esse artefato nessas localidades. No Recife, vivenciamos ainda a experiência de uso da Ciclofaixa de Turismo e Lazer⁵⁶. Concomitantemente às situações presenciais e participativas relatadas, fizemos registro foto-

⁵³ Etapas inspiradas nas orientações de Kozinets (2014). Estão presentes principalmente no capítulo 4 do livro Netnografia – Realizando Pesquisa Etnográfica Online e na figura 4.1 da página 63 dessa publicação.

⁵⁴ O procedimento citado tem um caráter abrangente e não deve ser confundido com a ação específica que Kozinets (2014, p. 176) definiu como *entrée* ou “o processo de entrada inicial em uma nova cultura ou comunidade [...]”.

⁵⁵ “Arquivamento: o salvamento e armazenamento automático de registros de interações culturais; um dos quatro elementos característicos que distinguem experiências sociais *online* de interações face a face.” (KOZINETS, 2014, p. 175, grifo nosso).

⁵⁶ Estrutura, na sua maior extensão, provisória e com segregação física (basicamente formada por cones de sinalização). Envolve algumas faixas de ruas e avenidas interligadas na cidade do Recife e conta com a participação de agentes de trânsito. A citada ciclofaixa foi inaugurada pela atual prefeitura da cidade. Funciona apenas aos domingos e em alguns feriados, das sete às dezesseis horas.

gráfico e também registros escritos trazendo descrições e impressões sobre tal instalação e seus agentes – sucintos “diários de bordo”. Essas ações de vivência, convivência e a descrição delas em primeira pessoa caracterizaram o método fenomenológico dessa fase, por via da técnica de registro etnográfico.

FIGURA 9 – Ciclistas e corredores numa avenida de Bogotá.



Colômbia. Domingo, 11 de outubro de 2014. Fonte: o autor.

FIGURA 10 – Ciclistas.



Em preto e branco: Recife. Outubro de 2014. Fonte: Priscilla Guimarães.
Colorido: Bogotá, na Colômbia. Outubro de 2014. Fonte: o autor.

FIGURA 11 – Pedestres e ciclistas.



Esquerda: margens de uma avenida de Bogotá, na Colômbia. Outubro de 2014.
Direita: margens da Av. Estrada de Belém, no Recife. Outubro de 2014.
Fonte: o autor.

FIGURA 12 - Ponto de locação de bicicletas.



Petrolina - PE. Ano de 2013. Fonte: o autor.

5.3 ESCOLHA DA COMUNIDADE *ONLINE* (GRUPO *ONLINE*)

Justificamos a escolha pelo estudo de caso do grupo *online* Bicicletada Recife, em detrimento de outros grupos ou movimentos envolvendo ciclistas, principalmente, pelas seguintes razões:

- Ele apresenta a si mesmo como expressão local de um movimento de escopo internacional consolidado, cuja origem ocorreu ainda no início da década de 1990, nos Estados Unidos, na cidade de São Francisco (<http://foundsf.org>; www.facebook.com/groups/bicicletadarecife). Trata-se de movimento de grande capilaridade no mundo, já que está presente, na forma de práticas e ideologia, em mais de 300 cidades, entre várias denominações, como *Critical Mass*⁵⁷.
- Por promover forte discussão política e social, enquanto movimento *online* e *offline*⁵⁸.
- Por sua caracterização enquanto grupo formado principalmente por camadas médias⁵⁹ da sociedade brasileira que aderiram ou defendem o

⁵⁷ (pt.wikipedia.org; mozambiquebikeculture.blogspot.com.br www.sollas.com.br; blog.iheartmiami305.com; www.xpatloop.com; www.taipeitrends.com.tw)

⁵⁸ Para além da ação direta, o trabalho de organizações como Anjo Bike, Cicloação e AMECiclo, dos quais alguns membros são da Bicicletada Recife “[...] tem impulsionado o diálogo em torno da bicicleta dentro do poder público e da sociedade” (A BICICLETA..., p. 83, 2014).

⁵⁹ Tomamos o uso do termo “camadas médias” em detrimento de “classe média” a considerar a escolha da pesquisadora Guimarães (2007) no desenvolvimento da sua tese. O termo “classe” foi definido originariamente como parte da explicação da teoria marxista, se referindo à estrutura socioeconômica que divide dialeticamente, exploradores e explorados, não tendo sentido, dentro desse paradigma, uma terceira disposição, isto é, uma “classe média” (STAVENHAGEN, 1974). Esse mesmo termo, no entanto, foi adotado por estudiosos estadunidenses posteriormente e com sentido diferente. A ideia de estrutura de classes foi articulada ou aglutinada neste outro paradigma com a de estratificação social (STAVENHAGEN, 1974), isto é, com a distribuição desigual de direitos e obrigações numa sociedade (DAVES, MOORE, 1945 apud STAVENHAGEN, 1974), oportunizando uma multiplicidade de “classes”. Buscando especialmente clareza nas nossas colocações, ancoradas no interesse em investigar comunidade *online* não tão somente pelo viés econômico, mas, sobretudo por aqueles de ordem simbólica, esclarecemos que ao nos referirmos a “camadas médias”, tomamos como referência a nota de Guimarães (2007, p. 109) sobre “camadas” no seu texto:

A discussão sobre o sentido de classe, camadas, estratos sociais ou espaços sociais, entre outras nomenclaturas, foi (e ainda é) objeto de estudo de muitos sociólogos, de Marx a Bourdieu, para citar apenas dois dos expoentes da Sociologia. Não sendo nossa intenção discutir o tema específico, adotaremos o termo “camadas” para apontar um grupo que tem semelhanças em termos de possibilidades de aquisição (padrões de consumo) e um estilo de vida composto por algumas características comuns, sejam elas morar em região central ou mes-

uso da bicicleta para diversos fins (A BICICLETA..., p. 86, 2014). Dessa forma, neste país, por representar grupo com potencial de visibilidade e poder social, funcionando como catalizador de conflitos e potencial legitimador do *bom gosto*⁶⁰ e de padrões de educação (Bourdieu, 2011, 2015): hábitos de consumo, apresentação corporal dos ciclistas (vestuário e acessórios), comportamento no trânsito, além de configuração de produtos e serviços ligados ao universo do ciclismo.

- Por sua representatividade e capacidade de influência de alguns dos seus agentes na política da cidade, através da mobilização da opinião pública e ações reivindicatórias junto ao governo, entre outros fatores (A BICICLETA..., 2014).
- Por ser um grupo *online* que mantém certa relação com uma prática urbana concreta (Grande Recife) e funcionar como catalizador para a discussão de problemas contemporâneos relacionados à viabilidade e qualidade de vida nas cidades (A BICICLETA..., 2014).

5.4 CONDICIONAMENTO DO CONSTRUCTO EMSI

O estudo do caso Bicicletada Recife representa oportunidade de **confrontação** do **operacional-abstrato** do constructo EMSI com seu potencial **operacional-empírico**. No capítulo anterior (4), apresentamos e justificamos esse instrumento de representação da realidade, prevendo que ele possa ter potencial de aproveitamento em estudos de casos diversos, desde que conciliáveis com o seu sistema de variáveis.

A proposta de “condicionamento” do constructo consiste na inserção de *inputs* nessa estrutura com especificidades da pesquisa Bicicletada Recife. Dessa forma, o constructo é posto à prova de aplicabilidade e possível aperfeiçoamento (Figura 13) quando são associados a ele os elementos básicos que caracterizam o estudo de caso, desde o objeto de observação, a pergunta que

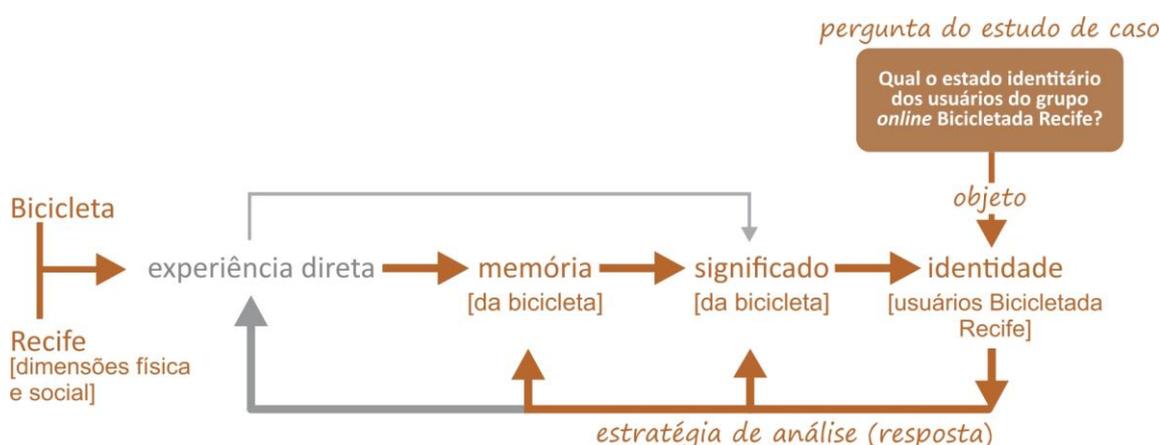
mo em condomínios residenciais mais afastados, ter acesso a fontes variadas de informação, cultura, lazer e comunicação (livros, televisão, revistas, internet, cinema, videogame, museu, entre outros), utilizando-se deles.

⁶⁰ Rever capítulo 3, seção Quando o Espaço é Simbólico: o Paradigma do Espaço Social de Pierre Bourdieu.

recai sobre ele, o objetivo que se pretende alcançar, assim como os meios pelos quais se pretende utilizar para cumprir esse objetivo (meios para responder sobre pergunta da pesquisa).

Conforme a esquematização da Figura 13, destacamos que a estratégia adotada para responder sobre a identidade de usuários do Bicicletada Recife (objetivo) advém de análises que tratam de *memórias* e *significados* da bicicleta atribuídos por esses agentes. O contexto físico e social da cidade do Recife é considerado como determinante desses aspectos analisados.

FIGURA 13 – Constructo gráfico EMSI: condicionamento das suas variáveis conforme pesquisa Bicicletada Recife. Objeto, pergunta e estratégia para trazer resposta à pesquisa.



Fonte: o autor.

A partir do condicionamento proposto, seguimos com a proposta da sua instrumentalização (operacionalização empírica das variáveis *memória* e *significado*), nas seções 5.6.2 e 5.6.3, conforme expectativas de observação e análise do estado identitário do citado grupo *online*.

5.5 OBSERVAÇÃO DO GRUPO ONLINE: IMERSÃO

No processo de imersão, isto é, na ação de observação específica e verticalizada do grupo *online* Bicicletada Recife, adotamos o método netnográfico⁶¹

⁶¹ Para compreendermos o que propõe o método, tomamos os dizeres de Kozinets (2014) sobre o que é etnografia e netnografia.

Etnografia: uma abordagem antropológica na pesquisa da cultura baseada em técnicas de observação participante; os objetivos da

“puro”⁶² não participativo⁶³. Isto é, focamos exclusivamente nas ações e interações sociais desenvolvidas no ambiente virtual e não desenvolvemos relação ou interação com os usuários do grupo *online*. Com isso, objetivamos não interferir na construção de memórias e significados do grupo. Por razão semelhante, também não nos apresentamos como pesquisador durante essa fase de imersão. Como exceção, tivemos um contato presencial com alguns de seus membros fora da ação Bicicletada no lançamento do livro *A Bicicleta no Brasil 2015*, ocorrido no Recife, no mês de maio deste ano (2015).

Temos aqui uma pesquisa *online* sobre comunidade⁶⁴ (KOZINETS, 2014), isto é, que assente o ciberespaço onde se expressa o grupo *online* Bicicletada Re-

etnografia são uma compreensão detalhada e sutil de um fenômeno cultural, e uma representação que transmite a experiência de vida dos membros da cultura, bem como do sistema de significado e de outras estruturas sociais que sustentam a cultura ou comunidade. (KOZINETS, 2014, p. 177).

Netnografia: um tipo de etnografia *online*, ou na internet; a netnografia fornece diretrizes para a adaptação dos procedimentos de observação participante - planejamento para o trabalho de campo, fazer uma entrada cultural, reunir dados culturais, garantir uma interpretação etnográfica de alta qualidade e assegurar a estrita adesão aos padrões éticos - às contingências da comunidade e cultura *online* que se manifestam por meio de comunicações mediadas por computador. (KOZINETS, 2014, p. 178, grifo nosso).

⁶² Para compreendermos ao que propõe o método, tomamos os dizeres de Kozinets (2014) sobre o que é netnografia “pura”. Trata-se de “[...] netnografia conduzida usando apenas dados e interação social mediados por computador, sem coleta de dados presencial, face a face ou componentes interacionais.” (KOZINETS, 2014, p. 178). Ou ainda:

[...] aquela que é conduzida exclusivamente usando dados gerados de interações *online* ou de outras interações relacionadas a CMC ou TIC - sejam elas entrevista *online*, participação *online* ou observação e descarregamento *online*. (KOZINETS, 2014, p. 66, grifo nosso).

⁶³ Se considerássemos a definição acima de Kozinets (2014) para uma netnografia, este trabalho deveria ser obrigatoriamente participativo. Preferimos, no entanto, considerar a possibilidade de netnografias não participativas, conforme referência de trabalhos científicos desenvolvidos por outros pesquisadores. Evitamos, com isso, gerar algum tipo de influência sobre *posts*/comentários que foram objeto da pesquisa. Consideramos também o limite temporal determinado para a sua realização.

⁶⁴ Estudos que examinam alguns fenômenos sociais gerais cuja existência social se estende muito além da internet e das interações *online*, apesar de interações *online* poderem desempenhar um papel importante entre os membros do grupo. (KOZINETS, 2014, p. 178, grifo nosso).

Não confundir, no entanto, “pesquisa *online* sobre comunidade” adotada neste trabalho dissertativo com “pesquisa de comunidade *online*”. Esta segunda modalidade a qual não está no

cife como um artefato cultural, tal como já detalhado no capítulo 3 e que reite-ramos através dos dizeres de Fragoso, Recuero e Amaral:

A perspectiva da internet como artefato cultural observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. [...] oportuniza o entendimento do objeto como um local intersticial em que as fronteiras entre on-line e off-line são fluídas e ambos interatuam. (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2013, p. 42).

De forma detalhada, observamos *posts/comentários*⁶⁵ veiculados pelo Bicletada Recife desde janeiro de 2014, quando fomos “aceitos” como membros desse grupo *online* fechado (cuja solicitação para participação foi atendida positivamente por seus administradores), sendo essa a única maneira de acesso direto aos conteúdos expressos dentro do ciberespaço em tela.

5.6 COLETA DE DADOS

5.6.1 Aspectos gerais da coleta dos dados

A coleta de dados (arquivamento) foi feita em dois intervalos temporais: na primeira semana de janeiro de 2014 e entre os dias 10 de fevereiro a dois de março de 2015.

Na segunda etapa dessa coleta, foram arquivados 309 *posts* com seus respectivos comentários, envolvendo 458 *usuários agentes*⁶⁶ (Figura 14) de um montante de 13.327 *usuários integrantes* (dados atualizados em 10/07/15). Desde o

nosso foco é “o estudo de algum fenômeno diretamente relacionado às comunidades *online* e da própria cultura *online*, uma determinada manifestação delas, ou um de seus elementos” (KOZINETS, 2014, p. 178, grifo nosso).

⁶⁵ Temos para o *post* a definição da estrutura macro, enquanto comentário, parte que pode ser integrada a essa estrutura (entendamos “comentário” como possível subparte de um *post*). Analogamente, o *post* nos equivale a uma “sala aberta”, de forma que qualquer um do grupo *online* possa identificá-la a partir de tema que essa sugere, podendo preenchê-la com a sua “fala” (comentário) e interagir com outros agentes que também a “ocupam” com as suas “falas”. Naturalmente, diante da dinâmica estabelecida, não é incomum que os usuários que participam de um *post*, também tratem de temas que se distanciam daquele originalmente proposto nele, através dos seus comentários veiculados.

⁶⁶ Usuário agente: aquele que, além de integrante do grupo *online* Bicletada Recife, participa especificamente como autor de *post* e/ou de comentário que é objeto da nossa observação e análise. Em outras palavras, adotamos uma distinção: todos os usuários do Bicletada são tidos como “integrantes”, enquanto o status de “agente” é relativo à sua participação por via de publicação de *posts/comentários*. O emprego do termo “agente” se trata de uma apropriação de terminologia conferida por Pierre Bourdieu (2011, 2015) no seu paradigma de campo social, prevendo que o indivíduo é sujeito das regras ditadas pela estrutura sociocultural na qual está inserido ao mesmo tempo em que é ator, isto é, também colabora para transformar essa estrutura, a depender da sua posição no interior desse campo.

início do trabalho de campo, o número de usuários apenas cresceu, embora houvésemos registrado desligamentos de integrantes do grupo *online*.

FIGURA 14 – Dados da segunda etapa de coleta: entre 10/02 e 02/03/2015.

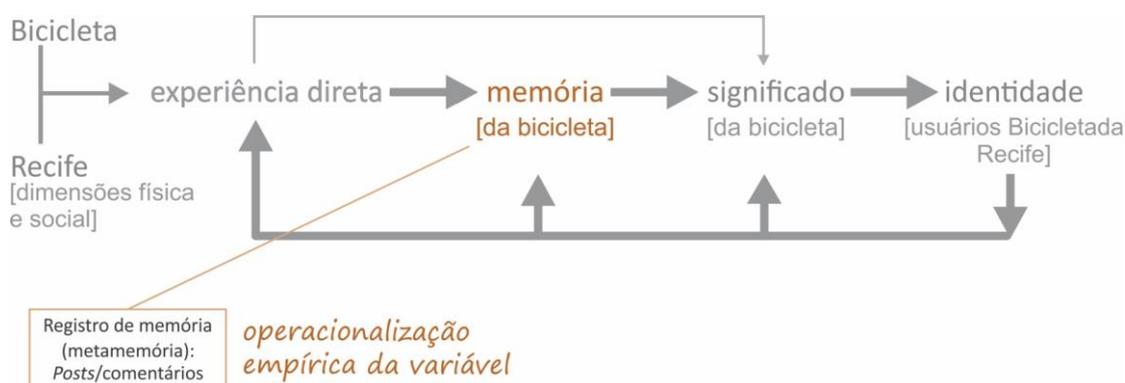


Fonte: dados da pesquisa.

5.6.2 Proposta de operacionalização empírica da variável *memória*: coleta de registros de memória

No constructo EMSI, a variável *memória*, que é uma abstração teórica, foi empiricamente operacionalizada (Figura 15), isto é, tomada como dado qualitativo passível de coleta, (e também de tratamento analítico e interpretativo) mediante a atenção para o que foi reconhecido como registros de memória⁶⁷.

FIGURA 15 – Constructo gráfico EMSI: registros de memória como operacionalizadores empíricos da variável *memória* na pesquisa Bicicletada Recife.



Fonte: o autor.

Tais registros se materializaram através de conteúdos expressos nos *posts/comentários* observados e arquivados, sendo agrupados por meio de uma classificação, na fase de tratamento de dados.

⁶⁷ A lembrar: tomamos registros de memória como todo meio documental ou material que permite um tipo de acesso a memórias de seus autores.

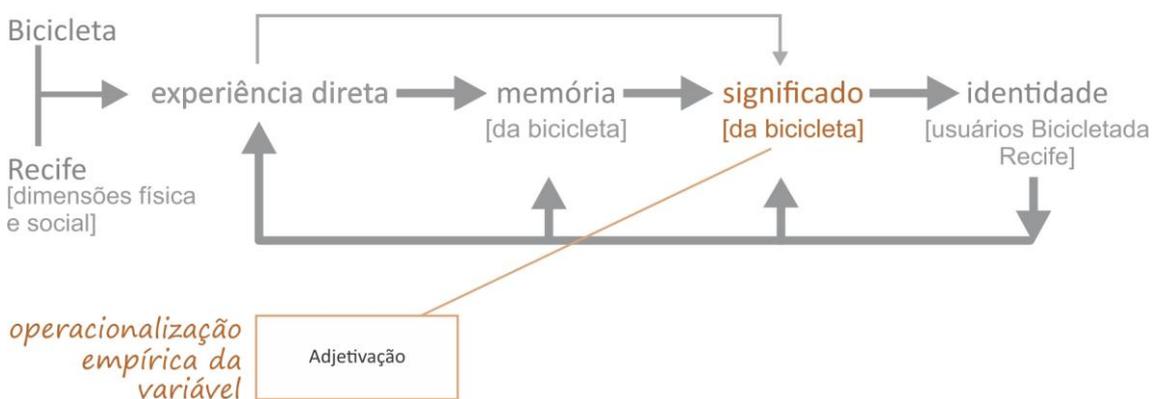
5.6.3 Proposta de operacionalização empírica da variável *significado*: coleta de *adjetivações*

Como uma das formas de operacionalizar empiricamente a variável *significado*, recorreremos à coleta de *adjetivações* (Figura 16), essas confirmadas em meio às narrativas e interações sociais desenvolvidas no ambiente virtual.

Adotamos *adjetivações* como qualidades ou atributos expressos pelo emprego de palavras com função adjetivo, mas que o conhecimento dos seus (plenos) sentidos só é desvelado quando estamos atentos aos contextos socioculturais nos quais se desenvolvem.

Em outras palavras, temos que as *adjetivações* não são atributos reconhecíveis (tão somente) através dos sentidos generalistas convencionados às palavras ou termos, do que pode ser (tão somente) encontrado nas definições dos dicionários⁶⁸.

FIGURA 16 – Constructo gráfico EMSI: seleção das *adjetivações* e “falas” como operacionalizador empírico da variável *significado* na pesquisa *Bicicletada Recife*.



Fonte: o autor.

5.7 TRATAMENTO DOS DADOS

5.7.1 Síntese sobre o tratamento dos dados

Como forma de responder sobre o estado identitário de usuários do grupo *Bicicletada Recife* enquanto comunidade *online*, na fase de tratamento dos dados,

⁶⁸ A *adjetivação* está mais para como nos inspirou Bürdek (2010, p. 249) quanto o que é o *significado*, conforme uma perspectiva da hermenêutica.

buscamos *generalizar*⁶⁹ a partir das particularidades coletadas, confirmando processo indutivo de análise.

Para operacionalização empírica do constructo EMSI, adotamos duas técnicas de análise de conteúdo: classificação temática e análise lexical. Ambas, na pesquisa Bicicletada, correspondem a adaptações de formas consagradas por diversos pesquisadores (BARDIN, 2011). Especialmente a segunda foi alvo de adaptação, conforme o trabalho analítico-interpretativo de *adjetivações*.

De maneira geral, transpondo os procedimentos analíticos para os de caráter interpretativo e das inferências, consideramos os registros de memória e significados como parte de um processo dinâmico e contínuo que se desvela através dos embates inscritos no espaço social e da cidade, servindo-se de indicadores de “identidade”. Para tais procedimentos, consideramos rigorosamente questões éticas relacionadas à privacidade, minimização de possíveis danos aos indivíduos, além da consideração a questões de natureza legal previstas, especialmente, pelo *site* de relacionamento que abriga o grupo Bicicletada Recife.

A partir da subseção seguinte (5.7.2) até a subseção 5.7.6, detalhamos sobre os procedimentos que acabamos de elencar nesta subseção. Na última subseção (5.7.6), culminamos com a proposta final para o trabalho analítico-interpretativo do caso Bicicletada Recife.

5.7.2 Procedimentos relacionados à classificação temática e adjetivações

A) Classificação e interpretação de *posts*/comentários

A classificação⁷⁰ dos *posts*/comentários coletados ocorreu mediante temática reconhecida (assunto, tema e subtema). Na sequência, descrevemos e trans-

⁶⁹ Generalizar: “elaborar um pequeno conjunto de generalizações para cobrir ou explicar as consistências no conjunto de dados; parte do processo de análise de dados qualitativos.” (KOZINETS, 2014, p. 177).

⁷⁰ Destacamos que a classificação deste trabalho se distingue do que Minayo (2012) indica como categorização. Ela não tem caráter exclusivo e excludente tal como é indicado para uma categorização, segundo propõe essa pesquisadora. Neste trabalho, dois ou mais assuntos podem ser verificados de forma conjugada como identificadores de um mesmo *post* ou comentários, o que parece destoar, portanto, da proposta de Minayo (2012). Vale destacar que algumas classificações utilizadas na ciência têm características semelhantes à nossa conforme o

crevemos alguns comentários (metamemória na forma de registros de memória) do Bicletada conforme seleção que nos permitiu propor sua interpretação ancorada na compilação e desenvolvimento teóricos apresentados nesta pesquisa, enfatizando a discussão de processos da memória.

Sobre os *posts*/comentários, foram observados conteúdos expressos na linguagem verbal escrita, a qual chamamos “falas” dos agentes, assim como as formas não verbais de linguagem (*emotions*, imagens, alguns tipos de áudio, etc.), tendo em vista o papel destas na construção do sentido das falas. Vale salientar, no entanto, que não temos nesta pesquisa o intuito de apresentar análise das formas não verbais que compõem as postagens. Dos *posts*, foram verificados conteúdos de autoria própria (quem posta é o próprio autor do conteúdo da postagem) e os provenientes de terceiros (quem posta, publica ou compartilha conteúdo de terceiros), conforme o que poderá ser conferido no Quadro 3.

QUADRO 3 – Delimitação dos *posts*/comentários analisados.

Delimitação temporal	Linguagem	Autoria
Registros de memória publicados no grupo <i>online</i> Bicletada Recife, veiculados na primeira semana de janeiro de 2014 (1ª coleta), e; de 10 de fevereiro a dois de março de 2015 (2ª coleta).	Verbal escrita (“fala” dos agentes). Não verbal (<i>emotions</i> , imagens, alguns tipos de áudio, etc.).	Própria. De terceiros.

Fonte: o autor.

Parte expressiva dos *posts* evidenciam relação com o que chamamos de “processos de apropriação da cidade”.

Reconhecemos “processos de apropriação da cidade” (PAC) como o desdobramento contínuo do fenômeno (ou relação dos fenômenos) no qual o agente, a partir da sua *experiência direta* até a ostentação das suas metamemórias (CARDOSO, 2012; CANDAU, 2014) sobre o meio físico e social urbano, cons-

aspecto relatado. Por exemplo, conforme a classificação dos triângulos, na geometria, todo triângulo classificado equilátero é também isósceles.

trói e partilha significado sobre aquilo que o cerca, modelando o seu estado identitário.

Sobre a apropriação física da cidade, consideramos as circunstâncias nas quais usuários do Bicicletada Recife retratam, nos *posts*, experiências *deslocadas* (metamemórias) através das quais os temas da bicicleta são apresentados mediante ações e contextos que incluem condições naturais (clima, características geográficas, etc.), infraestrutura, serviços, equipamentos públicos e topologia urbana. Por sua vez, ao nos referirmos à apropriação social, verificamos a retratação de eventos (metamemórias) relacionados a ações e contextos de direitos urbanos⁷¹ e de convivência, expressão (cultura) e interação social⁷² no meio urbano (Quadro 4).

QUADRO 4 – Classificação dos *posts* quanto à retratação de PAC (ênfase: Recife).

Tipo de apropriação da cidade	Descrição
Física	Sobre a representação de experiências <i>deslocadas</i> (metamemórias) da vivência imediata e evocadas mediante ações e contextos que incluem condições naturais (clima, características geográficas naturais, etc.), infraestrutura, serviços, equipamentos públicos e topologia urbana.
Social	Sobre a representação de experiências <i>deslocadas</i> da vivência imediata e evocadas mediante ações e contextos de direitos urbanos, de convivência, de expressão (cultura) e interações sociais.

Fonte: o autor

Embora definidas as dimensões físicas e sociais dos PAC, advertimos que os conteúdos que as expressam, com frequência, têm elas aglutinadas. Em outras palavras, os tipos físico e social costumam estar presentes em um mesmo co-

⁷¹ Exemplo – Agente1 (fictício): Ontem à tarde, lá no finalzinho da Estrada de Belém, já no entroncamento com o Largo da Encruzilhada, caí com a minha bicicleta naquele desnível que há entre a avenida e o calçamento. A segurança do ciclista e do pedestre não são valorizados dessa maneira. O acidente poderia ter sido evitado se não houvesse um desnível tão grande.

⁷² Exemplo – Agente 2 (fictício): Não é que eu passei de bike e encontrei o pessoal por lá. Aca-
bamos dando uma paradinha em Casa Forte pra tomar um açaí e pôr o assunto em dia.
Agente 3: Só estava faltando eu, mas é que tava meio gripada.

mentário ou podem ser percebidos através da soma de comentários de um *post*.

B) Trabalho analítico-interpretativo de adjetivações

Como último passo, recorreremos à triagem de um único *post*⁷³ (“Docecleto”), do qual fizemos um ensaio analítico-interpretativo das suas adjetivações, com foco em aspectos da significação da bicicleta. Reafirmamos que há proximidade dessa proposta com a da análise lexical (análise de vocabulário) e sintática descrita por Bardin (2011, p. 82), por meio da ocorrência de *palavras plenas*⁷⁴ com função adjetiva. Na proposta de adjetivações, atribuímos atenção ao contexto sociocultural, sensibilizados por aspectos, entre outros, da teoria de Pierre Bourdieu (2011).

Embora recorramos a conceitos da teoria de Bourdieu (2011, 2015), não nos dispomos à constatação e estudo de uma suposta estrutura social específica. Não discorreremos sobre possível campo social do ciclismo, por exemplo. Essa ação, anuímos, poderia ser providenciada em um outro trabalho acadêmico, tendo em vista sua complexidade como questão e os prazos que caberiam, portanto, para esse tipo de investigação. Dessa maneira, nesta dissertação, ainda que tenhamos as adjetivações como meio para discorrermos sobre práticas, gostos, interesses, conflitos, oportunidades, lógicas mais ou menos comuns (“regras do jogo”) entre os agentes em função do significado da bicicleta, ainda será um tratado ensaístico e que não pode, na ausência da investigação vertical de um possível campo social do ciclismo, ser reconhecido como uma aplicação propriamente da teoria de Bourdieu (2011, 2015)⁷⁵.

⁷³ Como critério de seleção foi considerada a condição de nó forte do *post* (FRAGOSO; RECUIERO; AMARAL, 2013). A natureza de nó forte será ainda discutida neste capítulo e está relacionada à representatividade do *post* selecionado como amostra.

⁷⁴ Numa análise lexical, Bardin (2011) sugere classificação das unidades de vocabulário entre palavras plenas e palavras-instrumento. As palavras plenas se caracterizam como “portadoras de sentido”, tais como morfologicamente se apresentam substantivos, verbos e adjetivos. As palavras-instrumento guardam função de ligação, isto é, são artigos, preposições, pronomes, advérbios, conjunções, etc.

⁷⁵ Bourdieu (2011) advertiu em sua fala, que seu paradigma só pode ser reconhecido se contemplado na sua integralidade.

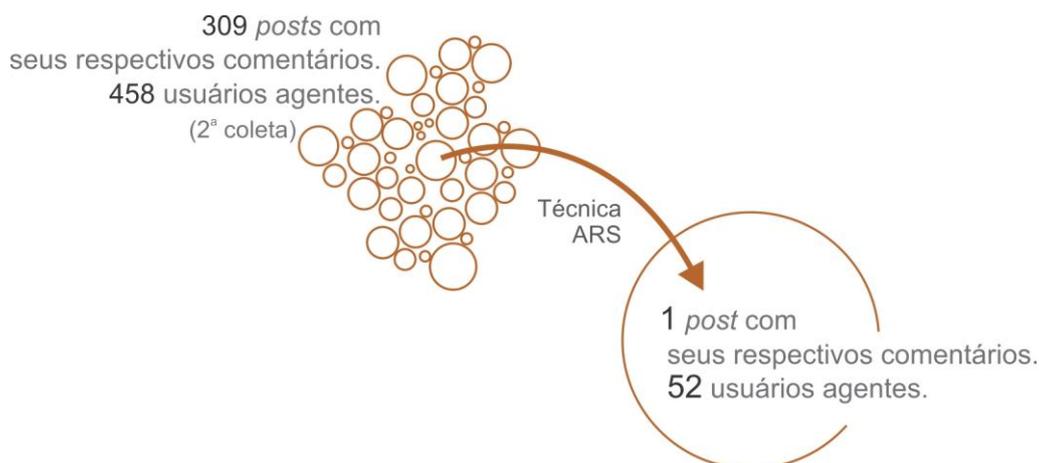
A seguir, detalhamos sobre os procedimentos adotados na triagem do *post* o qual escolhemos denominar Docecleta.

5.7.3 Triagem através de técnica estruturalista de Análise de Rede Social (ARS)⁷⁶ e confirmação através de técnica de análise lexical

A) Triagem através de técnica ARS

Utilizamos uma adaptação baseada em premissas de ARS como estratégia que resultou na seleção do único *post* ao qual dedicamos procedimento analítico-interpretativo de adjetivações: *post* Docecleta. Fundamentados nessas premissas, consideramos a **representatividade** da amostra selecionada em relação ao universo de dados arquivados em toda pesquisa (Figura 17). Portanto, trata-se de uma extração de um **suprassumo do seu corpus⁷⁷** (recorte do recorte), podendo ainda servir de base para generalizações acerca do objeto empírico investigado (estado identitário do Bicletada Recife enquanto comunidade *on-line*).

FIGURA 17 – Resultado do processo seletivo de *post* representativo segundo técnica ARS.



Fonte: dados da pesquisa.

⁷⁶ A análise de redes sociais é um método analítico que focaliza as estruturas e os padrões de relacionamento entre atores sociais em uma rede (BERKOWITZ, 1982; WELLMAN, 1988 apud KOZNETS, 2014, p. 52) [...] A análise de redes sociais tem suas bases na sociologia, na sociometria e na teoria dos grafos e na linha estrutural funcionalista dos antropólogos de 'Manchester [...]'. (SCOTT, 1991, p. 7 apud KOZNETS, 2014, p. 53).

⁷⁷ Adotamos *corpus* como o conjunto total dos *posts/comentários* coletados.

As pesquisadoras Fragoso, Recuero e Amaral (2013, p. 115) refletem que “uma rede social, por si, já é uma metáfora estrutural. Quando focamos um determinado grupo como uma ‘rede’, estamos analisando sua estrutura”. A ARS pressupõe que ao estudarmos “as estruturas decorrentes das ações e interações entre os atores sociais, é possível compreender elementos a respeito desses grupos e, igualmente, generalizações a seu respeito” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013, p. 115).

Com base nessas premissas, o primeiro passo, como sugerem as pesquisadoras, é definir, na rede, por um lado, o que são seus nós (ou nodos) e, por outro lado, o que são suas arestas ou conexões. De forma elucidativa, elas exemplificam que os nós de uma rede social podem ser indivíduos, instituições e grupos (agentes sociais) e as conexões podem representar interações ou laços sociais (vínculos entre os agentes). As conexões são teias das interações sociais que ocorrem dentro do ciberespaço e que podem ser identificadas através dos rastros deixados pelos sistemas que estruturam esse ambiente.

Ainda para esclarecer sobre a questão de nós e conexões, temos a escrita de Kozinets (2014) que define ARS como:

[...] um método de análise focado nas estruturas e padrões de relações entre as pessoas – bem como entre organizações, estados e outras entidades; útil para determinar as relações estruturais dentro de e entre comunidades *online*. (KOZINETS, 2014, p. 175, grifo nosso).

Embora a técnica de ARS operacionalize um método estrutural-quantitativo, esse poderá servir de instrumento conjugado a interpretações qualitativas: lembremos que os rastros de conexões no ciberespaço nos revelam falas da expressão e interação social. Dessa forma, o teor quantitativo ou qualitativo de uma pesquisa que recorre a tal técnica depende da abordagem a qual se pretende fazer a partir dela. Sobre isso, Kozinets evoca as falas de Sudweeks e Simoff (1999). Eles

[...] questionam ‘essa dicotomia qualitativo-quantitativo perfeita’, argumentando que ‘cada metodologia tem seu próprio conjunto de custos e benefícios, principalmente quando aplicada à pesquisa na internet, e que é possível trazer à tona e combinar

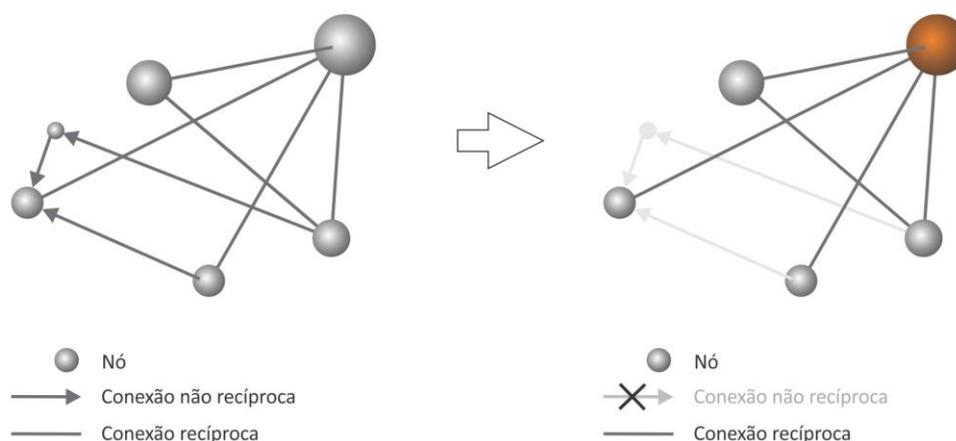
as virtudes de cada uma com determinadas variáveis de interesse'. (SUDWEEKS, SIMOFF, 1999, p. 32 apud KOZINETTS, 2014, p. 46).

Com as elucidações sobre o emprego da técnica de ARS, enfatizamos a condição **qualitativa** da pesquisa Bicicletada e que detalhamos a seguir.

Nesta pesquisa, consideramos os nós do Bicicletada sob dois pontos de vista que podem ser confundidos em algumas circunstâncias: como **usuários agentes propriamente** ou como os *posts* ou *comentários*⁷⁸ que esses agentes publicaram. Com ênfase neste último ponto de vista, percebemos que as conexões podem ser vistas em duas escalas principais dentro do grupo *online*: relação de comentários com um *post* no qual estão inseridos (conexões *macro*), e; relações particularizadas entre comentários de um *post* (conexões *micro*).

É possível a utilização de **sociomatrizes** e **sociogramas** no estudo de redes sociais. Sociomatrizes representam dados codificados na forma de matrizes. Sociogramas, por sua vez, são formas de representar a rede social de forma gráfica. Na Figura 18, apresentamos uma simplificação e aproximação do que corresponde um sociograma e de como se dá o processo de seleção dos seus dados mais representativos.

FIGURA 18 – Técnica de ARS (sociograma) e seleção de dados representativos.



Fonte: o autor.

⁷⁸ Consultar nota de rodapé no capítulo 5, seção Observação do Grupo *Online*: Imersão. Fizemos distinção entre *post* e comentário neste trabalho.

Em linhas sintéticas, o trabalho de seleção proporcionado pelo método ARS implica na eleição de *nó forte*, o que pode ser visto na imagem posta à direita na Figura 18. Sinteticamente, os *nós fortes* são aqueles dotados de mais conexões (tanto não recíprocas como recíprocas), sendo essas, preferencialmente, de “mão dupla” (conexões recíprocas). O *nó forte* nesta pesquisa corresponde ao *post* destacadamente maior quanto ao número de participantes – usuários agentes – e quantidade de comentários integrados a ele (no *corpus* da pesquisa não existem outros *posts* equivalentes nesses aspectos).

Por fim, como forma ainda de esclarecer sobre o processo seletivo que culminou na escolha do *post* Docecleta e seus respectivos comentários para etapa analítico-interpretativa de adjetivações e falas que as legitimam, consideramos ainda os seguintes aspectos relacionados a ele e que colaboram para essa seleção:

- Reúne, para além do assunto que enfatiza ou introduz, parte expressiva dos tipos de assuntos identificados e classificados a partir dos dados coletados no trabalho de campo iniciado desde janeiro de 2014.
- As discussões estimuladas no seu interior sinalizam uma influência sobre discussões deflagradas em outros *posts* e os seus comentários. Sobre esta conclusão, tratamos na letra a seguir (B).

B) *Post* Docecleta: validação da sua representatividade por via do cruzamento dos resultados de técnica ARS e da técnica de análise lexical

Depois do uso de técnica ARS que culminou com a seleção do *post* Docecleta para análise de adjetivações, recorreremos à técnica de *análise lexical* como forma de confrontar a *pertinência* daquela primeira técnica empregada (ARS) como meio para a generalização sobre o estado identitário do Bicletada Recife.

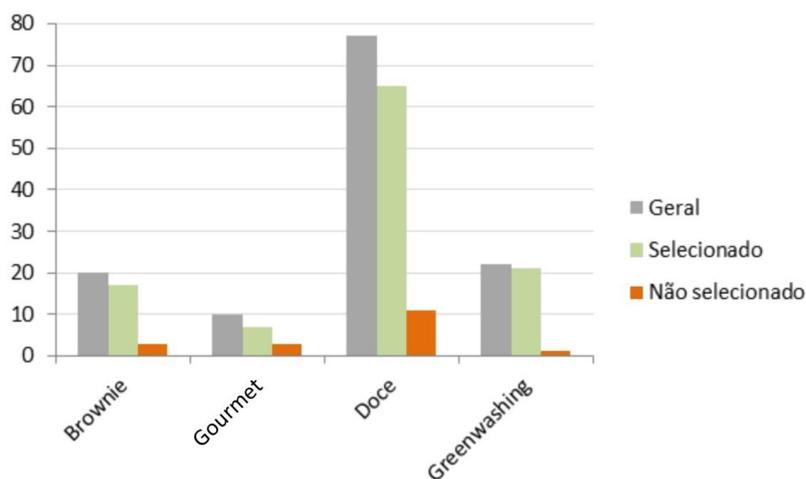
Ao mapearmos alguns dos termos expressos nas falas dos agentes no *post* Docecleta e que estão ligados diretamente (de forma específica) ao principal tema desenvolvido no seu interior, tais como “*brownie*”, “*gourmet*”, “doce” e

“*greenwashing*”, analisamos sobre a reincidência destes no restante do *corpus* da pesquisa. A análise codificou os termos citados como dados quantitativos absolutos (quantidade de vezes que são citados) e percentuais.

Os gráficos a seguir figuram as análises lexicais descritas (Figuras 19 e 20). Os dados estão agrupados em três níveis. São eles: “geral”, “selecionado” e “não selecionado”.

No nível “geral”, temos, respectivamente (Figuras 19 e 20), os quantitativos absolutos e percentuais das citações dos termos “*brownie*”, “*gourmet*”, “*doce*” e “*greenwashing*” no *corpus* da pesquisa (em função de todos os *posts* arquivados). No nível “selecionado”, temos esses quantitativos exclusivamente expressos no *post* Docecleta, enquanto no nível “não selecionado”, os quantitativos se referem ao *corpus* da pesquisa, excetuando-se o *post* Docecleta.

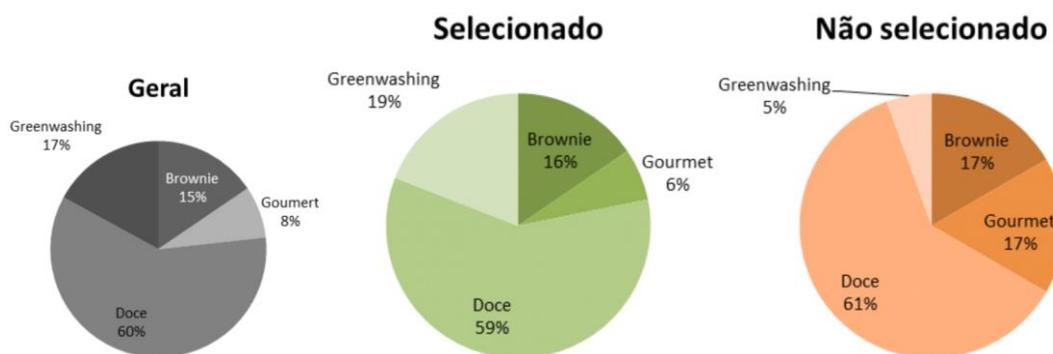
FIGURA 19 – Gráfico de barras: comparação do quantitativo absoluto de termos citados no Bicletada Recife.



Fonte: dados da pesquisa.

Salientamos que as combinações dos termos com radicais e afixos também foram consideradas nas contagens expressas (Figuras 19 e 20). Anuímos as formas “*brownie+s*” e “*gourmet*” associadas a sufixos ou outras terminações (*gourmetizar*, *gourmetizada*, *gourmetizador*), assim como “*doce*” aglutinada ao termo “*cleta*” (*docecleta*, *docecarrocleta*). Sobre *greenwashing* não localizamos aglutinações ou citação isolada das palavras “*green*” e “*wash*”.

FIGURA 20 – Gráficos de pizza: comparação do quantitativo percentual de termos citados no Bicletada Recife.



Fonte: dados da pesquisa.

É importante frisar que os termos selecionados a partir do *post* Doceleta se tornaram recorrentes apenas nos *posts* que sucederam tal *post*. Interpretamos, como isso, que a reprodução dos termos específicos para além do *post* Doceleta sugere a reverberação da discussão inscrita nesse *post* sobre os outros, sinalizando sua representatividade nos processos de construção ou reivindicação de uma identidade coletiva do grupo Bicletada (HALBWACHS, 2006). O fenômeno de reverberação lexical do *post* Doceleta nos leva a endossar sua representatividade quanto ao estado identitário do grupo *online* Bicletada Recife, ratificando a pertinência do resultado obtido por técnica ARS.

5.7.4 Emprego de técnicas de análise de conteúdo

Segundo Bardin (2011, p. 37, grifo do autor), “A análise de conteúdo é *um conjunto de técnicas de análises de comunicações*.” Neste trabalho, as duas unidades de análise, nas formas de *posts*/comentários e adjetivações estão sujeitas a tipo de análise temática e lexical (BARDIN, 2011). Com o emprego aproximado⁷⁹ de tais técnicas, como foi o caso da versão de análise lexical apresentada na subseção anterior por meio das Figuras 19 e 20, reiteramos que visamos uma validação e generalização mais rigorosa a respeito do estado identitário Bicletada Recife (o que nós julgamos ver nas mensagens do *corpus* da pesquisa estarão efetivamente lá contidos?) e descobrir conteúdos e

⁷⁹ Em outras palavras, adotamos um processo mais ou menos próprio, inspirando-nos nos exemplos de técnicas de análise de conteúdo apresentados por Bardin (2011) e Minayo (2012).

estruturas que confirmam ou infirmam (refutam) o que procuramos demonstrar a respeito dela. Portanto, por meio das técnicas citadas, procuramos balizar nossas interpretações no rigor e na descoberta, considerando o que poderá se apresentar além das aparências (BARDIN, 2011).

Apelar para esses instrumentos de investigação laboriosa de documentos é situar-se ao lado daqueles que, de Durkheim a P. Bourdieu passando por Bachelard, querem dizer não “a ilusão da transparência” dos fatos sociais, recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea. (BARDIN, 2011, p. 34).

5.7.5 Nomeação dos usuários e ética da pesquisa

De forma geral, os usuários do grupo *online* Bicicletada Recife observados foram codificados por meio de combinação alfanumérica e símbolos gráficos (Quadro 5). Como exceção, tivemos nove agentes⁸⁰ os quais receberam nomes fictícios. Isto aconteceu porque criamos o sistema alfanumérico de identificação depois de termos adotado os pseudônimos para esses agentes. Julgamos que uma mudança posterior dos seus nomes fictícios para códigos poderia gerar problemas em cruzamento, resgate e tratamento de dados.

Tanto o sistema de códigos como o de pseudônimos têm o propósito de inibir a identificação direta dos usuários (pessoa física) expostos através das transcrições de alguns dos seus comentários neste trabalho. Tais medidas procuram prevenir contra possíveis danos a esses indivíduos, embora não consideremos que o teor das comunicações sejam degradantes. Ademais

[...] é importante reconhecer que qualquer pessoa que utiliza sistemas de comunicação publicamente disponíveis na internet deve estar ciente de que esses sistemas são, em sua base e por definição, mecanismos para armazenamento, transmissão e recuperação de comentários. Ainda que alguns participantes tenham expectativa de privacidade, ela é extremamente inapropriada. (WALTHER, 2002, p. 207 apud KOZINETS, 2014, p. 134).

Podemos também tomar o exemplo do código federal estadunidense cujo trato já está desenvolvido sobre a questão ética abordada aqui. Esse código, através

⁸⁰ São citados neste trabalho: “Anna”, “Amy”, “Dan”, “George”, “Harry”, “John”, “Mary”, “Susan” e “Ted”.

de seções relativas aos critérios de aprovação de IRBs da pesquisa, conforme observação de Bruckman (2002, p. 225 apud KOZINETES, 2014, p. 135), não proíbe as pesquisas de causar danos aos indivíduos. Seções dessa regulamentação

[...] sugerem que os riscos aos participantes dos estudos devem ser minimizados e que “os riscos aos sujeitos sejam razoáveis em relação aos possíveis benefícios esperados a eles, e à importância do conhecimento que pode-se razoavelmente esperar resultar” (Protection of Human Subjects, 2009). (KOZINETES, 2014, p. 135-136).

É com respeito a sugestão explicitada no citado código que providenciamos nossas observações, descrições, transcrições, análises e interpretações nesta pesquisa.

Vale ainda destacar que tratamos nesta pesquisa de comunicações assíncronas, “[...] que são mais claramente destinadas a postagens para comunicação em massa e pública”, conforme profere Kozinets (2014). Esse mesmo autor esclarece que

Analisar comunicações de comunidades ou culturas *online* ou seus arquivos não é pesquisa com seres humanos se o pesquisador não registrar a identidade dos comunicadores e se ele puder obter de maneira fácil e legal a essas comunicações ou arquivos. Essas são condições importantes e indicariam, por exemplo, que a análise de conteúdo e análises temáticas de comunicações *online* seriam, sob certas condições, isentas. (KOZINETES, 2014, p.134, grifo do autor, grifo nosso).

Quanto à condicional do uso legal dos conteúdos que expomos neste trabalho, destacamos que, para a exposição especialmente de *posts/comentários*, conforme nossa atenção e interpretação, respeitamos os compromissos explicitados pela Declaração de Direitos e Responsabilidades do Facebook – www.facebook.com/legal/terms –, cuja data da última revisão foi de 30 de janeiro de 2015, permanecendo sem alterações até a data de fechamento deste trabalho de pesquisa.

Em conformidade com o compromisso de segurança requerido pelo Facebook, no segundo item (2.) da seção três (3. Segurança), não coletamos *conteúdos*⁸¹ ou *informações*⁸² dos seus usuários, nem acessamos essa rede social, usando meios automatizados e exemplificados como *bots* de coleta, robôs, *spiders* ou *scrapers*. Todo o nosso levantamento e tratamento de dados dependeram de trabalho “artesanal”, isto é, não automatizado. Também, respeitando o item nove (9.), nós nos comprometemos em não praticarmos o que os termos se referiram como “qualquer ato ilegal, equivocado, malicioso ou discriminatório” (o documento não traz outro detalhamento sobre essa questão).

Em relação aos termos expressos na seção cinco (5.) e intitulada Proteção dos Direitos de Outras Pessoas, em atenção especial ao item sete (7.), buscamos o consentimento de todos os agentes (usuários do Facebook) cujos *posts* ou comentários foram publicados neste trabalho. Para eles, através de *publicação*⁸³, explicamos sinteticamente quais informações foram coletadas e como elas foram usadas na pesquisa. Também esclarecemos, conforme instrução dos termos citados, que a coleta de informações feita foi providenciada pelo pesquisador desta pesquisa e não pelo Facebook.

Frisamos que todas as informações descritas e analisadas neste trabalho puderam ser acessadas conforme status de privacidade regulado pelos próprios usuários do *website* de relacionamento em tela. Na condição de grupo *online* fechado, para ter acesso direto aos comentários dos agentes do Bicicletada Recife, basta o usuário do Facebook ter seu *profile* aceito pelos administradores do citado grupo. Também recorremos a informações de outros meios, todos estes com a possibilidade de acesso irrestrito (aberto ao público geral) e veiculado pela mídia jornalística.

⁸¹ Conforme seção 17 da Declaração de Direitos e Responsabilidades do Facebook, temos: “4. O termo ‘conteúdo’ envolve tudo que você ou outros usuários publicam, fornecem ou compartilham usando os Serviços do Facebook”.

⁸² Conforme seção 17 da Declaração de Direitos e Responsabilidades do Facebook, temos: “3. O termo ‘informações’ envolve fatos e outras informações sobre você, incluindo as ações executadas por usuários e não usuários que interagem com o Facebook”.

⁸³ Conforme seção 17 da Declaração de Direitos e Responsabilidades do Facebook, temos: “6. O termo ‘publicar’ envolve publicar ou disponibilizar conteúdos usando o Facebook.”

Adotamos no código de identificação, indicadores com uma parte fixa – código *absoluto* da identificação – e outra parte que sofre alteração, mesmo se referindo a uma mesma pessoa – código *relativo* da identificação –, conforme algumas condições circunstanciais ou provisórias que os indivíduos apresentam em relação aos *posts/comentários*.

Os prestadores de serviço expostos neste trabalho, na condição de identidades públicas, tiveram o nome da empresa que os representa citada tal qual se apresenta no mercado, na mídia aberta ou nas suas páginas *online* e públicas de canal com o consumidor.

A seguir, no Quadro 5, apresentamos os parâmetros do código de identificação desenvolvido para esta pesquisa:

QUADRO 5 – Códigos de identificação dos usuários do grupo *online* Bicicletada Recife.

Código de identificação	Aspecto que o código de identificação determina	Descrição	Forma de notação adotada	Exemplo
Absoluto (parte fixa)	Anonimato	Numeração individual	De 01 a 460	11H 96M
	Gênero	Masculino ou feminino	H (masculino) M (feminino)	
Relativo (parte mutável)	Posição no discurso	Usuário agente que fez algum comentário discordante ou de ponderação em relação ao da maioria dos agentes de um <i>post</i> específico.	D	11H-D
	Condição quanto à participação no ciberespaço	Indivíduo que não pertence mais ao grupo <i>online</i> (ao se considerar a última verificação realizada - julho de 2015) ou que nunca pertenceu, embora evocado ou citado por usuário agente de um <i>post</i> .	E	72H-DE 79M-E
	Condição quanto à participação em um <i>post</i> .	Usuário do grupo <i>online</i> , mas não agente no <i>post</i> no qual é citado.	S	80M-S

Fonte: o autor.

Quando feita a opção de preservarmos a exibição de *hiperlinks* veiculados pelos agentes em parte das transcrições explicitadas, esses aparecem sublinhados. De forma geral, suprimimos a quantidade de usuários que “curtiram” as postagens. As datas e horas dos *posts/comentários* também foram suprimidas.

Uma das razões desse procedimento está relacionada à preservação de identidades.

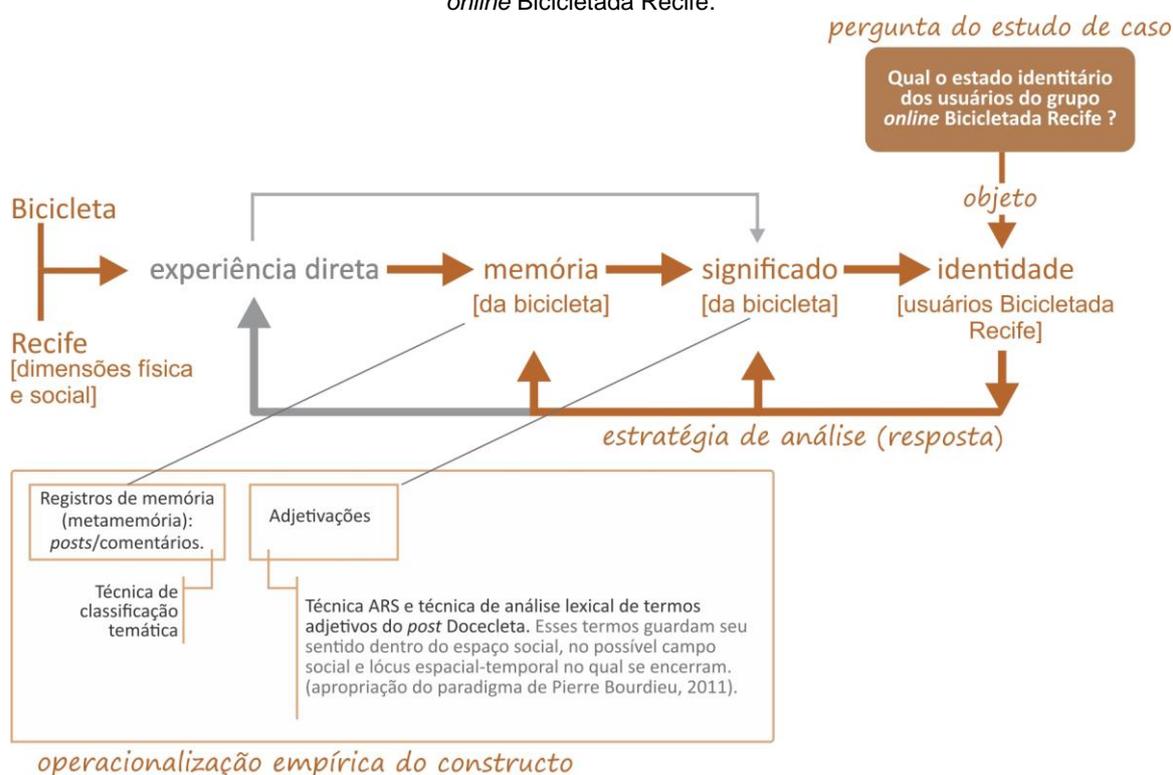
Os itens das “falas” que foram alterados ou suprimidos são:

- Alguns espaçamentos de texto. Esses foram subtraídos.
- Alguns *links* dirigidos a *profiles* ou *sites*. Esses foram subtraídos.

5.7.6 Apresentação final da proposta analítico-interpretativa do caso Bicicleta-Recife

A seguir, temos ilustrados na sua integralidade, conforme o condicionamento e operacionalização empírica do constructo EMSI (Figura 33), os elementos e estratégias da análise do caso Bicicletada Recife enquanto comunidade *online*:

FIGURA 21 – Constructo EMSI condicionado e operacionalizado empiricamente conforme o caso grupo *online* Bicicletada Recife.



Fonte: o autor.

Temos a bicicleta e a cidade do Recife, nas suas dimensões física e social como *input*, fonte das experiências diretas que alimentam o sistema memória-significado-identidade.

Reafirmamos que a **pergunta** que fazemos sobre o estado identitário dos usuários do Bicicletada se volta principalmente para o intervalo das publicações feitas entre os dias 10 de fevereiro e dois de março de 2015 (2ª coleta de dados).

Embora tenhamos dados tratados da 1ª fase de coleta, realizada na primeira semana de janeiro de 2014, e que nos renderam a produção de *full paper*⁸⁴, eles nos serviram bem mais como um **ensaio**, entre outras coisas, no tocante ao afinamento de estratégias operacionais de pesquisa. Por exemplo: como ter acesso rápido a dados conferidos em datas pretéritas por meio da *timeline* do grupo *online* Bicicletada Recife? Achar a resposta para isso foi importante, tendo em vista que fazer um arquivamento com todas as informações dos *posts* e comentários conferidos no ciberespaço, dessa forma, incluindo vídeos e *links* de conteúdos diversos, houvera se revelado atividade difícil e que exigira bastante tempo.

Abaixo, reafirmamos os procedimentos condicionados à pesquisa do Bicicletada e que os resultados providenciados com eles serão apresentados no capítulo a seguir (6):

(1) Classificamos a temática abordada pelo grupo *online* por via da consulta dos registros de memória. (2) Associado ao resultado da classificação, promovemos interpretações, evocando aspectos teóricos, com ênfase na questão da memória. (3) Conferimos, mediante seleção de um *post*, termos usados no seu interior pelos agentes do Bicicletada para adjetivar ou qualificar, direta ou indiretamente a bicicleta, interpretando-os, na condição de adjetivações.

⁸⁴ Artigo The Construction of a Collective Memory of Urban Space: Experiences Report by Cyclists of Recife – Brazil. Selecionado e apresentado oralmente no 9th International Conference on Design and Emotion, na cidade de Bogotá (Colômbia), outubro de 2014.

6 ESTUDO DE CASO

6.1 *CRITICAL MASS*, BICLETADA RECIFE E A BICICLETA NA CIDADE DO RECIFE

O recente fenômeno do ciclismo⁸⁵ nos perímetros urbanos se associa em alguns casos a movimentos de abrangência internacional como o *Critical Mass*, cuja origem está na década de 1990. Ele está na pauta, em termos amplos, da discussão dos direitos urbanos e da qualidade de vida nas cidades.

O/A Bicletada – termo usado em muitas cidades brasileiras, em Portugal e Moçambique como representação do Massa Crítica (Critical Mass) – é um evento e um movimento que reúne tradicionalmente, em vários países, na última sexta-feira do mês, pessoas com veículos movidos à propulsão humana, incluindo bicicletas para trafegarem em grupo por ruas e avenidas de cidades. Ele é descrito por textos veiculados *online* como distinto de muitos movimentos sociais pela pressuposição de possuir uma estrutura horizontal e por uma ausência de hierarquia (sem líderes ou estatutos) (<http://pt.wikipedia.org>; <http://www.sfcriticalmass.org/>).

A primeira edição da *Critical Mass* ocorreu em São Francisco (Califórnia, EUA), no ano de 1992. Depois, o nome foi abraçado por muitas iniciativas ao redor do mundo que se propuseram a seguir as principais ações anunciadas pelo movimento californiano. É estimado que mais de 325 cidades organizem massas críticas atualmente (da Figura 20 a 23). Tanto os membros de um mesmo grupo como os de grupos diferentes de massa crítica utilizam a internet como um meio de socialização, além de organização entre si. Como termo, a massa crítica é uma referência a teorias sociais. Essas apontam revoluções sociais que podem ser alcançadas depois que certa massa crítica de apoio popular é evidenciada (<http://pt.wikipedia.org>; <http://www.sfcriticalmass.org/>).

⁸⁵ Apesar do ciclismo ser um termo que pode ser associado exclusivamente à prática desportiva baseada em corridas de bicicleta, neste trabalho, adotamos definição mais ampla, na qual consideramos a atividade do uso da bicicleta com qualquer propósito ou em qualquer circunstância.

FIGURA 22 – Símbolo Massa Crítica São Francisco – EUA, 1994.



Design: James R. Swanson. Fonte: <<http://foundsf.org/>>.

Apesar de possíveis distinções nos comportamentos de grupos bicicletada, eles se autodescrevem e costumam ser descritos, nas apresentações dos sites, blogs e rede social, como grupos ativistas cujas ações são fundadas em propósitos político-reivindicatórios (de “protesto”) e de celebração ou atividade lúdica (conferir da Figura 20 a 22 acerca de fontes diversas). De forma ampla, nessas apresentações, a bicicleta é defendida como meio de transporte viável, rápido, saudável e prazeroso. Os participantes são descritos como defensores da criação de condições favoráveis para o uso da bicicleta e de sistemas de transporte sustentáveis de pessoas, no meio urbano, objetivando sentir prazer e segurança de andar pela cidade em grupo. Alguns participantes acreditariam que as leis para os usuários de bicicletas nas ruas são injustas e favoreceriam fortemente usuários de veículos motorizados em muitas cidades (<http://pt.wikipedia.org>).

FIGURA 23 – Símbolos: Massa Crítica Rio de Janeiro - Brasil, *Critical Mass* Miami - EUA e *Critical Mass* Wellington - Nova Zelândia.

Fontes: respectivamente, <<http://www.sollas.com.br>>, <<http://blog.iheartmiami305.com>>, <<http://cyclingwellington.co.nz>>.

FIGURAS 24 – Cartazes: chamadas, respectivamente, para Critical Mass em Budapeste - Hungria e Taiwan - China (designer: Hsuan Cheng Lin [Chris Lin]).



Fontes: respectivamente, <www.xpatloop.com>, <www.taipeitrends.com.tw>.

FIGURA 25 – Cartaz *Critical Mass*/ Massa Crítica Maputo - Moçambique.



Fonte: <<http://mozambiquebikeculture.blogspot.com.br>>⁸⁶.

Sobre especificamente o surgimento do Bicletada Recife, assim como de outras alianças que também propõem atividades no Recife, o livro *A Bicicleta no Brasil 2015*⁸⁷, realizado através da parceria dos grupos Aliança Bike – Associa-

⁸⁶ É comum o projeto gráfico, como é o caso apresentado, ser reaproveitado pelos divulgadores de eventos distintos de massa crítica espalhados pelo mundo.

⁸⁷ Vale realçar que o citado livro é o resultado de uma parceria que envolve, na sua escrita e pesquisa, grupos simpatizantes ou ativistas da causa do uso da bicicleta nas cidades. Dessa

ção Brasileira do Setor de Bicletas, Bicicleta para Todos, Bike Anjo e União dos Ciclistas do Brasil, cujo apoio financeiro é do Banco Itaú (2014), nos conta:

Movimentações em defesa do uso da bicicleta enquanto meio de transporte começaram a surgir com o início da Massa Crítica no Recife em 2008. A Bicicletada tem sido um importante espaço de troca de ideias e de reunião de pessoas tornando-se berço de diversos grupos cicloativistas. Em 2011, se iniciou o projeto do Bike Anjo, que conta com voluntários ativistas que ajudam e auxiliam as pessoas a se deslocar de bicicleta pela cidade. No ano seguinte, nascia o Cicloação Recife, para divulgar ações de cicloativistas e incitar o debate com a sociedade dentro dos temas bicicleta e anti-carrocracia. Em 2013, foi fundada a AMECiclo, primeiro movimento institucionalizado que tem como missão transformar as cidades, através da bicicleta, em ambientes mais humanos, democráticos e sustentáveis. (A BICICLETA..., p. 83, 2014).

FIGURA 26 – Cartaz convocatório para Bicicletada no Recife.



Fonte: <<http://www.observatoriodorecife.org.br>>.

forma, além de trazer dados sobre a cultura material e estatísticas nacionais sobre diversos aspectos relacionados ao uso da bicicleta em algumas capitais brasileiras, entre elas, Recife, também representa uma forma de estabelecermos contato com o pensamento dos seus autores quanto ao que eles atribuem como papel ou significado da bicicleta e, em especial, do pensamento de alguns indivíduos que também são usuários agentes do grupo *online* Bicicletada Recife. O livro citado também trata de qualidade de vida nas cidades por meio do uso da bicicleta, política e leis relacionadas ao seu uso, história e contexto do mercado deste artefato no Brasil.

E assim complementa o texto do mesmo livro:

O trabalho desses e outros movimentos tem impulsionado o diálogo em torno da bicicleta dentro do poder público e da sociedade. Alguns avanços já são notados na cidade, no entanto políticas mais incisivas são necessárias para o crescimento no uso do modal com a consequente melhoria da qualidade de vida do recifense. (A BICICLETA..., p. 83, 2014).

Nesse ponto, vale destacar o que interpretamos sobre o grupo *online* Bicicleta da Recife enquanto **estrato social**. De forma geral, seus agentes pertencem a **camadas médias**⁸⁸ da sociedade. Apesar de não termos feito uma pesquisa direta a esse respeito, por exemplo, com o uso de questionários *online* ou alguma forma de entrevista, assentimos, por via da nossa observação dos conteúdos dos *posts/comentários* dos seus agentes, os seguintes indicadores socioculturais que nos respaldam nessa afirmação:

- Os agentes apresentam, de forma geral, boa qualidade da escrita, através do domínio de uma linguagem clara e que, quando subvertem a norma culta da escrita (comum na *web*), denotam indiretamente o próprio domínio sobre ela.
- Alguns agentes apontam referências de livros, publicações e *links* que, de forma geral, através da natureza dos seus conteúdos, denotam uma boa escolaridade desses participantes, inclusive, com direcionamento para publicações em língua estrangeira, o que nos leva a pressupor a capacidade de leitura e interpretação desses documentos por parte dos agentes.
- Alguns agentes expressam hábitos, *gostos* e possibilidades do consumo de produtos e serviços de médio e alto padrão.

Embora tenhamos chegado à conclusão de que o grupo *online* pertença a camadas médias, destacamos as impressões do agente 10H sobre a estratificação do grupo, enquanto movimento de rua, ou ainda, sobre as possibilidades de adesão do grupo de rua por participantes de diversas camadas. Endossado por 38 “curtidas” (número alto frente à média observada nos comentários veicu-

⁸⁸ Sobre “camadas médias”, visitar a seção 5.3. Escolha da Comunidade *Online* (Grupo *Online*), no capítulo 5.

lados no grupo *online*), assim comentou o agente 10H sobre uma das suas experiências como participante frequente da ação bicicletada nas ruas do Recife:

 10H. Meu irmão, negócio sem igual que só a Bicicletada tem. Essa capacidade de arrastar gente de todas as classes por onde passa. Isso combina demais com o que é a bicicleta! Só me lembra Penalosa falando de como investir em ciclovia é democratizar o direito de uso à rua. MUITO LEGAL!

6.2 RECIFE: UM CONTEXTO URBANO E SOCIAL

Ao pressupormos o Recife como importante variável para a compreensão do estado identitário do grupo *online* Bicicletada Recife, nesta subseção, reunimos informações sobre seus aspectos físicos e sociais. Com isso, esperamos amparar interpretação sobre tal estado. Reforçamos que parte dos integrantes do grupo *online* participa também das manifestações do Bicicletada de rua, no Recife. Especialmente a considerar esse aspecto, a bicicleta, como representação e instrumento mediador de processos de apropriação do espaço urbano, é objeto catalizador de experiências, de significação e de metamemórias a seu respeito, bases para a reivindicação de identidades coletivas (Figuras 27 e 28).

FIGURA 27 – A bicicleta como catalizadora de significação na cidade do Recife.



Muro grafitado do Cemitério de Santo Amaro. Ano de 2013. Fonte: o autor.

FIGURA 28 – Chamada para participação de ação bicicletada, relacionando-a ao movimento da sociedade civil organizada Ocupe Estelita⁸⁹.



Fonte: <www.facebook.com>.

Recife é o município capital do Estado de Pernambuco – Brasil. Está localizado na Região Nordeste, latitude 8° 04' 03" S e longitude 34° 55' 00" W, clima quente e úmido, com temperatura média de 25° C (77° F).

Segundo o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2010 (IBGE, 2014), possui uma população de 1.537.704 habitantes distribuídos em um território de 218,50 km². Incluindo as catorze cidades que estão no entorno (Região Metropolitana do Recife ou Grande Recife), corresponde a quinta maior aglomeração urbana do Brasil, com 3,7 milhões de habitantes. É a terceira metrópole mais densamente povoada do país – 7.039,64 habitantes por metro quadrado –, quarta rede urbana em população.

⁸⁹ Em linhas sintéticas, o Ocupe Estelita é um movimento social pernambucano deflagrado na cidade do Recife que se posiciona contra as diretrizes urbanísticas do projeto imobiliário Novo Recife, da autoria do Consórcio Novo Recife – uma associação de empresas privadas do setor construtivo, que comprou, em 2008, através de leilão, terreno de aproximadamente 100.000 m², às margens da Bacia do Pina e que antes era uma propriedade da Rede Ferroviária Federal. Atualmente (junho de 2015), o terreno citado é ocupado por galpões do antigo Cais José Estelita, além de outros equipamentos da antiga estrutura ferroviária, todos em péssimo estado de conservação (ruínas).

Em 23 de maio de 2012, quando ocorreu a primeira audiência pública sobre o Projeto Novo Recife, surgiu o grupo Direitos Urbanos, um dos principais protagonistas do que, então, passou a ser conhecido nacional e internacionalmente, especialmente através das redes sociais *online*, como movimento Ocupe Estelita. Os representantes do movimento Ocupe Estelita alegam a falta de protagonismo do poder público e ilegalidades envolvendo o projeto Novo Recife, desde as condições da compra do terreno às diretrizes de como deveria ser a intervenção urbanística. Questionam sobre os impactos culturais, sociais e ambientais que o projeto Novo Recife proporcionaria para a cidade e, em especial, para a área histórica da cidade do Recife que circunda o terreno citado. O projeto estaria voltado, de forma excludente, para camadas mais ricas da sociedade, entre outras denúncias e argumentos. Para mais detalhes sobre o tema, indicamos: <http://www.novorecife.com.br/> e <https://youtu.be/dJY1XE2S9Pk>.

Recife tem 95% de todo o valor da riqueza gerada relacionado às atividades comerciais e prestação de serviços. A cidade estima 74.5 anos (2010) de vida aos seus habitantes, tem uma renda per capita média de R\$ 1.144,26 Reais (\$ 480,5392 dólares) associada ao índice Gini de 0,6894 (2010), sendo este resultado um indicador de alta desigualdade na distribuição de renda. Tem o melhor índice de desenvolvimento Humano Municipal (IDH) entre as capitais nordestinas (2012), sendo ele igual a 0,772, cujo parâmetro é de que quanto mais próximo esse valor for de “1”, melhor qualidade de vida indica.

A cidade tem alto índice de violência concomitante com a situação de capital brasileira que mais reduziu este indicador na década 2000. A taxa de homicídios é quase seis vezes maior que a considerada aceitável pela ONU. Ainda assim, é menor que a registrada em cidades como Detroit e New Orleans nos Estados Unidos, por exemplo.

Um dos processos de transformação urbanística do Recife é a “verticalização” (Figura 26), que consiste na construção de altos e inúmeros edifícios, contribuindo para o adensamento construtivo de algumas de suas regiões mais valorizadas economicamente. Esta característica relacionada a outras condições, vistas de forma mais detalhada a seguir, tem gerado tensões entre representações civis, iniciativa privada e o poder público.

FIGURA 29 – Vista de um ponto da zona oeste do Recife: verticalização e adensamento.



Julho de 2015. Fonte: o autor.

Como resultado de movimento da sociedade civil organizada, foi criado o grupo **Direitos Urbanos** (2013) – Recife. Em seu *blog*, esse grupo esclarece que:

[O Direitos Urbanos] surgiu da articulação de pessoas interessadas em política e preocupadas com os problemas da cidade do Recife. A partir de um grupo de pessoas que se conheciam *offline*, o grupo foi se expandindo através das redes sociais e

começou a transformar suas preocupações em ação [...]. Participam do grupo pessoas bastante qualificadas de diversas áreas, com diferentes graus de experiência no setor privado ou nos governos, pessoas que aliam o conhecimento técnico com preocupação ética e social. O grupo é um lugar de intensa interdisciplinaridade, um lugar onde arquitetos e engenheiros conversam com sociólogos e filósofos e operadores do Direito interagem com artistas plásticos e cineastas. (direitosurbanos.wordpress.com, grifo nosso).

Em linhas gerais, os embates desenvolvidos na cidade do Recife, através de vários segmentos sociais, se dão em torno das questões da **qualidade de vida**, da **ética** e dos **direitos urbanos** (Figura 27). De forma mais detalhada, destacamos os conflitos e discussões sobre o direito e a forma de ocupação do solo, sobre a infraestrutura contra alagamentos e de saneamento básico, sobre a qualidade e manutenção de ruas e calçadas. Também se discute sobre a cobertura vegetal e seu trato, políticas e ações de mobilidade urbana, espaços públicos de convivência e lazer, qualidade e direito à moradia, relação Estado e iniciativa privada na definição do traçado urbanístico e *gentrificação*.

FIGURA 30 – Em Recife, vista parcial da estrutura desativada de galpões e antiga ferrovia federal, no interior do Cais José Estelita (2015).



Ciclista e outras pessoas em visita ao espaço como sinal de apoio ao Ocupe Estelita. Atualmente, este é cenário emblemático de conflito entre agentes sociais, representações públicas e privadas em torno da questão de direitos urbanos na cidade. Fonte: Débora Nascimento.

Quando tratamos da mobilidade urbana, segundo nota do Caderno Local do Diário de Pernambuco (www.diariodepernambuco.com.br) veiculada em 31 de março de 2015, Recife é a cidade com o trânsito mais lento do país, das 17h às 19h, e é a sexta de *ranking* internacional, pelo qual foram avaliadas 200 cidades. Esta pesquisa foi realizada, conforme explicitação do jornal, pela empresa Tom-Tom, especializada em sistemas GPS (sistema de localização de veículos). Conforme dizeres do jornal, temos que:

Em um ano, [no Recife,] se perde até 94 horas atrás do volante somente retornando para casa após o trabalho. [...] De acordo com os dados, a taxa de congestionamento local chega a ser de 82% no rush noturno, à frente de cidades como Los Angeles e Rio de Janeiro, onde se perde 93 horas ao ano, em média, e a taxa de congestionamento é de 81%. (www.diariodepernambuco.com.br).

Ainda sobre a questão da mobilidade no Recife, destacamos a discussão sobre políticas públicas que se prestem a regular o direito e o impacto do uso de veículos motorizados particulares como meio de transporte, através de ações como melhoria e diversificação do transporte público, criação de faixas segregadas para esse tipo de transporte e a viabilização e integração desse sistema com outros sistemas, preferencialmente coletivos e não motorizados, entre eles, os que preveem o uso de bicicletas. Também é discutido sobre o efetivo cumprimento do Código Nacional de Trânsito através de campanhas educativas, fiscalização e punição dos infratores. Assim é retratada a realidade social e urbana do Recife, no livro *A Bicicleta no Brasil 2015* (2014):

O Recife atual sofre com problemas estruturais em sua mobilidade decorrentes, principalmente, da ausência de políticas públicas integradas de transporte, trânsito e de uso e ocupação do solo. São diversos os fatores que travam o trânsito na cidade e geram graves transtornos à população, independente da modalidade de deslocamento que utiliza, um dos pontos críticos é a política de transporte. A cidade do Recife vem sendo construída de modo a priorizar os automóveis, símbolo de status, poder e sucesso financeiro, ao passo que ciclistas e pedestres têm sido marginalizados. Nesse aspecto, amplas e arborizadas calçadas foram sendo substituídas por vias asfaltadas e parques e praças viraram estacionamentos, por exemplo, fazendo com que transitar pelas ruas em carros particulares seja mais confortável do que caminhar pelas calçadas. (A BICICLETA..., 2014, p. 83).

A Prefeitura da cidade do Recife, cujo prefeito é Geraldo Júlio (2015), inaugurou no final do mês de março de 2013, a “Ciclofaixa⁹⁰ de Cultura e Lazer” (da Figura 29 a 31). A ciclofaixa inaugurada tem a região central da cidade como ponto de entroncamento. Ela liga algumas localidades das zonas norte e sul do

⁹⁰ Adotamos ciclofaixa como um espaço segregado exclusivo para ciclistas e que tem como característica não possuir uma separação fixa. No Recife, até o término desta pesquisa (julho de 2015), é isolada por cones móveis de sinalização.

Recife à ciclovia⁹¹ preexistente na faixa de praia da cidade, aos domingos e parte dos feriados, das sete às 16 horas. Nos ambientes nos quais é instalada a ciclofaixa, confirmamos a adesão predominante de camadas médias da sociedade. Sobre isso, temos:

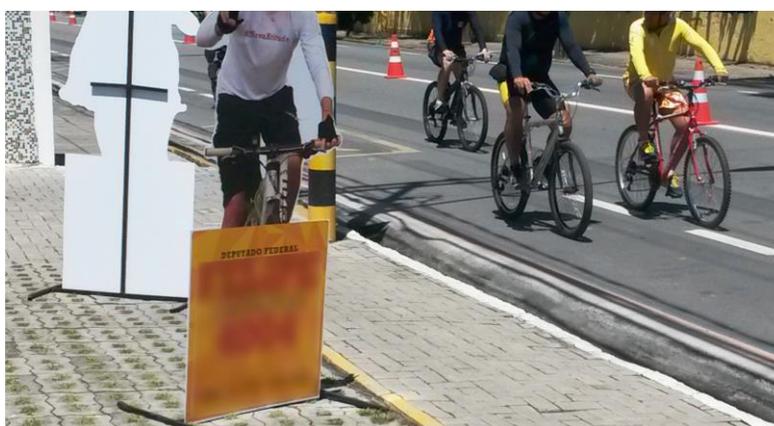
Pela classe média e classe média alta, há uma retomada do uso, principalmente como lazer, desde a implantação da ciclofaixa de turismo e lazer. Esse crescente do número, mesmo que aos domingos, aumentou o número de lojas de comércio e serviço, oficinas e o valor das peças. Também aumentou a quantidade de bicicletários e o uso da bicicleta como itens de decoração. (A BICICLETA..., 2014, p. 86).

FIGURA 31 – Ciclistas e agente de trânsito na Ciclofaixa de Turismo e Lazer.



Cruzamento com a Avenida Agamenon Magalhães. Espinheiro, Recife - PE. Ano de 2014. Fonte: o autor.

FIGURA 32 – Publicidade de candidato político e ciclistas na Ciclofaixa de Turismo e Lazer.



Mediações do Parque da Jaqueira, Recife - PE. Setembro de 2014. Fonte: o autor.

⁹¹ Adotamos ciclovia como um espaço segregado exclusivo para ciclistas e isolado de forma fixa.

FIGURA 33 – Ciclistas e tenda de produtos para ciclistas (à margem da Ciclofaixa de Turismo e Lazer).



Cruzamento com a Avenida Agamenon Magalhães. Espinheiro, Recife - PE. Ano de 2014. Fonte: o autor.

FIGURA 34 – Ciclistas na Ciclofaixa de Turismo e Lazer/ ciclista na calçada: diferenças no propósito de uso, na tipologia das bicicletas/ acessórios e, de camada social.



Avenida Rui Barbosa, Recife - PE. Ano de 2013. Fonte: o autor.

Fora a ação da Ciclofaixa de Turismo e Lazer, Recife conta com a segunda menor infraestrutura cicloviária entre dez capitais brasileiras pesquisadas

(Quadro 6 e Tabela 1). Isto pode ser conferido através de dados presentes no livro *A Bicicleta no Brasil 2015* (2014).

QUADRO 6 – Estrutura cicloviária capitais Brasileiras até 2014.

Capital	Território Km ²	Estrutura cicloviária Km ²	Observações:
Aracaju	181,857	59	
Belo Horizonte	331,40	+/- 70	
Brasília	5.778	400	Ciclovias segregadas.
Curitiba	430,9	165	80% compartilhada com pedestres.
Florianópolis	683,3	49,36	
Fortaleza	314,93	113	
Recife	218	30,7	A Ciclofaixa de Turismo e Lazer não foi incluída nesse total. Sua estrutura móvel, em funcionamento nos domingos e alguns feriados é de 36, 5 km (A BICICLETA..., 2014).
Manaus	11.401,09	20	Sem bicicletários.
Rio de Janeiro	1.255,3	374	Previsão até o final de 2015: 493 km.
São Paulo	1.530	222,8	Não incluídas: ciclorrotas (67,5 km) + ciclofaixa de lazer aos domingos (120 km).

Fonte: *A Bicicleta no Brasil 2015*.

TABELA 1 – Estrutura cicloviária recifense.

Estrutura cicloviária	local	km	Total km
Ciclovias	da Orla	7,9	9,4
	Avenida Norte	1,5	
Ciclofaixa	Brasília Teimosa	1,7	21,4
	Arquiteto Luiz Nunes	3,5	
	Binário do Parnamirim	3,8	
	do Cavouco	2,3	
	Tiradentes	7,0	
	Marquês de Abrantes	2,0	
	República Árabe Unida	0,26	
	Artur Lima Cavalcanti	0,75	
Total geral			30,7 km

Fonte: *A Bicicleta no Brasil 2015*.

Paradoxalmente à pequena infraestrutura cicloviária citada, *A Bicicleta no Brasil 2015* (2014) destaca pesquisa que aponta número expressivo de ciclistas que trafegam em vários cruzamentos do Recife em intervalos de apenas um

dia (Tabela 2). Também menciona que a tradição de uso da bicicleta nessa cidade seria favorecida por aspectos de topografia plana, entrelaçando essa afirmativa com descrições de costumes, da cultura material e do perfil socioeconômico dos usuários de bicicleta. Conferimos isto em dizeres como:

Há uma tradição de uso da bicicleta favorecida pela cidade plana, principalmente nas classes mais baixas. Há bairros onde há um grande fluxo de ciclistas, geralmente bairros mais afastados do centro e de classe mais baixa. Essas pessoas transitam todos os dias de bicicleta e podemos observar nas contagens os costumes adotados: são pessoas que transitam sem capacete e com suas barra forte, cargueiras ou de bicicletas de baixo custo (Zummi). Outro costume é vê-las carregando alguém, geralmente a pessoa amada, em seus bagageiros. (A BICICLETA..., p. 86, 2014).

FIGURA 35 – Ciclistas tradicionais do Recife.



Cruzamento da Av. Agamenon Magalhães, Santo Amaro. Outubro de 2014. Fonte: Priscilla Guimarães.

TABELA 2 – Contagem de ciclistas no Recife - 2013/ 2014.

Dia	Local	Qtd. Ciclistas
25/04/2013	Av. Rui Barbosa x Rua Amélia	1431
25/04/2013	Av. Forte do Bom Jesus x Rua Miguel Vieira Ferreira	3556
25/04/2013	Av. Beberibe x Av. Professor José dos Anjos	3727
30/10/2013	Rua Padre Lemos x Estrada do Arraial	3070
09/04/2014	Av. Mascarenhas de Moraes x Rua Engenheiro Alves de Souza	1386
09/04/2014	Av. Arquiteto Luiz Nunes x Rua Engenheiro Alves de Souza	2282
27/08/2014	Estrada de Belém x Rua Odorico Mendes	2155
	Total	17603

Fonte: A Bicicleta no Brasil 2015.

Em seu *website*, AMECiclo (Associação Metropolitana de Ciclistas do Grande Recife), criada em primeiro de maio de 2013, e que tem articulado algumas ações em conjunto com o grupo Direitos Urbanos, se apresenta da seguinte maneira:

A Associação Metropolitana de Ciclistas do Grande Recife – AMECiclo (2013), tem como principal eixo de ações o fomento ao uso de bicicletas e a democratização das vias públicas. Nesses termos, pretendemos atuar politicamente por meio de atividades educacionais, desportivas e culturais num único mosaico em que a prioridade seja a conscientização do caráter público do tecido urbano e a necessidade de humanizá-lo por meio da convivência pacífica entre as diferentes modalidades de transporte. (<http://www.ameciclo.org/>).

6.3 ESTADO IDENTIDÁRIO DOS USUÁRIOS DO BICICLETADA RECIFE

6.3.1 Classificação dos *posts*/comentários conforme temática

A codificação expressa adiante foi revisada e careceu de ampliação quando consideramos o enfoque sobre os dados colhidos já na segunda e última fase de coleta de dados. A temática classificada (Quadro 7), desmembrada através de assuntos, temas e subtemas⁹², deverá ser considerada com uma advertência: um mesmo *post*, especialmente quando passível de ser atomizado em subgrupos de comentários, poderá ser relacionado a mais de um assunto e seus respectivos temas e subtemas. Na prática, apesar de um *post* evocar um assunto, será comum encontrarmos, no seu interior, falas relacionadas a outros assuntos. Trata-se do ato de *tergiversar* ou de *associar* um assunto a outros.

No processo da constituição da codificação do Quadro 7, confirmamos uma transversalidade ou permeabilidade do assunto de “processos de apropriação da cidade” (PAC) sobre a maioria dos *posts* classificados. O assunto de PAC é percebido como o mais frequente de todos.

⁹² Adotamos assunto como uma forma de abordagem ampla ou global a respeito da realidade, e que pode envolver diversos temas. Dessa forma, temos um tema como recorte possível para determinado assunto, do mesmo modo que um subtema é um recorte de um tema.

QUADRO 7 – Classificação dos posts/comentários dos usuários agentes do grupo *online* Bicicletada Recife (primeira semana de janeiro de 2014, e; de 10 de fevereiro a dois de março de 2015).

(continua)

Assunto		Tema	Subtema
1	Significado da bicicleta quanto ao uso ⁹³	Instrumento prático.	Práticos desportivo, lúdico-recreativo, e; de transporte e locomoção.
		Instrumento simbólico-comunicativo.	
		Instrumento estético.	Expressão artística ou estilística.
2	Prestação de serviço	De representação individual ou coletiva, na condição de agente político-administrativo.	Crítica, elogio, citação, debate, descrição, pedido de informação.
		De representação individual ou coletiva, na condição de agente da iniciativa privada.	
3	Comércio e marketing	De bicicletas, seus acessórios e sistemas relacionados.	<p>Compra, venda e consumo.</p> <p>Divulgação ou requerimento de informações sobre custos.</p> <p>Qualificação de propagandas comerciais (qualidades técnica, criativa e ética na propaganda).</p> <p>Branding X práticas e posicionamentos (comparações e críticas entre o que seriam reais práticas e as formas como as empresas buscam construir sua imagem junto aos consumidores).</p> <p><i>Greenwashing.</i></p>
		De outros produtos, seus acessórios e sistemas relacionados.	

⁹³ A considerar as possibilidades funcionais verificadas por Löbach (2001) para os artefatos: funções práticas, simbólicas e estéticas. Também, conforme a discussão teórica de Bürdek (2010), temos o que esse autor chamou de funções comunicativas.

4	Comportamento, interações e práticas sociais	Realce da abrangência do movimento Bici- cletada no âmbito local, nacional e interna- cional.	
		Ocorrências, situações consideradas cômicas/ bizarras por agentes do grupo envol- vendo usuários de bicicleta.	
		Autocrítica dos agentes em relação ao que seria um comportamento desejável (<i>online</i> ou no movimento de rua).	
		Ação ativista, política ou político-partidário.	
		Estilo ou hábitos de vida associados à bici- cleta.	Iniciativas de consumo, lazer, trabalho, outros hábitos.
		Uso de drogas (lícitas ou ilícitas).	Concomitantemente ao uso da bicicleta ou não.
		Socialização.	Organização e divulga- ção do Bici- cletada do mês (movimento de rua). Organização, divulga- ção e participação em outros eventos ou mo- vimentos: sociais e culturais. Articulação e celebra- ção de redes de rela- ções em torno do uso da bicicleta.
5	Gênero	Mulher e bicicleta.	Denúncia e/ou protesto acerca de assédio mas- culino. Vulnerabilidade femini- na quanto a possíveis atos violentos.
6	Posição ideoló- gica	Discussão ou discurso de caráter ético, político, político-partidário ou quanto à legi- timidade de sistemas econômico e social.	Bicicleta, cidadania e direitos urbanos. Cicloativismo. Consumo. Gênero. Movimentos sociais. Sustentabilidade. Uso do automóvel e outros veículos motorizados.

7	Aspectos físicos e sociais do meio urbano e natural	Segurança e violência.	Ocorrências, condições de perigo/segurança e violência envolvendo usuários de bicicleta na grande Recife e outras localidades.
		(Re)descoberta de certos lugares de uso da cidade.	Recife. Região metropolitana de Recife e outros locais.
		Descrição sobre a geografia física e social da grande Recife e outras localidades.	Condições ambientais. Infraestrutura cicloviária. Infraestrutura para pedestres. Infraestrutura para motoristas. Outras descrições. <i>Gentrificação.</i>
		Sustentabilidade.	Relação bicicleta e ação sustentável.
		Clima e conforto ambiental.	Conforto térmico. Proteção contra radiação solar. Forração vegetal da cidade: sombreamento de calçadas e vias da cidade.
8	Políticas públicas e cidadania	Direitos urbanos.	Discussão e reivindicações sobre: Acessibilidade e mobilidade urbana.
		Educação.	Trânsito. Transporte público. Infraestrutura cicloviária.
		Legislação.	Tratado urbanístico. Conforto ambiental. Criação, revogação e fiscalização do cumprimento das leis.
9	Características das bicicletas	Descrições ou discussões sobre marcas, tipologias e qualidade dos materiais que constituem bicicletas.	

10	Relação bicicleta, outros veículos e pedestres	Bicicleta e automóveis. Bicicletas e ônibus. Bicicletas e outros veículos não motorizados.	Conflitos entre usuários de bicicleta e condutores de outros meios de locomoção. Vantagens/ desvantagens do uso da bicicleta em comparação a outros meios de locomoção no meio urbano e, especificamente, na grande Recife.
11	Saúde	Bem-estar social, físico e emocional (Relação bicicleta e saúde).	
12	Mídia	Bicicleta e notícias veiculadas por meios de comunicação.	Eventos. Comportamento. Outros.

Fonte: o autor/ dados da pesquisa.

Sobre a constatação do assunto comum de PAC em meio às diferenças daquelas que separam os *posts* na classificação sugerida no Quadro 7, destacamos a observação feita por Minayo (2012) relacionada a práticas de análise de conteúdo: aspectos de homogeneidade podem e devem ser conferidos numa proposta desse tipo de trabalho tanto quanto os que conferem diferenças.

Por meio do resultado da técnica de classificação, assuntos como “aspectos físicos e sociais do meio urbano e natural” e “políticas públicas e cidadania”, emergem como indicadores da relação agentes Bicicletada e os assuntos da cidade, na forma dos muitos comentários que estão majoritariamente dentro de uma categoria de *protesto* (Tabela 3). Tais falas se mostraram relacionadas aos contextos para os quais já providenciamos uma descrição neste capítulo, na seção Recife: um Contexto Social e Urbano.

Interpretamos que a evidenciação da permeabilidade de PAC nos assuntos conferidos, ratifica a cidade, na forma de comentários que evocam suas características físicas e sociais, como importante substrato para a partilha e construção de memórias e, por conseguinte, para processos reivindicatórios de uma identidade coletiva do Bicicletada Recife (HALBWACHS, 2006). Também, como desdobramento, tal conclusão nos leva a deduzir que os aspectos peculiares de uma cidade ajudam a particularizar os estados identitários dos que nela

estão radicados como massas críticas ou bicicletadas. Mas o que poderia, então, ser considerado como particularidades do estado identitário do grupo *online* Bicicletada Recife frente ao que encontramos como generalizações descritas sobre as massas críticas?

6.3.2 Interpretação de seleção de comentários (registros de memória)

A seguir, temos transcrições de alguns comentários que constituem parte do *corpus* que possibilitou a *análise* por meio da técnica de classificação expressa na seção anterior (Quadro 7). Sobre esses comentários, apresentamos *descrições*, associando-as a *interpretações*⁹⁴ (MINAYO, 2012) e algumas *inferências* (BARDIN, 2011). Com essas ações, recorreremos à teoria articulada neste trabalho como suporte para interpretar a realidade. Outrossim, tratamos de endossar as conclusões apresentadas no final da subseção anterior (6.3.1), procurando lançar uma luz sobre o que pode haver de peculiar no grupo *online* Bicicletada Recife frente ao que é descrito de forma generalizada sobre sua versão de rua e outras massas críticas espalhadas pelo mundo. O texto seguinte também exterioriza a gênese de algumas hipóteses sobre o caso Bicicletada Recife, conforme sinalizou Bardin (2011) ser comum em trabalhos que envolvem técnicas de análise de conteúdo, do mesmo modo que sugere questões que poderão ser investigadas em outros estudos.

⁹⁴ Para análise e interpretação, temos que:

Wolcott (1994) não só diferencia essas duas expressões como as distingue do termo *descrição*. Segundo esse autor, na *descrição* as opiniões dos informantes são apresentadas da maneira mais fiel possível, como se os dados falassem por si próprios; na *análise* o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes decompostas e, por último, na *interpretação* – que pode ser feita após a análise ou após a descrição – buscam-se sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação do que vão além do descrito e analisado. [...]

Como terceira observação, destacamos que, quando falamos de análise e interpretação de informações geradas no campo da pesquisa qualitativa, estamos falando de um momento em que o pesquisador procura finalizar o seu trabalho, ancorando-se em todo material coletado e articulando esse material aos propósitos da pesquisa e à sua fundamentação teórica. (MINAYO, 2012, p. 80-81, grifo do autor).

Como critério para a seleção de comentários, escolhemos aqueles que nos permitiram abranger da melhor forma possível os aspectos paradigmáticos que introduzimos. Para atender a esse propósito, no entanto, não anuímos ser necessário eleger um exemplo de comentário ou conjunto de comentários conforme cada assunto conferido no trabalho de codificação (de análise) do quadro de classificação temática (Quadro 7) apresentado na seção anterior.

Reforçamos, por fim, que os agentes mencionados a seguir são apresentados por meio de pseudônimos ou códigos, conforme sistematização e protocolos éticos que aplicamos.

Comentário 1

Trata-se da unidade de um conjunto de comentários cujos assuntos combinados são: (1) Significado da bicicleta quanto ao uso⁹⁵ + (4) Comportamento, interações e práticas sociais⁹⁶.

Descrição – O comentário transcrito adiante catalisa grupo de comentários que discorre sobre o que seriam interesses dos chamados “grupos de pedal”, cujos principais objetivos não estariam em conformidade com os do movimento de rua Bicicletada Recife. O agente John participou de discussão sobre possível preconceito entre os integrantes dos dois grupos, decorrente do que seriam diferenças dos propósitos quanto ao uso da bicicleta durante as ações dos movimentos de rua citados. Ele, posicionando-se como detentor de experiências de convivência nos dois grupos, considera que a “grande totalidade”⁹⁷ dos agentes envolvidos na ação de grupos de pedal estaria focada em uma dimensão lúdica do uso da bicicleta enquanto os que participam da Bicicletada teriam uma relação com ato de “protesto”. Como meio de generalizar e elucidar sobre

⁹⁵ Temas: instrumento prático e simbólico-comunicativo.

⁹⁶ Tema: socialização. Subtema: *posts* de articulação e celebração de redes de relações em torno do uso da bicicleta.

⁹⁷ Temos dúvida sobre a colocação de John nesse ponto. Ele desejou se referir a maioria das pessoas em vez da sua totalidade? Na sua fala, o uso da palavra “grande” pode se tratar tão somente de uma forma de ele reforçar ou de dar um sentido exclamativo para a ideia de “totalidade”, embora sob os rigores da norma culta, seja considerada uma forma redundante de linguagem (pleonasma).

essa denominação, temos movimento que ostentaria uma ação político⁹⁸-reivindicatória.



John. Quanto ao preconceito ou pseudo-preconceito, posso falar por mim, que já fui "administrador" de grupo de ciclismo noturno, unidade esta com mais de 100 usuários. A *grande totalidade* das pessoas que participa de grupos de pedal não está interessada em "perder" seu tempo protestando, argumentando, buscando... enfim, estão ali com os seguintes interesses: pedalar, exercitar-se, exhibir-se, paquerar, trollar, etc... coisas deste tipo, entende? (Grifo nosso).

Interpretação:

Versamos aqui sobre questões relacionadas aos dois fenômenos do sistema memória-identidade.

Sobre o que seria o processo de construção social da memória, pelo qual haveria uma capilaridade entre memórias individuais e coletivas, reservamos os seguintes dizeres:

Se essas duas memórias se interpenetram com frequência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com ela em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância. (HALBWACHS, 2006, p. 71).

Ainda sobre tal processo, Halbwachs nos acrescentou:

[...] a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas – evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também as invadem, mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 2006, p. 71).

⁹⁸ Temos um sentido amplo para esse termo. Trata-se de condição indissociável da convivência humana, da negociação que fazemos entre nós sobre o que seriam direitos, deveres, oportunidades, comportamentos, etc. Referimo-nos à dialética que estabelecemos entre nós através da qual construímos, regulamentamos ou estruturamos a vida social. Nos *posts* ou comentários, as "ações políticas" são identificadas pelas situações de negociação, de reclamação, de articulação e de denúncia que exprimem.

Baseados no que nos anunciou Halbwachs (2006) sobre a relação memória individual e memória coletiva, considerando a fala de John e o contexto no qual está inserida, concluímos que seu comentário tanto **reproduz** como **colabora na construção** de memórias do Bicletada Recife (letras A e B). Ademais, referenciados na contemporização do tema da memória por Candau (2014), nos componentes do constructo EMSI, na condição da internet como artefato cultural, na condição de uma ecologia humana e na teoria dos processos identitários (ênfase no processo relacional), desenvolvemos as seguintes interpretações:

A) O comentário de John reproduz a memória do Bicletada Recife.

Ancorados em Halbwachs (2006), ficaria difícil separarmos na fala de John o que é resultado exclusivo da evocação das suas próprias memórias. Ao veicular seu comentário (registro de memória) sobre como grupos de pedal e o Bicletada se comportariam e **significariam** a bicicleta, ele pôde ter se apoiado nas impressões e **experiências** já apresentadas por outros agentes dos grupos citados ou por indivíduos que trataram sobre tais grupos (HALWACHS, 2006). Meditamos sobre a possibilidade de que leituras e conversas pregressas dentro e fora da comunidade *online*, de alguma forma, terem sido integradas por John a sua fala (*ibid.*), tendo em vista a sua potencial condição de acessá-las. No próprio *corpus* da pesquisa, encontramos falas anteriores e que são semelhantes a sua fala. Tal processo previsto, pelo qual John reproduz, caso não propriamente uma memória coletiva (*ibid.*), ainda sim uma **memória social** (CANDAU, 2014), encontrou lastro na convivência que ele evidenciou ter existido com os dois grupos de rua, além do próprio contato *online* (HALBWACHS, 2006). Nessa situação, a possibilidade de **simpatia** por um ou os dois movimentos de rua, da mesma maneira que por alguns dos seus integrantes, tornou viável a construção de uma memória coletiva (*ibid.*). Pelo viés apresentado, considerando relação memória-identidade (CANDAU, 2014; CARSOSO, 2012), inferimos que a fala de John, ao reproduzir uma memória coletiva, também colabora para firmar um estado identitário para o Bicletada *online*.

B) O comentário de John colabora na construção da memória do Bicletada Recife.

Quando focamos no que se constituiria como parte possivelmente inédita, no nível individual⁹⁹ ou coletivo das evocações de experiências feitas por John, podemos refletir sobre a sua participação numa “invenção” identitária (BAUMAN, 2005) do Bicletada *online*. Sobre isso, tanto meditamos sobre o que, vindo da sua fala, pôde ter sido novo para alguns integrantes recém adicionados ao grupo *online*¹⁰⁰, como o que pôde ter se constituído como construção de uma “terceira fala”. Esta seria caracterizada por novos sentidos que surgiriam a partir do que John agregou de outras falas a sua fala (HALBWACHS, 2006).

C) O comentário de John colabora na construção do estado identitário do Bicletada Recife numa aproximação das suas versões *online* e *offline*.

A invenção identitária a qual nos referimos ilustra observações feitas por Frago, Recuero e Amaral sobre a internet como artefato cultural (2013), isto é, como uma extensão da vida “real” e cotidiana. No caso de John, explicita-se uma situação de capilaridade *online-offline*. No ciberespaço, como campo de relação interpessoal e de expressão, John expõe sua experiência com o movimento *onsite* (presencial físico) do Bicletada tanto para agentes apenas *online* como para outros agentes que, como ele, também participaram ou participam do movimento de rua. Quando nos referimos a processos identitários de agentes como John, dessa forma, pelo menos até certo ponto, também estamos nos referindo a processos identitários da versão de rua do Bicletada Recife.

D) O comentário de John representa um alinhamento entre estado identitário reivindicado pelo Bicletada Recife e o que é descrito de forma geral sobre massas críticas.

⁹⁹ Halbwachs (2006) se perguntou sobre a pertinência de memória puramente individual. Ele não duvidou inteiramente da sua existência, mas a considerou minimizada nos processos sociais os quais a construção da memória estaria envolvida.

¹⁰⁰ Alguns integrantes recém aceitos pelo grupo *online*, possivelmente atraídos por temas do ciclismo, passaram a conhecer sobre princípios do Bicletada por meio da fala dos seus agentes. Portanto, estes se tornaram porta-vozes de uma identidade coletiva reivindicada para muitos recém-chegados à tal comunidade virtual.

Tratamos aqui do nível de equivalência entre estado identitário reivindicado e o que pode ser descrito sobre ele por terceiros e de forma generalizada.

Embora tenhamos conferido a autoapresentação exposta na página do grupo *online* Bicicletada Recife (www.facebook.com/groups/bicicletadarecife), assim como *sites* que se propõem a definir o que são massas críticas através de (www.sfcriticalmass.org; pt.wikipedia.org) descrições universais, nos perguntamos até que ponto essas descrições identitárias de grupo coincidem com as práticas desses grupos. Verificamos que John, como reivindicante de uma identidade coletiva para o Bicicletada, se alinha com os atributos que alguns *sites* generalizaram sobre tal grupo. Em outras palavras, as experiências e práticas relatadas por John estão em conformidade com descrições feitas por terceiros a respeito do que *seriam* as massas críticas. A natureza temática das postagens dos usuários agentes do Bicicletada Recife mapeadas no Quadro 7 endossa essa equivalência.

Em consonância com o alinhamento discutido, de forma ampla, constatamos que os *posts/comentários* Bicicletada podem ser, com ajuda do trabalho classificatório por temática providenciado (Quadro 7), redistribuídos por meio de três categorias macros. São elas: “de protesto” (de natureza político¹⁰¹-reivindicatória), “lúdica” e “outras”.

E) O comentário de John ilustra processo relacional de construção identitária.

Em apropriação de uma perspectiva relacional¹⁰², preferida pela maioria dos pesquisadores contemporâneos para explicar os processos identitários (CANDAU, 2014), temos que a abordagem de John se trata de uma estratégia de reivindicação identitária para Bicicletada através da descrição de como o *outro* é, isto é, baseado no esforço de distinção do Bicicletada frente ao que *seriam* grupos de pedal.

¹⁰¹ Consultar nota 97.

¹⁰² A memória de John, como base para processos identitários (CANDAU, 2014; CARDOSO, 2012), é construída e representada por meio de um processo dinâmico e dialógico do *eu* com o *outro*. Isso ocorreria, tal qual nos parece concordar o antropólogo e sociólogo Denis Cuche (1999).

F) O comentário de John representa estado identitário de *protesto* do Bicicletada Recife e que foi constituído por influência de PAC.

Nesta subseção, tratamos da possibilidade de influência do meio urbano sobre estados identitários do Bicicletada Recife *online*. Para além de um fenómeno da ecologia humana, também refletimos como parte de processo relacional de construção identitária¹⁰³.

Através da tabela 3, podemos verificar que quase metade dos *posts* da pesquisa são da categoria de *protesto*. A essa categoria estão relacionadas as maiores quantidades de comentários e “curtidas” também. Sobre essas constatações, nas subseções subsequentes I e II, acrescentamos algumas interpretações.

TABELA 3 – Realce do estado identitário do grupo *online* Bicicletada Recife.

	<i>Protesto*</i> *(político-reivindicatório)	Lúdico	Outros
<i>Posts</i> (%)	47,5%	22,5%	30%
Qtd. comentários (%)	84,7%	5,48%	9,82%
Curtidas (%)	54,3%	25,5%	20,2%
Média comentários/ <i>posts</i>	10,89	1,5	2
Média curtidas/ <i>posts</i>	13,08	12,9	7,71

Fonte: dados da pesquisa.

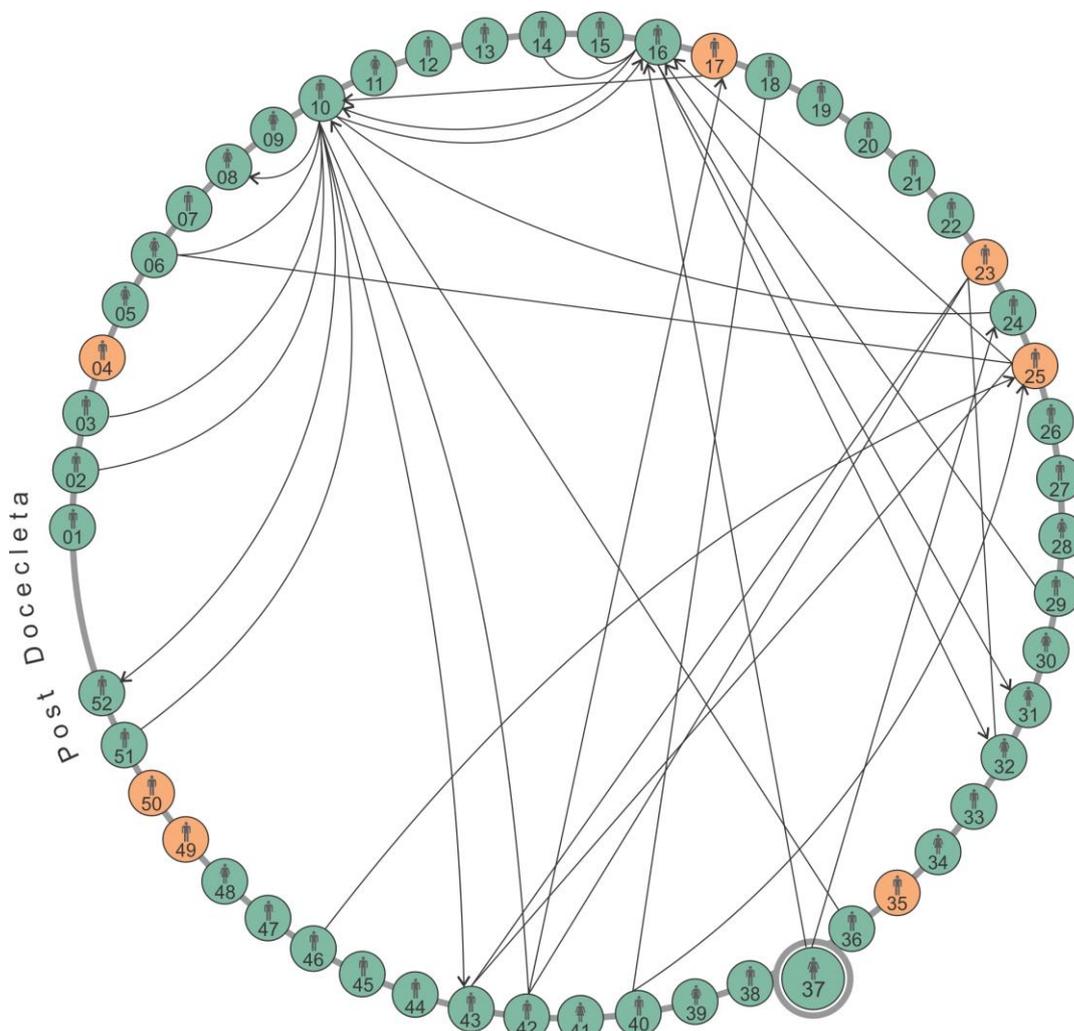
I) Sobre o predomínio dos *posts* de *protesto*.

Depois de verificarmos, de forma geral, nos *posts*, a presença do assunto de PAC do Recife e deduzirmos sobre a sua influência na formação do estado identitário do Bicicletada *online*, refletimos agora sobre ênfase de *protesto* (Tabela 3) que é dado a tais *posts* por seus agentes. Em linhas sintáticas, nos referimos à condição dos assuntos de PAC discutidos nos *posts* receberem um realce no *protesto* em quase metade das ocorrências.

¹⁰³ Dessa forma, a cidade, através das suas dimensões sociais e físicas, nos é tomada como uma “identidade”, na medida em que podemos prever uma relação dialógica entre as suas formas de apresentação e a dos seus moradores. A cidade seria o *outro* que serve de referência para a construção do *eu* morador.

Adiante, ilustramos relações de agentes Bicicletada Recife dentro do *post* Docecleta por meio de uma proposta de sociograma (Figura 36). A partir dele, conferimos sobre o assunto de PAC realçado pelo *protesto*. Os agentes, na condição de nós, estão representados por círculos preenchidos com seus respectivos números de identificação. As linhas que ligam alguns deles a outros são as suas conexões. Elas denunciam como se dão as trocas de comentários entre os agentes no interior do *post* Docecleta. As linhas na forma de vetor (de seta) indicam conexões não recíprocas (sem fala de réplica). Com a atenção sobre a dialética desenvolvida no interior do *post*, os agentes representados na cor laranja são aqueles que produzem, pelo menos, alguns comentários discordantes ou de ponderação quanto aos assuntos discutidos no *post*.

FIGURA 36 – Análise de Rede Social - *Post* "Docecleta".



Fonte: dados da pesquisa.

No *post* codificado (Figura 36), cuja autora é a agente 37M, conferimos que dois dos seus agentes se destacam como nós mais fortes, sendo apresentados como 10H e 16H.

O agente nó forte 10H participa do Direitos Urbanos e participou de iniciativas a favor do movimento Ocupe Estelita, embora, no interior do *post* Doceclela, assim como no *corpus* da pesquisa, não trate diretamente das discussões desse movimento. Dele e para ele se ramificam, assim, discussões do assunto de PAC, por sua vez, numa tônica de *protesto*. Tais discussões são mantidas também indiretamente por meio de outros agentes do *post* que, embora não tenham trocado comentários com o agente 10H, demonstram estabelecer acordo ou dialética com a sua fala.

Quando nos referimos ao agente nó forte 16H, esse também estimula o grupo *online* na direção de um debate que realça *protesto*. Ele é representante importante de outro grupo organizado que reivindica sobre direitos urbanos ligados diretamente ao uso da bicicleta na cidade do Recife.

Com a análise dos quantitativos de conexões do *post* Doceclela as quais os agentes 10H e 16H se destacam, estimamos os seus importantes papéis na construção de memórias coletivas (HALBWACHS, 2006) do grupo *online* e, por conseguinte, de um tipo de identidade coletiva reivindicada para ele.

Por fim, em linhas gerais, ao verificarmos o teor da temática dos agentes citados, com reverberação frente ao grupo do *post*, temos reforçada uma relação do Bicicletada *online* com PAC do Recife, cujo realce é feito no *protesto*.

Sobre a generalização feita (a partir dos dados analisados no *post* Doceclela, deduzimos sobre o grupo *online* Bicicletada Recife enquanto identidade reivindicada), iteramos que na subseção 5.7.3, do capítulo 5, justificamos o *post* Doceclela como o mais representativo do *corpus* desta pesquisa.

II) Sobre o predomínio de “curtidas” e comentários estar relacionado aos *posts* de *protesto*.

Com os resultados sobre a maioria das “curtidas” e comentários estar vinculada aos *posts de protesto*, focando na discussão da memória como meio de construção identitária, refletimos sobre um processo seletivo dos integrantes do Bicletada Recife quanto a sua própria produção de registros de memória (posts/comentários). A memória, como construção social, se sujeita a subtrações ou esquecimentos (CARDOSO, 2012).

Mesmo que a contemporaneidade possa ser assinalada por uma cultura de *patrimonização* (CANDAU, 2014), por uma grande preocupação pelo arquivamento de tudo que possa caracterizar a existência e feitos humanos (*ibid.*), concordamos que seria equivocado considerar indiscriminadamente todo o *corpus* da pesquisa como indicador efetivo do estado identitário do Bicletada Recife sem se ater ao fenômeno do esquecimento. Uma atenção indiscriminada sobre o *corpus* arquivado (posts/comentários) pode representar uma “obsessão patrimonial” (CANDAU, 2014) a que nós pesquisadores, como agentes também do tipo de cultura descrito, poderíamos reproduzir, chegando a conclusões equivocadas na pesquisa. Vale, então, atenção sobre o que o Bicletada *online* escolheu lembrar e esquecer em meio a sua produção de *posts*. Isso parece verificável, pelo menos, até certo ponto, por meio da atenção que podemos dar aos percentuais de “curtidas” e comentários relacionados aos *posts* (Tabela 3). O que mais é curtido e/ ou comentado, interpretamos, se caracteriza como aquilo que não deve ser esquecido, isto é, aquilo que se constitui como substrato eleito para o estado identitário reivindicado pelo grupo *online* em tela. No processo de construção de memória social Bicletada, embora a tudo “obsessivamente” e “morbidamente” (CANDAU, 2012) o grupo possa registrar e partilhar através das diversas ações individuais, não pode fugir da condição irrevogável de ter que eleger o que deve ser esquecido ou lembrado como meio de apelar sobre quem ele é enquanto identidade social (CANDAU, 2012)¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Reflete Candau (2014) que um fenômeno de “museificação” do mundo seja justamente um sintoma, uma resposta temerosa a processo fragmentário e de fragilização de identidades a que estaríamos sujeitos na contemporaneidade. Sobre isso, recomendamos a leitura do seu texto, no capítulo O Jogo Social da Memória e da Identidade (2): Fundar, Construir, do livro Memória e Identidade.

Por fim, tendo em vista as considerações expressas sobre a maior quantidade de *posts* serem de *protesto* (Tabela 3 e subseção I), sobre a maior quantidade de “curtidas” e comentários estar relacionada a tais *posts* de *protesto* (Tabela 3 e esta subseção), assim como sobre a estrutura de relações desenvolvidas no interior do *post* Doceclela evidenciar nós fortes relacionados a temas da cidade do Recife (Figura 36), com realce no *protesto*, concluímos e reiteramos sinteticamente que:

Temos um estado identitário de *protesto* para o grupo *online* Bicicletada Recife, tal como se referiu John. O grupo encontra influência nos PAC do Recife, cuja ênfase está no *protesto*. Confirmamos isso no que foi verificado no *corpus* da pesquisa e particularmente no *post* Doceclela, ao preconizarmos os registros de memória como balizas fundamentais dos processos identitários do grupo e através da concepção que prevê uma relação inseparável entre memória e identidade (CARDOSO, 2012; CANDAU, 2014).

Como desdobramento à evidência do realce de *protesto* do grupo *online*, destacamos que um estudo comparativo que envolvesse o Bicicletada Recife e um outro grupo Bicicletada radicado noutra cidade acrescentaria quanto a relação preconizada entre comportamento e ambiente urbano, isto é, sobre a pertinência de uma ecologia humana¹⁰⁵ (PARK; BURGESS; MCKENZIE apud CANCIAN, 2015). Como outro grupo massa crítica, em função das condições físicas e sociais de outra cidade, enfatizaria a reivindicação do seu estado identitário, podendo ser distinguido do Bicicletada Recife?

Comentário 2

Assunto (e, tema e subtema):

(4) Comportamento, interações e práticas sociais – socialização: autocrítica dos agentes em relação ao que seria um comportamento desejável (*online* ou no movimento de rua).

¹⁰⁵ Detalhes no capítulo 3, seção 3.4.

Descrição – Alguns agentes do grupo *online* Bicicletada Recife que se apresentaram como ciclistas do grupo enquanto movimento de rua, criticam o **comportamento** de alguns outros ciclistas desse movimento, assinalando práticas consideradas equivocadas. A fala a seguir registra a preocupação da agente Amy em relação à imagem que o grupo estaria passando para a sociedade como um todo.



Amy. A massa crítica poderia mais sim, se mostrasse ideais. Não se conquista pessoas à suas ideias mostrando o que mostra. Na bicicletada que fui, um rapaz parou um carro, o motorista pediu para passar e ele não deixou. Então o motorista avançou para cima do ciclista e o mesmo fez uma moessa no carro dele, depois começou a chutar o carro. O motorista estava socorrendo uma mulher que passava mal. Eu vi! Estava ao lado do carro! É isso que a maioria quer mostrar? Que impressão ficou?

Interpretação:

Este caso nos oportuniza retomar à discussão de uma identidade coletiva reivindicada através do processo social de constituição da memória. A partir da interpretação do comentário apresentado, temos tal processo especialmente desencadeado ora por sentimento de pertencimento ou de empatia por determinado grupo (HALBWACHS, 2006), ora através de uma forma de estratégia (BAUMAN, 2005).

Amy, ao interpelar o grupo Bicicletada *online* através das suas memórias e significado atribuído à ocorrência descrita, transfere a representatividade da ação isolada de um manifestante para tal grupo. Presumimos que isso decorre da percepção que Amy tem de pertencimento (empatia, simpatia) ao Bicicletada (HALBWACHS, 2006), assim como do que seria, para ela, a percepção de terceiros sobre esse grupo de ciclistas enquanto unidade, isto é, enquanto uma identidade coletiva. Nessa perspectiva, o comportamento de um ciclista foi posto como reprovável para todo o Bicicletada, tirando a oportunidade desse grupo “conquistar pessoas às suas ideias”. Para tanto, temos assim ilustrada a condição da “identidade” como uma **estratégia**, bem mais como algo a ser inventado no lugar de descoberta, tal como nos pareceu sugerir Bauman (2005).

Comentário 3

Trata-se da unidade de um conjunto de comentários cujos assuntos combinados são: (4) Comportamento, interações e práticas sociais¹⁰⁶ + (6) Posição ideológica¹⁰⁷.

Descrição – O agente Dan faz o convite para evento mais comum dos grupos conhecidos como Bicletadas ou Massas Críticas. Todas as últimas sextas-feiras de cada mês, integrantes desses grupos se reúnem para pedalar nas ruas das cidades aonde se encontram radicados. Dan destaca a relação do movimento com a cidade, por meio de uma proposta ativista.



Dan. Participe da Massa Crítica/Bicicleta de [...]! Temos mais de 400 pessoas confirmadas. Pegue sua bicicleta (ou qualquer veículo de propulsão humana) e venha lutar por uma cidade mais humana! [...] A "massa" é todos, inclusive você! Diferente de muitos grupos de pedaladas, representativa parte das pessoas que participam da Massa Crítica/Bicicletada partilham da ideia de que devemos ocupar as ruas, utilizando veículos de propulsão humana, lutando por respeito, espaço, justiça etc., já que parece predominar a ideologia de que as cidades, principalmente as vias, foram feitas para os modais motorizados.

Interpretação:

Identificamos na fala de Dan, partes de texto apresentado tal como se encontra escrito no Wikipédia sobre o movimento massa crítica no âmbito geral e internacional (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Massa>), o que nos leva a considerar uma ação da apropriação de Dan sobre outras falas. Presumimos, então, processo de construção de memória e identidade coletivas locais através de uma estratégia que se ancora em representações disseminadas em um âmbito internacional e generalizante sobre condição urbana e massas críticas.

¹⁰⁶ Tema: socialização. Subtemas: *posts* de realce da abrangência do movimento Bicletada no âmbito local, nacional e internacional + divulgação Bicletada do mês (movimento de rua).

¹⁰⁷ Tema: ação, discurso ou discussão de caráter ético e/ou político-partidária no tocante ao cicloativismo.

Comentários 4

Tratam-se das unidades de um conjunto de comentários cujos assuntos combinados são: (3) Comércio e marketing¹⁰⁸ + (1) Significado da bicicleta quanto ao uso¹⁰⁹ + (6) Posição ideológica¹¹⁰.

Descrição geral (da 1 a 4) – Nos grupos de comentários a seguir, podemos confirmar direcionamentos ideológicos conflitantes entre os agentes do *Bicicletada online* desde quando debatem sobre as práticas de venda dirigidas aos usuários de bicicleta na cidade do Recife, passando pelos seus hábitos de consumo até a função simbólico-comunicativa da bicicleta e acessórios.

Descrição 1 – Na primeira leva de comentários transcritos, as agentes Anna e Mary debatem sobre as práticas de comerciantes e usuários da Ciclofaixa de Turismo e Lazer, na cidade do Recife. As agentes concordam com a ideia de que os usuários da Ciclofaixa de Turismo e Lazer (Figuras 31 a 34) não são desportistas, embora alguns poderiam se julgar como tais.



Anna. Por que os lojistas oferecem e vendem bicicletas e acessórios caríssimos aos usuários das ciclofaixas de lazer, que não são desportistas?



Mary. Sobre lojistas que oferecem e vendem bicicletas e acessórios caríssimos aos usuários das ciclofaixas de lazer, que não são desportistas. Bom... é que muitas dessas pessoas acham que são desportistas. Também tem gente de grupo de pedal, que dá uma voltinha uma ou duas vezes por semana, que jura que é desportista. Aí o lojista aproveita pra ganhar dinheiro e, sinceramente, não vejo nada de mais.

Interpretação 1:

Quando Mary demonstra concordar com Anna que usuários da Ciclofaixa de Turismo e Lazer (CTL) não são desportistas, considerando “que muitas dessas pessoas acham que são”, passamos a refletir sobre o que seria, então, a outra

¹⁰⁸ Tema: de bicicletas, seus acessórios e sistemas relacionados. Subtema: compra, venda e consumo.

¹⁰⁹ Tema: instrumento prático. Subtema: desportivo.

¹¹⁰ Tema: discussão de caráter ético. Subtema: consumo.

parte de usuários que pode ser subentendida. Essa seria formada por aqueles que mesmo não se reconhecendo como desportistas, ostentariam tal condição na CTL. Dessa forma, tratamos sobre uma possível prática de **emulação** pela qual o uso de acessórios e vestuários por usuários da CTL se prestaria a uma **função simbólico-comunicativa** (BÜRDEK, 2010; LÖBACH, 2001).

Advertimos que, para constatar propriamente um processo de emulação e a sua abrangência, teríamos que avaliar diretamente sobre os significados que os usuários da CTL atribuem aos acessórios e até que ponto essas interpretações coincidem com aquelas dadas por outros grupos de ciclistas. Teríamos que avaliar, portanto, se grupos sociais compartilham de certas representações e regras relacionadas ao uso da bicicleta. Sobre isso, uma investigação sobre possível campo social do ciclismo no Recife (BOURDIEU, 2011) poderia trazer uma elucidação. **Usar determinados acessórios representaria uma “identidade desportista” para determinados grupos sociais ou de usuários da bicicleta?**

As falas de Anna e Mary nos sinaliza sobre o processo reivindicatório de identidade do Bicletada *online*, na medida que o *eu* (Anna, Mary, Bicletada) passa a ser definido frente ao que se julga como o *outro* (parte dos ciclistas da CTL), evidenciando esforços pelo alinhamento de ideias dentro do Bicletada *online*, como grupamento de interessados na prática do ciclismo. Em síntese, a estratégia apresentada garante a possibilidade da construção de um patrimônio compartilhado de experiência e memórias, em meio a dialética de diferentes ideologias, como base para as identidades coletivas reivindicadas.

Sobre a questão de diferenças ideológicas, temos que a segunda fala (Mary) expressa a visão de alguns agentes do Bicletada *online* que reconhecem os comerciantes como parte colaboradora do movimento do ciclismo, incluindo, portanto, o do Bicletada. Ou seja, reconhecem a colaboração do mundo do comércio e não expressam preconceito em relação a certas práticas de consumo, concebendo-as como ação integrante nesse campo de práticas.

Descrição 2 – Os aspectos ideológicos conflitantes são destacados em outros dialógicos, onde os envolvidos discutem a dimensão política e reivindicativa do

grupo massa crítica, num contínuo entre provocação e ironia por um lado e mediação e racionalidade por outro.

 **George.** Alguém me explica: o que é grupo de pedal? Vejo alguns comentando aqui mas não entendo. É um ônibus que leva o pessoal até um destino pra de lá cada um seguir o seu caminho?

 **Harry.** Bicicletada = cicloativismo e Grupo de pedal = ciclocapitalismo; o que difere são os propósitos e os ideais.

 **Susan.** Pronto, falou a voz do esquerdismo político. Realmente, falta foco. Quando você compra sua bike, já eh ciclocapitalismo. A não ser que você roube uma...

 **George.** Mas Susan, acho que ele tá falando de quem compra pelo serviço e não quem compra a bicicleta para pedalar. Acho o termo forte. Prefiro ciclonegócio do que ciclocapitalismo.

Interpretação 2:

Analisando as conceituações (“adjetivações”) de cicloativismo, ciclocapitalismo e ciclonegócio para esses informantes, é possível perceber a importância das memórias individuais ou dos diferentes sentidos que o ciclismo faz para essas pessoas (HALBWACHS, 2006). Uma “negociação” sobre esses sentidos deriva numa significação e responsabilização política maior sobre o espaço urbano e sua construção, sendo esse um aspecto de memória coletiva (*ibid.*).

Descrição 3 – Para além da negociação ideológica apresentada, alguns comentários refinam o sentido ou significado da bicicleta como instrumento de saúde e principalmente de esporte e lazer. Eles chamam a atenção para as experiências de vivência, de convivência e lúdicas que podem ser relacionadas à bicicleta:

 **Amy.** Grupo de pedal é: um grupo onde pessoas com a mesma intenção se reúnem para pedalar. Podem estar em oposição ao que muitos querem, mas cada um faz o que quer. Não somos obrigados a protestar nada! E ao contrário do que muitos pensam, ELES AJUDAM A DIFUNDIR O QUE É A BICICLETA, BICICLETA É UM MEIO DE SAÚDE, ESPORTE E

LAZER. E CADA QUAL FAZ A SUA MANEIRA!!! Acho legal grupos de pedalada, pois são organizados e divertidos. Fora que muitos ensinam a pessoas iniciantes a pedalar, se portar no trânsito. Ninguém sai para pedalar para ser atropelado. Vivemos no Brasil e não na Holanda!! Qual é?? Essa ideia de carrocrata ou sei lá o que chamam está totalmente em desacordo... Quer mudar o Brasil? Comece por você, incentive alguém a pedalar, ensine-o de forma agradável a respeitar o ciclista. E É ISSO QUE ELES ENSINAM. Vejam o APS, grupo maravilhoso! Reúne gente de toda as idades, pessoas que têm carro e que respeitam os ciclistas. Agora ficar se opondo ao real é perda de tempo. Violência gera violência e é isso que teremos. Eu sou a favor da gentileza.

Interpretação 3:

Destacamos a descrição da agente Amy, quando assinala que os grupos de pedal, embora não tenham pretensões políticas e reivindicativas maiores, são “organizados e divertidos”. Sobre isso, amparando-nos no que parece sugerir a teoria de Halbwachs (2006), refletimos sobre o poder catalisador da bicicleta para movimentos que congregam práticas diversas em torno do seu uso. Em torno da prática do ciclismo, em meio a condições potenciais de simpatia entre agentes, entre eles e a bicicleta, incluindo o espaço urbano apoderado, se encontra substrato da construção e partilha de memórias (HALBWACHS, 2006) e significados como fundadores de identidades coletivas reivindicadas.

Descrição 4 – Outros ainda apontam que, para além das idiosincrasias que incidem nas relações entre os agentes Bicicletada *online*, gerando dificuldades pelas distintas ideologias, há motivação convergente, sintetizada no interesse pela melhoria do espaço urbano. Isso pode ser conferido em comentário, como:



Ted. Tanta coisa pra discutir, acho que deveríamos ser mais unidos e lutar pela mesma causa que é em pro das melhorias na cidade em relação a mais espaços para as bicicletas!

Ou ainda:



John. Não lembro de ter escrito que os grupos de pedal foram os precursores do movimento. Quem realmente faz o uso da bike de maneira assídua e expositiva nunca representou nada pros governantes, infelizmente, [...].

Os dois últimos comentários, frente à classificação temática (Quadro 7), também fazem parte de grupos de comentários cujo assunto (e, tema e subtema) é:

(2) Prestação de serviço – de representação individual ou coletiva, na condição de agente político-administrativo: crítica, elogio, citação, debate, descrição, pedido de informação.

Interpretação 4:

Observamos que os agentes do *Bicicletada online* comungam da ideia de omissão dos governos locais sobre ações efetivas de melhoria da infraestrutura urbana necessária ao ciclismo. Esse objetivo se apresenta como um marco comum entre discursos que afirmam diferentes ideologias. Nesse ponto, refletimos que a cidade do Recife, especialmente como manifestação física, compreende, sob a ótica de uma ecologia humana, uma variável influente no comportamento dos que dividem esse espaço, tal como sugere a Escola de Chicago (PARK; BURGESS; McKENZIE apud CANCIAN, 2015). A cidade, tanto como a bicicleta, serviria de introcamento de diversas identidades individuais a favor de reivindicações coletivas de identidade.

Comentários 5:

Tratam-se das unidades de um conjunto de comentários cujos assuntos combinados são: (7) Aspectos físicos e sociais do meio urbano e natural¹¹¹ + (5) Gênero¹¹².

Descrição – A sequência de comentários a seguir corresponde a parte do conteúdo de um dos *posts* observados nesta pesquisa. De forma geral, todos esses comentários, através da fala dos seus agentes, tratam de condição de violência e sentimento de insegurança urbana em Recife e região metropolitana.

¹¹¹ Tema: segurança e violência. Subtema: ocorrências, condições de perigo/segurança e violência envolvendo usuários de bicicleta na grande Recife e outras localidades.

¹¹² Tema: mulher e bicicleta. Subtema: vulnerabilidade feminina quanto a possíveis atos violentos.

[...]

 53H. Pessoal, quase fui #assaltado na #232, pouco depois da entrada da BR da Arena. 2 caras, um deles com uma garrafa de 2l na mão, e meio cheia (creio que para fazer peso e poder bater), e outro com o que parecia ser uma #metralhadora. Isso mesmo que você leu, não é gíria. Consegui retornar na BR no ponto que está no mapa. Ou seja, os meliantes atacam ali (ou próximo). Não é possível que a #PMPE não tenha conhecimento, pois não seria o primeiro. Quais os responsáveis que podemos denunciar? Todo cuidado, meu povo. Compartilhem para todos e ajudem a que isso chegue a quem de direito para coibir esses atos. #Pernambuco #Bike #Pedal #Violência #Segurança #Assalto #Bicicleta #Recife #Jaboatão

 54H. Caramba... isso foi quando...???

 53H. Hj de manhã

 55H. Esse não é o primeiro assalto que fico sabendo nessa região.

 56M. Aqui mesmo no grupo já compartilharam sobre esse mesmo tipo de abordagem dos bandidos e na mesma região. Pelo visto eles batem ponto no local.

 57M. Esse mês um rapaz anunciou que foi assaltado por dois caras em que um estava com uma metralhadora. Infelizmente, ele não teve a mesma sorte, e levaram a bike dele. Não lembro se foi nesse trecho.

 53H. 56M, batem ponto, todos sabem, menos nossa polícia.

 58M. Meu Deus, tô pensando seriamente em trabalhar de bike. O q não sai da minha cabeça são essas coisas, pois largo às 22:00. Que medo. Mas graças a Deus vc está BM.

 57M. 058M, você passa pela 232?

 58M. Não, é meio perto o trabalho pra casa. Porém, como sou mulher, a facilidade é grande. Já fui maloqueira de bike. Ia pra todos os lugares. Faz tempo q não pego em uma bike, e do jeito q as coisas andam, fico mais medrosa.

Interpretação:

Destacamos desta sequência de comentários a questão de gênero. Em conformidade com relatos que abordam situações de violência urbana e sentimento de insegurança, assim como do que também foi relatado através de outras postagens como atitudes machistas, inferimos que tais ocorrências e a sociali-

zação delas por meio dos comentários podem ter relação com a confirmação de uma “identidade” predominantemente masculina no grupo de agentes observados no Bicletada *online* e *post* Docecleta, especificamente (Figura 38). Nesse aspecto, temos tal qual descreveu Cuche (1999) como possibilidade, a identidade sendo um resultado de **imposição** (não de uma escolha) frente à experiências e impressões que os agentes partilham e constroem sobre a cidade.

6.3.3 *Post* Docecleta: resultado analítico-interpretativo de adjetivações

Nesta subseção, reforçamos que tratamos do recorte no *corpus* da pesquisa que resultou no único *post* para o qual propomos **análise e interpretação de adjetivações**: o *post* “Docecleta”. Reiteramos também que ele foi considerado, conforme processo seletivo providenciado pelo uso de técnica ARS, representativo sobre o estado identitário do grupo *online* Bicletada Recife. Tal procedimento foi antecipadamente descrito no capítulo 5 e associado ao resultado de uma análise lexical. Através de análise e interpretações das adjetivações presentes no *post* Docecleta, apontamos generalizações sobre o significado da bicicleta para o Bicletada Recife.

Foi em 2015 que a agente 37M veiculou o *post* Docecleta, sendo assim a sua introdução:

 **37M compartilhou a foto de Carro pra quê?**
vou dar uma voltinha com a bicicleta (não necessariamente NA bicicleta, afinal trabalho é trabalho e moda é moda, ops)



Carro pra quê?
Carro pra quê? Você está fazendo isso errado...
Editado: como o capitalismo se aproveita de um símbolo apenas pra tirar doces de crianças...

Em linhas gerais, através do recurso da ironia, 37M deflagrou uma discussão sobre o uso da bicicleta pela empresa cujo nome fantasia é Docecleta, enquanto artefato material e repositório de significado. A agente 37M considera que tal empresa faz uso inapropriado ou ilegítimo da bicicleta para comercializar e potencialmente agregar valor aos seus produtos.

A Docecleta se trata de iniciativa comercial voltada à venda de um tipo de alimento ao qual atribui a denominação de *brownie*. Ela utiliza a bicicleta como recurso de *branding*, isto é, como forma de se identificar e se diferenciar junto ao mercado consumidor.

Conforme esclarecimento dos sócios da Docecleta, o empreendimento teve inspiração no modelo itinerante de venda *food trucks*, caminhões adaptados à venda de alimentos. Um dos sócios, segundo publicação veiculada no portal Catraca Livre (www.catracalivre.com.br, grifo nosso), explica que:

Quando montamos nossa *bike*, não tínhamos a menor ideia que '*food bikes*' eram a mais nova tendência da comida de rua. Nós só queríamos uma *bike* bonitinha, que atraísse a atenção dos clientes para o nosso produto. Depois da *bike* pronta e já nas ruas, descobrimos, em São Paulo, algumas poucas *food bikes*.

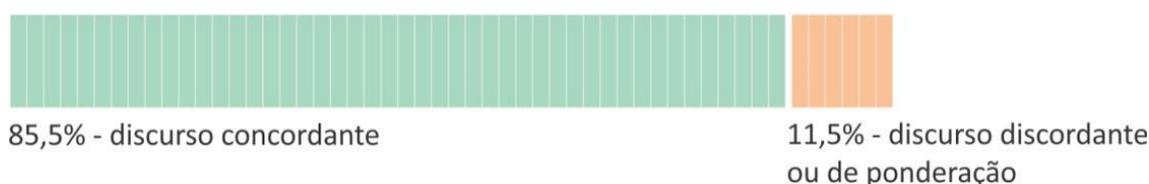
A Docecleta é uma pequena e jovem iniciativa. Em 2015, foi premiada com o Selo Disque9¹¹³ como a melhor ação de *marketing*, serviços ou procedimentos no segmento de hospitalidade brasileiro, do ano de 2014. Também é avaliada por veículos de comunicação como um *case* de sucesso. Atributos como esses foram veiculados por parte da mídia *online* e televisiva local (https://youtu.be/_5fZL_w3_Ww).

Das 96 pessoas que “curtiram” o *post* Docecleta, o que significa que concordaram ou simpatizaram, em algum grau, com a crítica de 37M, 52 delas, incluindo

¹¹³ Prêmio criado pela Mapie e pelo *blog* de tendências Disque9. A Mapie é corporação, conforme autodescrição, especializada em oferecer metodologias de gestão e gestão estratégica de serviços para empresas do segmento hoteleiro. Tem como foco a promoção de qualidade e rentabilidade dos serviços das empresas que são suas clientes, promovendo suas marcas no mercado alvo (<http://www.mapie.com.br/pt-br>). O prêmio Disque9 é resultado de concurso que reuniu 12 ações consideradas pelo *blog* Disque9 como inovadoras e criativas na hospitalidade brasileira e que foram submetidas à votação aberta entre os dias 19 de janeiro e 4 de fevereiro de 2015. A Docecleta recebeu o prêmio como melhor ideia (<http://www.mapie.com.br/pt-br>).

a própria autora do *post* Docecleta, foram usuários agentes, o que significa que veicularam comentários no seu interior, perfazendo um total de 309¹¹⁴. Do montante de agentes, destacamos muitos que também foram agentes em outros *posts* do grupo Bicicletada, na condição de nós fortes, isto é, de detentores de muitas conexões (muitos vínculos), das quais muitas recíprocas (muitas interações sociais).

FIGURA 37 – Posicionamento dos agentes quanto ao pensamento da autora do *post* Docecleta.

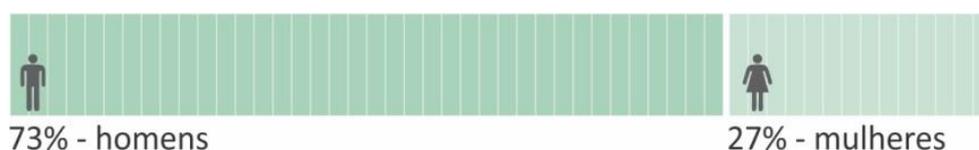


Fonte: dados da pesquisa.

Como parte do que distingue a proposta analítico-interpretativa de adjetivações, seguimos com uma verificação de concordâncias e conflitos dos agentes do *post* Docecleta (Figuras 36 e 37). Nesse processo, nossa atenção se volta para o possível conjunto de “regras do jogo” (*doxa*, crenças comuns), disposições incorporadas ou “gostos” (*habitus*) que nos informam, especialmente, sobre significação da bicicleta (BOURDIEU, 2011). Como verificável nas Figuras 36 e 37, a maioria dos agentes endossa o pensamento da autora do *post*.

Também mapeamos a condição de gênero apresentada pelos agentes (Figura 38). Dessa forma, obtendo os seguintes resultados:

FIGURA 38 – Percentual dos agentes do *post* Docecleta quanto ao gênero.



Fonte: dados da pesquisa.

Como adjetivações adotadas pelos agentes do *post* Docecleta¹¹⁵ sobre ciclistas (Quadro 8), temos:

¹¹⁴ Número alto ao considerarmos a média de 6,11 comentários por *post* (*corpus* da pesquisa).

¹¹⁵ Apesar dos termos serem encontrados no *post* Docecleta, recorremos também aos sentidos aplicados a eles quando foram apresentados nos outros *posts* do *corpus* da pesquisa. Isso vale também para as adjetivações dos Quadros 9 e 10.

QUADRO 8 – Adjetivações sobre ciclistas e tipos de pessoas.

Adjetivação	Definição
Ciclista vândalo (ou vagabundo) do reggae	Autodenominação irônica contra à ideia de que: usuários de bicicleta podem ser vistos como vagabundos ou pessoas que não se dispõem a atividades promissoras, produtivas ou valorizadas socialmente. Autodenominação irônica sobre a condição do que seria: (1) um ciclista simples no traquejo com bens materiais e/ou com a vida. (2) Ciclista despojado ou com práticas e princípios pouco ortodoxos.
Ciclista gourmet hipster bristô frescow	(1) Quem faz uso majoritário ou unicamente da bicicleta como expressão estética elitista, estandardizada. (2) Quem associa a imagem da bicicleta à venda de produtos mais caros (alimentos). (3) Ciclista melindroso, o que é o oposto do ciclista vândalo do reggae.

Fonte: dados da pesquisa/ o autor.

Como adjetivações sobre a bicicleta, suas características e produtos e serviços relacionados ao seu uso material ou a sua representação (logos, imagens, outros), temos (Quadro 9):

QUADRO 9 – Adjetivações sobre bicicletas, produtos e serviços.

Adjetivação	Definição
Bicicleta do conto do vigário	(1) Fakecleta. (2) Qualquer bicicleta cuja função esteja supostamente desvirtuada.
Barracabike	Bicicleta adaptada ou conjugada com acessórios cujo uso é voltado para o transporte e suporte dos produtos que são comercializados.
Negócio “cool”, “prafrentex”, “mais “descolado”	Empreendimento que se vale de representações vistas como positivas da bicicleta como meio de agregar valor aos seus produtos e serviços.
Fakecleta, carro-cleta	Bicicleta utilizada pela empresa Docecleta cuja função de uso seria inapropriada ou estaria desvirtuada e maculada.

Fonte: dados da pesquisa/ o autor.

Ainda como adjetivações ligadas à empresa Docecleta (Quadro 10), anuímos:

QUADRO 10 – Adjetivações relacionadas à empresa Docecleta.

Adjetivação	Definição
Carrodocecleta	Forma de se referir à empresa Docecleta.
Docecarro	Veículo motorizado particular usado para transportar bicicleta da empresa Docecleta.
Docecleta fake	(1) O mesmo que fakecleta e carro-cleta. (2) Forma de se referir à empresa Docecleta.

Fonte: dados da pesquisa/ o autor.

Tendo as adjetivações apresentadas (Quadros 8, 9 e 10) como ponto de partida para compreendermos os contextos e conflitos que fundamentam as suas significações, interpretamos essas informações a partir das seguintes questões: (1) quais são os conflitos e as possíveis incorporações (BOURDIEU, 2011) dos agentes do *post* Docecleta na significação da bicicleta? (2) Como e por que se dá o conflito desses agentes com o agente externo Docecleta?

No interior do *post* Docecleta, em linhas gerais, os seus agentes constroem adjetivações, tais quais “fakecleta” e “carrocleta”, como **antônimos** do conceito de **sustentável**. Como representação dessa significação da bicicleta, selecionamos a sequência de comentários a seguir:

 16H. Que fake!
16H. Pra vender doce, usando a imagem da sustentabilidade...

 01H. Pois é! Gastou 400 conto na **cargueira**. Era melhor ter investido isso em outra coisa pro empreendimento, feito outro nome pra essa venda de doce.

[...]

 40H. Fakecleta!
40H. Carrocleta!

 11M. Raaapaz! Eu não sabia disso, tinha achado tão bonitinha a ideia... Fiquei até com uma certa inveja de não poder vender meus doces pedalando... Mar minha gente...

 36H. Era melhor ter colocado o cesto preso na porta do carro! DoceCarro.

 40H. [...] Alguns podem até dizer que o que vale é a intenção de colocar visibilidade na bicicleta... Eu entendo isso como uma FARSA! Uma forma de LUDIBRIAR o cliente, pagando mistério e conversa fiada...

[...]

 20H. Essa bike, acho que nunca foi usada como se deve.

Para a maioria dos agentes do *post* Docecleta, a materialidade e a imagem da bicicleta não podem ser utilizadas pela empresa Docecleta porque essa não fez uso do artefato como **meio de transporte** para os doces. Seria uma atitude

“fake” da empresa – falsa, de tapeação, de propaganda enganosa – usar uma bicicleta tão somente como **suporte de mercadorias para venda**. Os agentes do *post* Docecleta, de forma geral, argumentaram que tanto eles como outras pessoas poderiam dar preferência ao consumo dos produtos Docecleta por suporem que essa empresa realiza **prática sustentável de não envolver veículo motorizado** no processo de transporte das suas mercadorias. Sobre essa questão, esses agentes destacam os aspectos negativos relacionados ao uso de veículos motorizados, especialmente os que não são de uso público e coletivo. O uso de veículos movidos a combustível fóssil é apontado como uma importante causa de alteração climática, de poluição ambiental, de conflitos. Seu quantitativo é denunciado por causar os congestionamentos urbanos. E, assim, estaria ligado a prejuízos na qualidade de vida, tornando mais difícil a realização de atividades que exijam o deslocamento das pessoas nas cidades e, em especial, na cidade do Recife. Nesse ponto, reiteramos que o Recife possui o trânsito mais lento do país, conforme levantamento feito em março de 2015 (www.diariodepernambuco.com.br). Sobre os temas elencados, selecionamos fala que generaliza o pensamento dos agentes do *post* Docecleta:



50H-D. O cara tá lucrando com a imagem sustentável da bicicleta. Só que a bicicleta só anda de carro, poluindo, congestionado, queimando gasolina, financiando os conflitos do petróleo, esquentando a cidade, fazendo barulho... Não ver problema nisso é, no mínimo, miopia.

Alguns dos agentes do *post* Docecleta argumentam sobre o que seria uma ação deliberada de *greenwashing* da Docecleta. Apontam o design de identidade dessa empresa como uma das evidências, através do qual é representado um ciclista pedalando bicicleta. Relacionado a essa interpretação, como um contrapeso, conferimos que a Docecleta também comercializa seus produtos dentro de um dos maiores centros de compras (*shopping center*) da cidade do Recife. Nesse ponto de venda, instalado no meio da praça de alimentação, há uma bicicleta customizada conforme o design de identidade da empresa tal como ocorre nas apresentações de rua. Nesse contexto espacial, consideramos difícil uma prática de *greenwashing*, tendo em vista que a bicicleta nos parece comunicar para os frequentadores do estabelecimento uma função es-

tandardizada. Para além dessa condição identitária empresarial, parece comunicar tão somente uma função de suporte dos produtos à venda.

Outro ponto de incômodo para alguns agentes do *post* Docecleta reside no fato da bicicleta ostentada pela Docecleta ser da **tipologia cargueira**, sendo essa mais uma forma supostamente indutora e inadequada da empresa comercializar seus produtos. Como já apresentado, bicicletas cargueiras estão ligadas à cultura material da cidade (Figura 35). Conforme a publicação *A Bicicleta no Brasil 2015* (2014), reiteramos que a cargueira está associada, no Recife, à imagem de **trabalhadores de baixa renda**. Dessa forma, inferimos que parte dos agentes do *post* Docecleta considera que a Docecleta reproduz “propaganda enganosa” por meio de **emulação** que essa faria sobre aquilo que representa “**algo do povo**”, quando o que é comercializado é um produto de “ciclista gourmet hipster bristô frescow”.

O pensamento de agentes do *post* Docecleta de que a Docecleta estaria se utilizando de propaganda enganosa não foi só manifestado no ambiente do grupo *online* *Bicicletada Recife*. Ele foi explicitado para uma outra audiência (mais aberta ao público *online* geral) por meio da *webpage* utilizada pela própria empresa. Houve a troca de alguns comentários entre agentes *Bicicletada* e agentes *Docecleta*. Em síntese, através dos seus representantes, a *Docecleta* argumentou sobre **não** considerar suas práticas enganosas ou ilegítimas.

Sobre a dialética estabelecida entre os agentes *Bicicletada online*, no qual 11,5% dos agentes do *post* *Docecleta* desenvolveram falas de ponderação (Figura 37), destacamos o seguinte bloco de comentários:



04H-DE. Business is Business. Imagina se esse cara mora na CDU e tem que vender em Candeias? Vai de bike é? Nessas ciclovias de Recife??? Quase todo mundo aqui precisa andar de carro um dia do ano. Não sejamos hipócritas.



43H. Morar na CDU e vender em Candeias? Por que diabos comprou uma bicicleta? Muito mais negócio ter uma van. Quem eu conheço que faz negócio de bicicleta é porque se garante de usar ela como o meio de transporte que é, ué. Um dia do ano? Sei.

 04H-DE. Tem que vender onde vende.

[...]

 16H. Então não vende em cima da bicicleta. Mas conheço gente que mora no Cabo e vem vender salada de frutas na Jaqueira... NA BICICLETA! Mas, assim, pobre pode, né? Isso é ludibriar o consumidor. Vender a bicicleta pra colher gasolina. Faz favor! Se mora na CDU e quer vender em uma bicicleta o doce em Candeias, no mínimo, seja coerente! Pendura no pescoço os doces... numa tábu. Obviamente ele vende a imagem da bicicleta junto.

[...]

No debate apresentado, 31 usuários integrantes do grupo Bicicletada “curtiram” os usuários agentes 43H e 16H, enquanto o usuário discordante 04H-DE recebeu apenas uma “curtida”. Destacamos que o usuário 16H está na seleção dos 10 agentes que são os nós mais fortes do grupo *online*, pelo menos, durante o período da segunda e mais importante fase de coleta de dados. Iteramos que a condição de nó forte de 16H pode ser conferida no próprio *post* Docecleta expresso como um sociograma na Figura 36.

Para além do assunto principal do *post* Docecleta, por via do exemplo dos últimos comentários apresentados, retomamos a discussão sobre a presença do assunto de PAC no seu interior, cujo realce está no *protesto* (já discutido na subseção anterior deste capítulo). No bloco anterior de comentários, a fala do usuário 04H-DE deixa implícita sua memória sobre a geografia da região metropolitana do Recife, na condição das distâncias entre localidades e sobre o que seria a precariedade de equipamentos urbanos (ciclovias), segundo ele, inviabilizando a escolha do uso da bicicleta como única forma de transporte e locomoção no perímetro urbano. Ainda sobre a capilaridade do assunto de PAC sobre os outros do *post* Docecleta, temos:

 16H. Conto do vigário.
Quer vender doce? Não precisa de bicicleta. Quer andar de bicicleta? Não precisa de doce.
Quer vender doce numa bicicleta? Execute no mínimo os dois: andar de bicicleta com os doces dentro.



25H-D. E se fosse uma loja de doce vendendo bike? Bike-doce? UAEUheaUEAHuehueah Vejo problema nenhum nessa galera da Docecleto. Acho estranho a bike andar de carro pra lá e pra cá... Mas segundo a galera, a bike é pesada e pá. =X E eu carregando minha namorada no bagageiro... =X UAHEuhe-aUHEAUheauhea



04H-DE. Se tivesse uma via segura, acho ele iria da CDU pra Candeias de bike. O resto todo aí é arriscar. E arrisca quem quer.

Parece-nos que o cerne da questão do caso Docecleto pode ser explicado, pelo menos em parte, por meio do conceito de incorporação (BOURDIEU, 2011). O conflito em torno do que seria legítimo quanto à forma de uso da bicicleta decorreria do choque de incorporações dos dois grupamentos sociais envolvidos, isto é, comunidade *online* Bicicletada Recife e agentes Docecleto. Para além da negociação do significado da bicicleta discutido no interior do grupo *online* Bicicletada, tal grupo, enquanto uma generalização ou reivindicação coletiva de identidade, teria a sua própria incorporação quanto à representatividade da bicicleta. Para esse artefato seriam associados conceitos que, até certo ponto, dentro de processos de naturalização, poderiam ser considerados, no interior desse grupo social, intrínsecos à bicicleta ou não, sendo isso uma das explicações para os conflitos verificados entre esse e o da empresa Docecleto.

No que nos parece se harmonizar ao processo de incorporação (BOURDIEU, 2011) inferido, ao considerarmos que o uso direto ou da imagem da bicicleta funciona como um instrumento de comunicação, tal como alertou Bürdek (2010) sobre a potencialização dessa função dos artefatos na contemporaneidade, podemos refletir que os agentes envolvidos no caso Docecleto embora possam compartilhar de um mesmo significante (a bicicleta), atribuem significados diferentes a ele. Teríamos, assim, um problema de comunicação, sendo o conflito entre agentes Bicicleta e Docecleto fruto desse desencontro.

Ao focarmos na abordagem da naturalização de representações (BOURDIEU, 2011) acerca da bicicleta, podemos discutir sobre o seu raio de alcance, ao refletirmos que as incorporações encontram tanto os seus limites nos campos sociais como podem ser articuladas entre campos distintos, por mecanismos

como o da violência simbólica (*ibid.*). Destacamos, então, que agentes do *marketing* e alguns políticos, que se valem da publicidade, têm contribuído mais recentemente para uma partilha, em grande escala, de metamemórias (CANDAU, 2014) que difundem o que seriam aspectos positivos relacionados ao uso da bicicleta. Da mesma forma, esses interlocutores têm se apropriado de uma construção de imagem positiva da bicicleta para agregar valor a produtos ou serviços, se identificar e associar a própria imagem a qualidades de bons gestores e legisladores públicos frente a determinados consumidores ou eleitores, especialmente de camadas médias da sociedade. Nesse ponto, vale ressaltar que membros dessas camadas aderiram e valorizam o uso da bicicleta como parte de um estilo de vida que seria mais saudável, sustentável e cidadão. Eles, enquanto membros de camadas médias, costumam ter visibilidade, sendo dotados de *habitus* com potencialidade de ser reconhecido como “bom gosto” por outras camadas da sociedade de menor capital econômico¹¹⁶ (BOURDIEU, 2011).

Como exemplo dos processos descritos, citamos algumas recentes campanhas publicitárias que se valeram do fenômeno atual do ciclismo e da imagem positiva que esse pode ostentar. No Recife, propostas de venda de imóveis de médio a alto padrão foram associadas a uma ideia positiva da bicicleta. Numa propaganda impressa, através da imagem de uma família de camada social média ostentando bicicletas e indumentária que incluía capacetes, foi argumentado que se alguém procurava por qualidade de vida, certo empreendimento imobiliário era uma ótima opção de moradia. No âmbito nacional, fomos expostos à propaganda de automóvel que também associou a bicicleta a qualidades positivas. Nas propagandas mencionadas, a bicicleta foi evocada como sinônimo de bons hábitos (saudáveis), de possibilidade de lazer com o usufruto da convivência entre pais e filhos, do sustentável, de estilo moderno e jovem de vida, do uso simbiótico de carro e bicicleta.

A respeito da significação e da apropriação de significado positivo da bicicleta, poderá ser observada imagem que foi exposta neste capítulo. Na Figura 32 é

¹¹⁶ Paradigma da violência simbólica (BOURDIEU, 2011).

retratada estratégia publicitária de candidato político que associa sua imagem ao uso da bicicleta. O candidato político é apresentado com indumentária e acessórios que são majoritariamente usados por alguns membros de camadas médias da sociedade quando no uso da bicicleta. Sobre a contraposição disso, nas Figuras 34 e 35, vale conferir usuários de bicicleta de camadas mais populares. Além da tipologia diferenciada das bicicletas nesses casos (tipo cargueira, por exemplo), evidencia-se a ausência dos acessórios que aparecem na situação da publicidade política (Figura 32).

Apesar de haver as condições acima expostas que apontam para uma partilha e construção de certos significados relacionados ao uso da bicicleta em âmbito nacional, destacamos que, especificamente no âmbito local, tais difusões de representações da bicicleta estão enfatizadas em uma dimensão lúdica ou prática de lazer ou desportista através dos agentes de *marketing* e políticos exemplificados. Tal ênfase, assim, se choca com aquela dada pelo Bicicletada. Para esse grupo *online*, como respondido nesta pesquisa, teremos a bicicleta priorizada como representante da qualidade de vida por meio da função móvel e da sustentabilidade.

Por fim, temos que: enquanto o conflito entre os agentes Bicicletada no interior do *post* Doceclela nos oportuniza acompanhar o que seria a partilha de memórias (CANDAUI, 2014) como substrato para uma significação de grupo sobre a bicicleta, a sua discussão com agentes externos da empresa Doceclela nos chama atenção para um possível choque sobre o que seriam os “bons modos” ou o “bom gosto” (BOURDIEU, 2011). Nessa perspectiva, “[...] o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretencioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro”. (BOURDIEU, 2011, p. 22). E isso nos oportunizou apontar razões do conflito Bicicletada e Doceclela e confabular sobre o que poderia ser investigado à luz da existência de um possível campo social do ciclismo, sendo esta uma questão que poderá ser respondida numa outra proposta de pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 SOBRE A APROPRIAÇÃO TEÓRICA E ESTRATÉGIAS DA ESCRITA

Reafirmamos a importância da discussão da **temática da identidade para teoria e método** do design, especialmente a partir do que foi preconizado sobre a dinamização da conjuntura sociocultural (BAUMAN, 2005) e demandas contemporâneas (a partir dos anos de 1990) que exigiram dos designers maior atenção sobre o usuário (GOLIN et al., 2009; KARWOWISKI, 2005) e sobre as funções comunicativas dos artefatos (BÜRDEK, 2010).

Ao considerarmos a **relação intrínseca design e sociedade** (BRAGA, 2011; LINS et al., 2014), reconhecemos as contribuições das ciências sociais para a formação do campo do design, entre elas, as discussões sobre o **processo identitário como reivindicação coletiva**. Da mesma forma, reconhecemos contribuições da **psicologia cognitiva**. Resultados de experimentos dessa disciplina nos deram suporte para a elaboração do constructo EMSI.

No processo de articulação teórica, destacamos as falas de pesquisadores do design como Bürdek (2010), Bonsiepe (2011) e o historiador Rafael Cardoso (2012). Este último pesquisador teve papel fundamental para o nosso interesse pela discussão dos processos identitários integrada a **de experiências diretas, memória e significação**, assim como na concepção do constructo EMSI.

Sensibilizados com o paradigma da provisoriedade da “identidade” e com a potencialização dessa condição ao efeito de uma modernidade “líquida” (BAUMAN, 2005), lançamos mão da ideia de “**estados identitários**”. Como esclarecido, se trata de apropriação estratégica do fenômeno provisório da “identidade”. Isso por meio de **recorte temporal e espacial**, buscando atender a expectativas **pragmáticas** do design quanto à sua atenção aos **perfis de usuários e suas relações funcionais e de significação com os artefatos**. Em proveito da discussão, destacamos também o termo “**adjetivações**”. Preferimos que tanto este como o primeiro sejam vistos como conceitos ainda **em construção e passíveis de revogação**. Nesse processo, poderemos ainda reconhecer ou não a pertinência deles frente à teoria já constituída até a atualidade e que imprime

seus próprios conceitos e técnicas dotados de consistência e reconhecimento no meio científico.

Embora cautelemos sobre a possibilidade de podermos evoluir nas discussões que fundamentaram a **operacionalização abstrata do constructo EMSI** e a sua **ilustração**, assim como nas situações de **confrontação empírica** como forma de argui-lo enquanto possível **modelo**, assentimos que a sua representação gráfica nos parece traduzir bem, através do seu regime de setas, a **relação memória e identidade**, especialmente descrita e argumentada por Cardoso (2012).

Neste trabalho, nos dedicamos à constituição de **notas explicativas, descritivas ou de outras informações complementares**. Destacamos a importância desses conectivos, tendo em vista a natureza **transversal** da nossa proposta de pesquisa. Destinamos a eles uma função conciliadora de campos, visando tornar acessível a compreensão da discussão tanto para os interessados ou estudiosos do design, como das ciências sociais, entre outras disciplinas. Apesar de muitas notas serem longas, essas representam empenho pela **síntese** de ricos arcabouços teóricos e que buscamos compreensão a partir de vastas leituras, reflexões e algumas consultas a colaboradores e especialistas.

Tendo em vista nossa formação acadêmica mais próxima do design, o esforço de transversalidade foi maior na busca por conectivos das ciências sociais e sobre eles esperamos **retificar** e **amadurecer** vários aspectos que possam ainda ser identificados. Críticas e sugestões advindas de especialistas serão muito importantes a considerar nosso interesse pela continuidade nos estudos, nosso compromisso com códigos éticos e com a qualidade das colocações que articulamos.

Buscamos construir um texto que permitisse certa independência entre os capítulos e algumas seções. Isso representou várias situações de reiteração.

Apesar do **aspecto exploratório** do estudo de caso Bicicletada Recife, reafirmamos que uma das principais contribuições deste trabalho está na sua **articulação teórico-metodológica**, além de reflexiva que antecede essa etapa.

7.2 SOBRE O CASO BICICLETADA RECIFE: METODOLOGIA E RESULTADOS

No processo piloto de confrontação empírica do constructo EMSI, isto é, no primeiro passo para a sua possível validação como modelo científico, embora tenhamos presumido que o estado identitário do Bicicletada possa ser interpretado como o resultado de uma operacionalização das variáveis *memória* e *significado*, nas formas, respectivamente, de registros de memória e adjetivações, outras maneiras de operacionalizar empiricamente o constructo EMSI poderão ser propostas. Isso poderá decorrer de um avanço na pesquisa com o Bicicletada ou ainda no trato de outras pesquisas cujas variáveis possam ser ainda as mesmas que sinalizamos. Vale reforçar, nesse ponto, que o constructo EMSI se destinou a atender **expectativas pragmáticas do design** e, talvez, aí esteja o seu limite. Ademais, expomos o nosso interesse em experimentá-lo por meio de parcerias com outros pesquisadores e através dos seus respectivos trabalhos.

Voltando-se aos aspectos exploratórios do caso Bicicletada Recife, temos que tanto a **bicicleta** como a **cidade** foram evocadas como objetos do design e que **suscitam debates calorosos na contemporaneidade**. Nesse entroncamento, reiteramos que a bicicleta está hoje em pautas de discussões que tratam da viabilidade e da qualidade de vida nas cidades, enquanto a cidade é cenário físico e social onde é condensada grande parte das expectativas, ações e representações da sociedade atual. A relação desses artefatos com modos de vida, sustentabilidade e outras problemáticas da vida na cidade nos estimularam como aspirantes à pesquisa.

Foi-nos importante, neste trabalho, abordar e discutir a Bicicletada Recife a partir da sua condição de comunidade *online*, tendo em vista a verificação da **relevância da internet nos processos de socialização e organização desse grupo**. A internet como **artefato cultural** (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013) nos permitiu refletir sobre tal grupo enquanto movimento de rua ou manifestação *offline* também, embora tenhamos sido restritivos sobre qualquer conclusão a esse respeito neste trabalho. Além disso, por meio desse estudo, pude-

mos discorrer sobre propostas metodológicas que emergem como alternativas a uma realidade “líquida” na qual relações são feitas por conexões (BAUMAN, 2005). A pesquisa *online*, diante dessas circunstâncias, representou uma estratégia vantajosa como recurso de observação e análise dos processos identitários do Bicicletada. Para além da possibilidade de acompanhamento da realidade dinâmica, fatores como baixo custo e possibilidade de trabalho com grande quantidade de dados são algumas das vantagens relacionadas a este tipo de pesquisa (KOZINETS, 2014).

Quando discutimos sobre o emprego de técnica de análise de rede social (ARS), baseado em nós e conexões, salientamos sobre a forma artesanal na qual ele foi adaptado neste trabalho. Consideramos que isso nos ajudou no processo interpretativo da pesquisa, isto é, no seu processo qualitativo de elucidação. Por outro lado, ficamos mais limitados no levantamento e tratamento quantitativo dos dados, sendo esses o resultado de um recorte reduzido se comparado ao que poderia ser alcançado com a utilização de aplicativos específicos no processo.

Ao considerarmos a adoção do método netnográfico “puro” não participativo nesta pesquisa, isto é, ao anuímos investigação focada exclusivamente em ações e interações sociais desenvolvidas no ambiente virtual e sem que tivéssemos providenciado interação com os usuários do grupo *online*, ponderamos sobre a nossa intenção de abordagem de outra proposta metodológica no futuro. Com a possibilidade de continuidade da nossa formação como pesquisadores e, nessa condição, de optarmos pelos desdobramentos da pesquisa Bicicletada ou do fenômeno do ciclismo, prevemos atenção para o método netnográfico misto nessa possível nova fase, tal qual recomenda Kozinets (2014) como fator da qualidade em pesquisa netnográfica. Vale reiterar que a pesquisa netnográfica mista “[...] combina a coleta de dados e interações *online* com dados e interações coletadas por meio do contato face a face” (KOZINETS, 2014, p.177, grifo nosso).

As confrontações empíricas associadas à classificação temática e que envolveram proposta analítico-interpretativa de adjetivações ainda foram pequenas e

experimentais. Prevemos, com isso, interesse por novo trabalho mais dedicado a aspectos empíricos de pesquisa e sua sistematização mais rigorosa.

Anuímos que a classificação de *posts/comentários* (Quadro 7) consegue abarcar a temática do *corpus* da pesquisa, porém mesmo depois dos vários ajustes que sofreu até a apresentação final, ainda carece de ajustes. Tal iniciativa poderá melhorar a categorização de maneira que possamos eliminar ou minimizar situações as quais um mesmo grupo de comentários possa ser multiclassificado, contrariando recomendação de Minayo (2012).

Vale iterar que, embora tenhamos requisitado a teoria de Espaço Social (BOURDIEU, 2011) neste trabalho, não identificamos um possível campo social do ciclismo como meio para o desenvolvimento ou resultado das nossas análises e interpretações. No entanto, consideramos que a proposta sistemática ancorada no levantamento de adjetivações, por sua vez amparada em algumas falas de Bourdieu (2011), ajudou no esclarecimento sobre dialética dos agentes Bicicletada Recife enquanto comunidade *online*, confirmando e desvelando alguns aspectos da sua significação feita em relação à bicicleta.

Para além de uma representatividade lúdica e de socialização, a bicicleta representa para o Bicicletada Recife *online*, principalmente instrumento de reivindicação, qualidade de vida por meio da função móvel e da sustentabilidade.

Constatamos que os usuários agentes do Bicicletada *online* que anunciaram o uso da bicicleta na cidade do Recife, de forma geral, costumam usá-la como meio de locomoção em atividades cotidianas, pertencendo a camadas médias da sociedade. O traço característico de engajamento político-ideológico, com a exposição de valores sociais e democráticos não costuma ser expresso ou valorizado de forma político-partidária pelo grupo. Ademais, as divergências ideológicas encontradas no grupo convergem para o acordo da falta de governantes que viabilizem políticas e ações públicas que favoreçam o ciclismo.

Salientamos que no jogo que existe entre memória e identidade, há o aspecto do esquecimento (CANDAUI, 2014). Se para a identidade, temos perspectivas

relacionais, reivindicatórias e estratégicas, incluindo a da imposição (CUCHE, 1999) nos seus processos constitutivos, o mesmo refletimos para o esquecimento. Sinteticamente, preconizamos sobre seu papel no processo identitário do grupo analisado. Isto significou distinguir que nem tudo que foi postado pelo grupo se traduziria na generalização do que ele é enquanto reivindicação coletiva de um estado identitário. A nossa atenção, assim, também se voltou para quanto os *posts*/comentários reuniram ou estimularam novos comentários e “curtidas”, para a qualidade e quantidade de conexões expressas por meio de nós fortes na rede social *online* estudada. Os *posts* sem essa reverberação foram considerados por nós como aquilo “que foi escolhido para ser esquecido” e, portanto, o que não era valorizado como reivindicação de identidade coletiva.

Quanto ao que seria uma resposta sobre o estado identitário do grupo *online* Bicicletada Recife, iteramos sobre a cautela em delimitar essa generalização no tocante aos **usuários agentes**, como subgrupo do grupo *online*. Vale ater-se que o grupo como um todo é também é constituído pelos usuários não agentes (aqueles que não desenvolveram atividade de postagem no ambiente virtual). Embora possa se apresentar no interior do Bicicletada *online* condições para partilha de representações de memórias entre **todos** os seus integrantes, sendo esses usuários agentes ou não, julgamos que não podemos inferir de forma a incluir a parcela dos usuários que nada postaram. Refletimos, no entanto, que os usuários não agentes poderiam ter sido incluídos nas nossas conclusões por meio de alguma estratégia que pudesse investigar sobre a afinidade, simpatia ou **empatia** (HALBWACHS, 2006) entre todos os agentes. Isso poderá ser amadurecido numa nova proposta de pesquisa.

Mesmo sem podermos aferir o grau e a extensão do alcance, concluímos que os usuários agentes do Bicicletada contribuem para a produção de um olhar responsável sobre si e sobre os usuários não agentes a respeito da cidade e do uso da bicicleta. É através de uma dimensão relacional, essa que viabiliza uma partilha de experiências “deslocadas” vividas pela sociedade, que a bicicleta integra as representações relativas à cidade. Disso decorre seu papel emblemático, de **signo** potencialmente mobilizador no processo social descrito.

Sobre o estado identitário reivindicado pelos usuários agentes do grupo *online* Bicicletada Recife, conferidos desde o dia 10 de fevereiro a dois de março deste ano (2015), e com potencial de influência sobre os demais integrantes do grupo *online*, movimento de rua e a sociedade, temos ainda:

A) O grupo reivindica, em linhas gerais, estado identitário análogo ao que é descrito sobre ele.

Nesse ponto, verificamos se havia diferença entre descrições encontradas sobre o Bicicletada e as suas práticas suscitadas através dos *posts/comentários*. Concluímos a esse respeito que os comentários do Bicicletada *online* evocaram situações de fruição individual e o seu enraizamento coletivo nas dimensões lúdica e de *protesto* (político-reivindicatória), tal como é descrita genericamente a “identidade” das massas críticas em *sites* como wikipédia e *Critical Mass* de São Francisco.

B) O grupo é influenciado pelas condições físicas e sociais da cidade do Recife.

Tal conclusão também decorre da consideração do papel da memória como representação fundadora dos processos identitários (CANDAU, 2014; CARDOSO, 2012) e da observação de comportamentos como meio que costumamos balizar nossa interpretação *sobre o que o outro é*, isto é, sobre o que atribuímos ser o *outro* através das suas práticas. A partir das perspectivas sinalizadas, os registros de memória (*posts/comentários*) investigados são *evidências* do quanto os PAC são importantes como substrato da construção de uma memória social do grupo estudado e, por conseguinte, para a compreensão do seu estado identitário. Tais registros de memória apareceram com expressiva capilaridade e frequência na temática verificada nos *posts/ comentários*. Em linhas sintéticas, dessa forma, confirmamos a cidade do Recife como influenciador do estado identitário dos agentes do grupo analisado.

Ao nos voltarmos ao teor dos PAC do Recife, com base no que se prevê na discussão da ecologia humana (PARK; BURGESS; MCKENZIE apud CANCIAN, 2015), inferimos que as experiências específicas vividas e partilha-

das entre agentes do Bicletada Recife têm influência na sua identidade cicloativista reivindicada com realce no *protesto*. As metamemórias desenvolvidas por esses agentes quanto à qualidade e tipologia urbanas, às práticas e cultura de ocupação das ruas, ao trânsito/ congestionamento de veículos motorizados, à problemas de acessibilidade da cidade com precariedade no transporte público, à segurança pública etc. como representações partilhadas dos seus PAC justificariam, assim, um estado identitário de grupo cujos membros têm como característica enfatizar o *protesto* em contrapartida ao aspecto lúdico do movimento a qual se irmanam.

Ainda sobre o estado identitário de *protesto* reivindicado pelo Bicletada Recife em função de uma influência da cidade, podemos confirmar a relação desse grupo com movimentos ativistas relacionados ao Recife (Direitos Urbanos, AMECiclo). O teor das discussões de tais movimentos ativistas foi encontrado nas discussões do Bicletada. Outrossim, nos chamaram atenção os relatos de comportamentos dos agentes que foram condicionados às situações de insegurança e violência na cidade do Recife. A questão de gênero, por exemplo, aparece relacionada a essa condição e ao machismo, entre algumas outras possibilidades. Esse dado relacionado à condição social da cidade, inferimos, contribui para a confirmação de uma “identidade” predominantemente masculina no grupo de agentes observados no *post* Docecleto (Figura 37). Nesse aspecto, tal qual elencou Cucho (1999), refletimos sobre a “identidade” hegemonicamente masculina do Bicletada Recife ser bem mais o resultado de uma **imposição**, não de uma (mera) escolha.

Diante das considerações inferidas, indicamos a realização de **estudos comparativos**. Pois, para além de um nível possível e mais ou menos comum de experiências diretas e metamemórias partilháveis (CANDAU, 2014) sobre as cidades, das significações e reivindicação de identidades coletivas advindas disso, possamos pensar nos níveis que enfocam as peculiaridades dos grupos. Discorramos sobre o que torna singular os grupos de massas críticas frente às peculiaridades dos espaços urbanos nos quais se encontram radicados e sob influência.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALEXANDER, Chistopher. *Notes on the synthesis of form*. Estados Unidos: Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1964.
- AMECICLO. Disponível em: <<http://www.ameciclo.org/a-ameciclo>>. Acesso em: 20 de dez, 2013.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2012.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.
- BONSIEPE, Gui. *Design, cultura e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2ª ed. revisada. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Zouk, 2015. ISBN 978-85-8049-012-1.
- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BRAGA, Marcos da Costa. (org.). *O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional*. São Paulo: editora Senac, 2011.
- BÜRDEK, Bernhard E. *História, teoria e prática do design de produtos*. São Paulo: Blücher, 2010.
- CANCIAN, Renato. *Escola de Chicago - contexto histórico: pesquisas centradas no meio urbano*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/escola-de-chicago---contexto-historico-pesquisas-centradas-no-meio-urbano.htm>>. Acesso em: 15 de dez. 2014.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.
- CARVALHO, Alecir F. *Design e identidade: estudo de casos aplicados no Brasil*. 2012. 112f. Dissertação (mestrado) – Escola de Design, Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- CATRACA LIVRE. *Startup que vende brownies personalizados em Recife ganha prêmio*. Disponível em: <<https://quemnova.catracalivre.com.br/inova/startup-que-vende-brownies-personalizados-em-recife-ganha-premio>>. Acesso em: 15 de mai. 2015.
- CICLOCIDADE. *A bicicleta no novo plano diretor estratégico*. Disponível em: <<http://www.ciclocidade.org.br/biblioteca/pesquisa-ciclocidade/file/69-a-bicicleta-no-novo-plano-diretor-estrategico>>. Acesso em: 5 de jan. 2015.
- CUCHE, Denis. *A Noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- CYCLE AWARE WELLINGTON. Disponível em: <<http://cyclingwellington.co.nz/2012/09/critical-mass-this-friday-3/>>. Acesso em: 3 de jun. 2015.

- DAMAZIO, Vera. **Design e emoção**: alguns pensamentos sobre artefatos de memória. In: P&D - CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 7º, 2006, Curitiba: Unicenp.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Recife é a cidade com o trânsito mais lento do país e é a sexta no ranking mundial**. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/03/31/interna_vidaurbana,569168/recife-e-a-cidade-com-o-transito-mais-lento-do-pais-e-e-a-sexta-no-ranking-mundial.shtml>. Acesso em: 15 de mai. 2015.
- DIREITOS URBANOS. **Sobre**. Disponível em: <<http://direitosurbanos.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 16 de dez. 2013.
- DITTRICH, Ivo José; LOPEZ, Débora Cristina. **Identidade lingüística**: regionalização ou padronização? Revista PJ: BR. Ed. 5. 2005. Escola de comunicações e artes. USP. ISSN 1806-2776. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/documento5_c.htm>. Acesso em: 1 de jun. 2015.
- DORTIER, Jean-François. **Dicionário de ciências humanas**. Coordenação da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. Verbete Identidade, p. 282-284.
- DREWS, Claudio. **Sensação e percepção (resumão)**. Disponível em: <<http://psicologiarg.blogspot.com.br/2008/04/sensao-e-percepo-resumo.html>>. Acesso em: 16 de fev. 2015.
- FACEBOOK. **Central de ajuda do Facebook**. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/help/220336891328465>>. Acesso em: 5 de mar. 2015.
- FACEBOOK. **Bicicletada Recife**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/bicicletadarecife/?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 5 de mar. 2015.
- FACEBOOK. **Declaração de direitos e responsabilidades**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/legal/terms>>. Acesso em: 20 de jul. 2015.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário do Aurélio**: dicionário de português. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/identidade>>. Acesso em: 12 de abr. 2015.
- FRANKLIN, Karen. **Os conceitos de doxa e episteme como determinação ética em Platão**. Educar, Curitiba, n. 23, p. 373-376, 2004. Editora UFPR.
- FOUND SF. **Critical mass xerocracy**. Disponível em: <http://foundsf.org/index.php?title=Critical_Mass_Xerocracy>. Acesso em: 6 de jan. 2015.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013. 239 p. (Coleção Ciberultura). ISBN- 978-85-205-0594-6.
- GUIMARÃES, Ana Lúcia Santos Verdasca. **Design, sociedade e cultura**: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos. Santa Catarina, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, março de 2007.
- GOLIN, Geisa, et al. **Mapas mentais de deficientes visuais como suporte ao design da informação urbana na Web**. InfoDesign, São Paulo, v. 6, n. 1, 2009, p. 15-25.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. 8ª Reimpressão (2015). S. Paulo: Centauro, 2006.
- I HEART MIAMI. **Miami critical mass**. Disponível em: <<http://blog.iheartmiami305.com/2014/05/fri-530-miami-critical-mass.html>>. Acesso em: 3 de jun. 2015.
- INFOPEDIA. **Cultura material**. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$cultura-material](http://www.infopedia.pt/$cultura-material)>. Acesso em: 1 de fev. 2015.
- KARWOWISKI, W. (2005). "Ergonomics and Human Factors: The Paradigms for Science, Engineering, Design, technology, and Management of Human – Compatible Systems," Ergonomics, 48(5): 436-463.

- KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LINS JR., William; JESUMARY, Gabriela; MEDEIROS, Kátia. **The construction of a collective memory of urban space: exploring the experiences reported by cyclists in Recife – Brazil**. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON DESIGN & EMOTION, 9th, 2014, Bogotá. Colors of care: the 9th conference on design & emotion. Bogotá: Ediciones Unian-des, out. 2014. p. 105-111. ISBN 978-958-774-070-7.
- LINS JR., William; ANDRADE, Marcela; WANDERLEY, Pollyanna; BARROS, Rafaela Queiroz de. **Bases comuns do design: uma discussão sobre o impacto e papel social do design**. In: ConCAC – CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO, 1º, 2014, Recife: UFPE.
- LÖBACH, Bernd. **Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais**. São Paulo: Blücher, 2001.
- MAPIE. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.mapie.com.br/pt-br/quem-somos>>. Acesso em: 15 de mai. 2015.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. PELISSARO, Joel. **Sobre conceitos, definições e constructos nas ciências contábeis**. In: BASE – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos. Unisinos: maio/agosto 2005.
- MATHEUS, Letícia. **Memória e identidade segundo Candau**. Revista Galáxia. São Paulo, n. 22, p. 302-306, dez .2011.
- MINAYO, Cecília (org.). DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Coleção Temas Sociais. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- MORAES, Dijon de. **Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem**. São Paulo: Blücher, 2006.
- MOZAMBIQUE BIKE CULTURE. **Let's ride this Friday**. Disponível em: <<http://mozambiquebikeculture.blogspot.com.br/2010/09/aparecam-no-ccfm-praca-da-independencia.html>>. Acesso em: 3 de jun. 2015.
- OBSERVATÓRIO DO RECIFE. Disponível em: <<http://www.observatoriodorecife.org.br/>>. Acesso em: 2 de jun. 2015.
- PAZMINO, Ana Verónica. **Metodologia de projeto de produto com abordagem social no desenvolvimento de carrinho de coleta de materiais recicláveis**. Artigo publicado no Terceiro Congresso Internacional de Pesquisa em Design. Rio de Janeiro, 2005.
- PORTAL DO GOVERNO DE PERNAMBUCO. **Secretaria das cidades: plano diretor ciclovitário da região metropolitana do Recife**. Disponível em: <http://www.cidades.pe.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=3278071&folderId=10787755&name=DLFE-54901.pdf>. Acesso em: 4 de mai. 2015.
- PORTO EDITORA. **Dicionário da língua portuguesa**, 2015.
- PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/a-cidade/dados-estatisticos-e-indicadores-demograficos2010/#sthash.cyYsflb6.dpuf>>. Acesso em: 10 de jan. 2014.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (ONU). **Atlas de desenvolvimento humano no Brasil - região metropolitana do Recife**. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/IDH/AtlasGrandeRecife.aspx?indiceAccordion=1&li=li_AtlasRegioesMetropolitanas>. Acesso em: 5 de jan. 2014.
- REIS, Alexandre Amorin. **Design e emoção, uma fronteira que nunca existiu**. Disponível em <<http://abcdesign.com.br/por-assunto/teoria/design-e-emocao-uma-fronteira-que-nunca-existiu/>> Acesso em: 21 de Ago, 2013.
- SAN FRANCISCO CRITICAL MASS. Disponível em: <<http://www.sfcriticalmass.org/>>. Acesso em: 10 de jan. 2014.

- SHEDROFF, Nathan. **Information interaction design**: a unified field theory of design. Disponível em: <<http://www.nathan.com/thoughts/unified/>> Acesso em: 30 de jul. 2014.
- SILVA, Hugo Vandr  Cavalcanti da. **Estandartes, bandeiras de festa e tradi o**. Recife, 2015. Disserta o *in process* (Programa de P s-Gradua o em Design) - PPGD/ Universidade Federal de Pernambuco, maio de 2015.
- STAVENHAGEN, Rodolfo. **Estratifica o social e estrutura de classe**. Tradu o Maria da Gl ria Ribeiro e Moacir G. S. Palmeira. IN: VELHO, Ot vio Guilherme et al (orgs.). *Estrutura de classes e estratifica o social*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- WESCH, Michael. **The Machine is us/ing us**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=NLIgopyXT_g>. Acesso em: 20 de ago. 2014.
- WIKIPEDIA. **Design thinking**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Design_thinking>. Acesso em: 13 de abr. 2015.
- WIKIPEDIA. **Massa cr tica (evento)**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Massa_Cr tica>. Acesso em: 5 de jan. 2014.
- WIKIPEDIA. **Pierre L vy**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_L vy>. Acesso em: 5 de jan. 2015.
- WIKIPEDIA. **Modelo cient fico**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Modelo_cient fico>. Acesso em: 5 de mar. 2015.
- XPATLOOP. **Helpers.hu recommends: critical mass bike ride**. Disponível em: <http://www.xpatloop.com/news/helpershu_recommends_critical_mass>. Acesso em: 3 de jun. 2015.